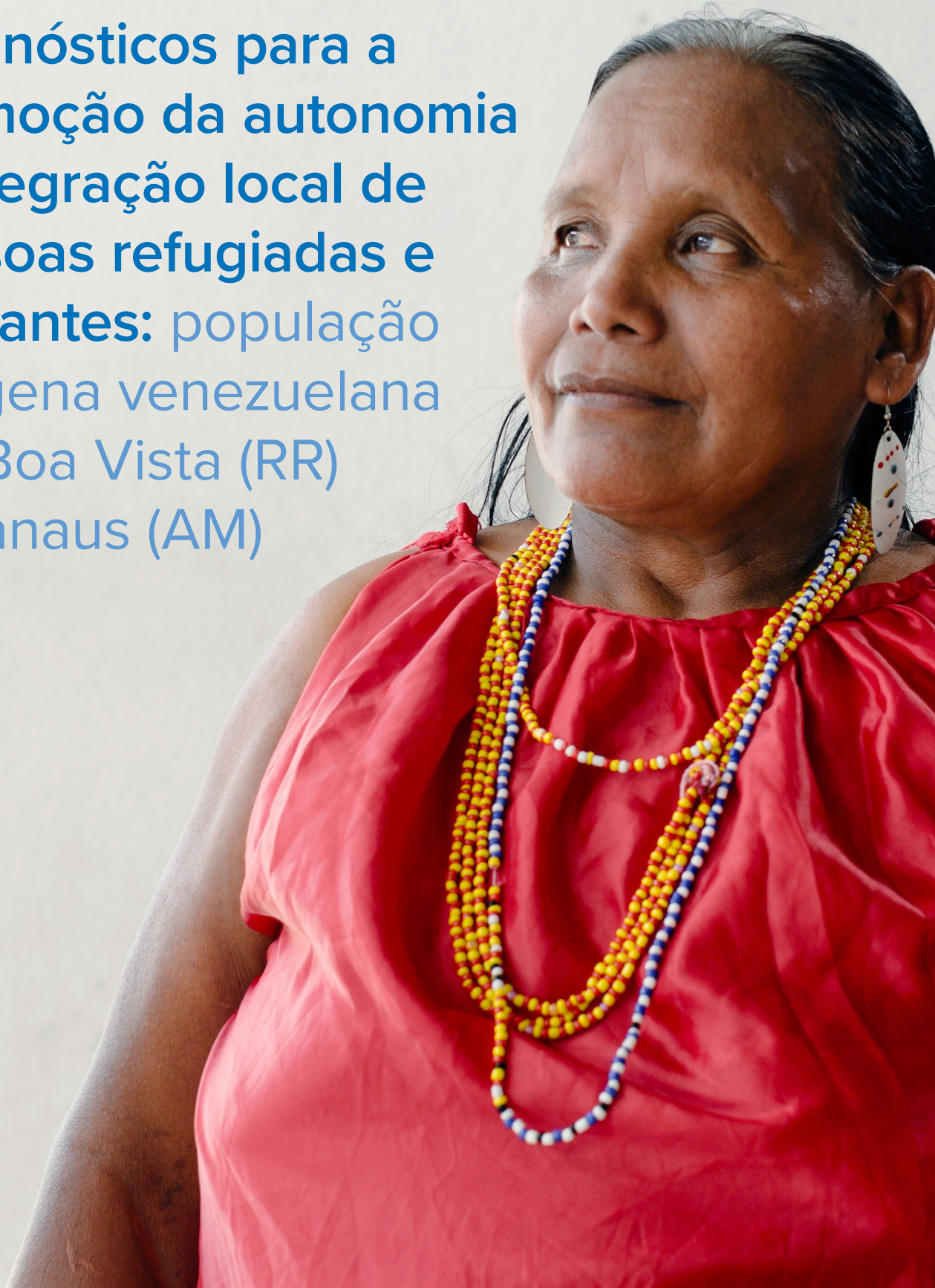




**UNHCR
ACNUR**

Agência da ONU para Refugiados

**Diagnósticos para a
promoção da autonomia
e integração local de
pessoas refugiadas e
migrantes: população
indígena venezuelana
em Boa Vista (RR)
e Manaus (AM)**



Editorial

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Davide Torzilli – *Representante do ACNUR no Brasil*

Oscar Sanchez – *Representante Adjunto do ACNUR no Brasil*

Sara Angheluddu – *Chefe de Escritório do ACNUR em Boa Vista*

Laura Lima – *Chefe de Escritório do ACNUR em Manaus*

Paulo Sergio de Almeida – *Oficial de Meios de Vida do ACNUR no Brasil*

Associação Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI) Brasil

Fabrizio Pellicelli – *Diretor Presidente*

Kamilla Marcelle Isabel Jungo – *Oficial Sênior para Assuntos Indígenas*

Mariana Rosa Guimarães – *Gerente de Acordos e Processos*

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE TEXTO

Polis Pesquisa

Dra. Bertha Maakaroun, doutora em Ciência Política, especializada em métodos quantitativos e qualitativos para aplicação em ciências sociais, diretora técnica da Pólis Pesquisa.

Dra. Ana Maria Gomes, professora titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, doutora em Educação pela Universidade de Bolonha (1996); pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN-UFRJ) e no Departamento de Antropologia da Univ. St. Andrews (Escócia).

REVISÃO TÉCNICA

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Isadora Vieira Arruda – *Assistente de Soluções Duradouras*

Lais Rigatto Cardilo – *Assistente de Meios de Vida e Inclusão Econômica*

Nikolas Pirani – *Oficial Associado de Economia*

Rafael Yoshida Machado – *Assistente Sênior de Soluções Duradouras*

Rebeca Bicudo Duran – *Associada de Soluções Duradouras*

Thais Silva Menezes – *Oficial Assistente de Relações Institucionais*

Projeto gráfico e diagramação

Traço Leal Comunicação

PESSOAS QUE COLABORARAM COM A ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Gabriel Calil Tardeli – *Associado de Campo Indígena*

Lis Viana de Abreu – *Associada de Campo Indígena*

Vital Matheus Machado Nogueira – *Assistente de Proteção*

Gabriela Martini dos Santos – *Assistente de Meios de Vida e Inclusão Econômica*

Miguel Pachioni – *Oficial Assistente de Comunicação*

Vanessa Beltrame – *Associada de Comunicação*

ORGANIZAÇÕES QUE COLABORARAM NA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Instituto Mana

Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura de Manaus (SEMASC)

Sumário

4 APRESENTAÇÃO

6 METODOLOGIA

9 INTRODUÇÃO

11 CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA INDIVIDUAL E FAMILIAR

- 11** Gênero
- 12** Idade
- 13** Etnia
- 14** Densidade familiar
- 14** Arranjo familiar
- 14** Famílias com crianças e jovens
- 16** Vulnerabilidades estruturais: maternidade e paternidade juvenil
- 16** Formação escolar

19 VIDA NA VENEZUELA

- 19** Do contexto rural ao urbano
- 20** Meios de vida no contexto rural
- 20** Atividades com as quais geravam renda na Venezuela
- 21** Contexto urbano-rural

23 O DESLOCAMENTO FORÇADO

- 23** Chegada ao Brasil e separação do arranjo familiar

25 FORMAÇÃO PROFISSIONAL E HABILIDADES

- 25** Escolaridade, formação profissional e técnica
- 27** Habilidades profissionais e experiência prática
- 31** Cursos de qualificação
- 31** Engajamento em cursos de formação
- 32** Fatores que impactam a participação em cursos

33 TRABALHO E RENDA

- 33** Conhecimento da Legislação trabalhista
- 33** Procura por trabalho
- 38** Pessoas que não procuraram trabalho
- 39** Áreas em que gostariam mais de trabalhar

47 IDIOMAS

- 47** Línguas indígenas como elemento identitário
- 47** Proficiência em espanhol
- 48** Proficiência em português
- 49** Fatores que incidem sobre as chances de se alcançar a proficiência em português

50 INSERÇÃO LABORAL

- 51** Atividades econômicas e mercado de trabalho
- 55** Situação ocupacional
- 60** Rendimento médio do trabalho
- 64** Número de pessoas exercendo atividade remunerada na família
- 67** Rendimento do trabalho no arranjo familiar
- 68** Renda familiar média e renda média per capita
- 70** Determinantes da Renda Familiar
- 71** Percepção em relação aos rendimentos da família e as despesas básicas
- 72** Projeção dos rendimentos da família necessários para a vida autônoma

74 CONECTIVIDADE E CAPITAL SOCIAL

- 74** Acesso à internet
- 75** Sociabilidade

76 PERSPECTIVAS DE FUTURO

83 CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES

- 83** Eixos estruturais de atuação para campanhas de informação
- 86** Estratégias para desenvolvimento de meios de vida
- 88** Falta de engajamento em cursos de qualificação
- 89** Mulheres, o difícil percurso para a autonomia
- 89** Inserção laboral precária e rendimentos insuficientes para o sustento
- 90** Deslocamento no Brasil

Apresentação

© ACNUR/ Felipe Irmaldo

Em decorrência da grave instabilidade política, social e econômica na Venezuela durante os anos recentes, entre 2012 e 2014 foram registrados no Brasil os primeiros deslocamentos forçados de pessoas indígenas oriundas do país vizinho, principalmente da etnia Warao. O deslocamento se intensificou nos anos seguintes: em 2014, eram pouco mais de 30 pessoas; entre o final de 2016 e o início de 2017, havia 600 pessoas registradas; entre janeiro de 2017 até junho de 2022, foram registrados 7.609 indígenas venezuelanos de 2.639 grupos familiares buscando o reconhecimento da condição de refugiado ou a residência temporária no Brasil, principalmente nos estados de Roraima, Amazonas e Pará. De acordo com os dados do painel de registro populacional da Agência da ONU para

Refugiados (ACNUR), essas pessoas integram a cinco etnias: Warao (70%) e Pemon/Taurepang (24%), E'ñepa (3%), Kariña (1%) e Wayúu (1%).¹

Este diagnóstico situacional é voltado à promoção da autonomia de pessoas indígenas refugiadas e migrantes oriundas da Venezuela, que atualmente vivem em Boa Vista (RR) e em Manaus (AM). O objetivo é contribuir para que governos e instituições que integram a resposta humanitária sobre o tema dos venezuelanos possam subsidiar a proposição de iniciativas e políticas públicas que levem em consideração as especificidades socioculturais das populações indígenas, em consonância com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).²

1 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/indigenas/> e em <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrJoiMjlmNzdiODctYjMwZC00NjkzLWlOYzctY2VmZDdYzjMMDQxliwidCI6ImU1YzYzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBJLTU1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9>

2 Disponível em: <https://portal.antt.gov.br/conven%C3%A7ao-n-169-da-oit-povos-indigenas-e-tribais>

O planejamento da pesquisa que resultou neste diagnóstico envolveu duas etapas. Na primeira, foi realizada entre agosto e setembro de 2022, foi aplicada uma pesquisa quantitativa, por meio da técnica de *survey*, junto à população indígena para conhecer o seu perfil sociodemográfico e laboral. Na segunda etapa, em novembro de 2022, com emprego de método qualitativo, foram realizadas entrevistas em profundidade com representantes do setor público e das instituições humanitárias que trabalham com essa população.

Também foram utilizados dados qualitativos de representantes do setor empresarial de Boa Vista e de Manaus, coletados em 2021 pela Pólis Pesquisa³, a fim de conhecer as percepções e barreiras para a promoção

da inserção laboral das pessoas indígenas refugiadas e migrantes. Esse conjunto de dados converge para a produção desta publicação, com o propósito de embasar políticas públicas e ações locais que ampliem as possibilidades de acesso a direitos e serviços, assim como a conquista de autossuficiência dessa população.

Na primeira seção, é apresentado o diagnóstico consolidado, a partir da combinação dos dados quantitativos e qualitativos reunidos neste projeto. Na segunda seção, são indicadas sugestões e estratégias para políticas de desenvolvimento humano e de potencialidades para a efetiva integração local voltadas à população indígena refugiada e migrante, seguindo-se de recomendações finais.



3 Essas informações estão descritas em sua totalidade no documento [Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Roraima e Manaus: setor produtivo e potencialidades](#)



Metodologia

Este diagnóstico é o resultado da consolidação de dados primários coletados com emprego de métodos quantitativos e qualitativos, em combinação, junto às populações de interesse desse projeto de pesquisa: 1) pessoas indígenas refugiadas e migrantes da Venezuela, que residem em abrigos (Tarumã Açu 1 e Tarumã Açu 2) e em casas privadas em Manaus, bem como a população dos abrigos indígenas em Boa Vista (*Waraotuma a Tuaranoko* e Jardim Floresta); e 2) representantes do setor público e de organizações humanitárias que trabalham com essa população em Manaus.

Os dados primários coletados para este diagnóstico, são contextualizados, sempre que possível, com a pesquisa bibliográfica, necessária à compreensão da trajetória histórica desta população indígena, de seu território de origem ao refúgio e migração no Brasil.

O planejamento amostral para a realização do *survey* foi probabilístico com a seleção sistemática de representantes das famílias refugiadas e migrantes residentes nos abrigos *Waraotuma a Tuaranoko* e Jardim Floresta, ambos em Boa Vista; além da seleção das famílias residentes nos abrigos Tarumã 1 e Tarumã 2, em Manaus. Para a realização do levantamento de campo junto às famílias não residentes em abrigos em Manaus, a contratante forneceu à Pólís Pesquisa, a listagem da população indígena refugiada e migrante, sobretudo da etnia Warao, vivendo em espaços autônomos na capital amazonense. O mapeamento e identificação de famílias foi realizado pelo ACNUR em conjunto com instituições parceiras. Para a seleção dessas famílias, percorreu-se todo o arrolamento da população, sendo realizadas as entrevistas, sempre em que houve concordância

das famílias, após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴.

A população de indígenas refugiados e migrantes acolhidos em Boa Vista nos abrigos considerados era, no mês de referência da pesquisa, de 1.315 indivíduos, integrantes de 393 famílias⁵. Desse estrato populacional foram selecionadas, representadas por seus pontos focais, que além de contribuírem com dados sobre si, também informaram indiretamente sobre os demais membros dos respectivos núcleos familiares.

A população indígena refugiada e migrante residente em Manaus é de 571 indivíduos, pertencentes a 143 famílias, entre as quais, 93 morando em domicílios particulares e 50 acolhidas nos abrigos Tarumã 1 e Tarumã 2. Foram selecionadas 98 famílias desta população vivendo em Manaus - entre as quais, 62 residentes em domicílios particulares e 36 em abrigos. Os pontos focais entrevistados prestaram informações diretas e indiretas sobre 385 indivíduos. Em seu conjunto, a amostra nos estratos de Boa Vista e Manaus, coletou dados de 302 famílias e 1.290 indivíduos.



© ACNUR/ Felipe Imaldo

4 Domicílio e família são termos utilizados nesta pesquisa, tomando por referência a mesma conceituação empregada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos levantamentos censitários e Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD). Embora na literatura antropológica e sociológica a definição de família não se restrinja ao grupo domiciliar, uma vez que os laços, em particular no contexto da migração, podem extrapolar o domicílio, a cidade e o país, para operacionalizar o conceito de família, esta pesquisa firmou o alcance da família nos limites físicos da moradia. As famílias foram classificadas como biparentais (duas pessoas adultas responsáveis pelas filhas e filhos residentes no domicílio); monoparentais (apenas um dos responsáveis pelos filhos presente); casal sem filhos; e ainda, também são tipificadas aquelas pessoas que vivem só em um domicílio. Nos abrigos em Boa Vista, foram consideradas famílias residentes nas mesmas carpas.

5 Foi definido o nível de confiança para as estimativas de 95%, a margem de erro máxima estimada expressa em proporções, para o conjunto da amostra coletada (n=302), é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos. Dado este nível de confiança, para o estrato de Boa Vista (n=204) a margem de erro máxima estimada expressa em proporções é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos, enquanto para Manaus (n=98) é de 6 pontos percentuais para mais ou para menos.

Tabela 1

Amostra coletada com informações diretas e indiretas prestadas pelo ponto focal de si e dos demais membros residentes de sua família

Local	População de famílias (N)	População de Indivíduos (n)	Amostra famílias (n)	Informações diretas e indiretas de indivíduos integrantes da amostra de famílias (n)	
Boa Vista Waraotuma a Tuaranoko	281	885	116	529	
	Jardim Floresta ⁶	112	430	88	376
Manaus	Domicílios Particulares	93	406	62	256
	Abrigos Tarumã 1 e Tarumã 2	50	165	36	129
Total	536	1.456	302	1.290	

Neste diagnóstico também estão consolidados os dados da pesquisa exploratória qualitativa levantados junto ao setor produtivo de Boa Vista e de Manaus no contexto da pesquisa publicada nos relatórios Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Roraima e Manaus: setor produtivo e potencialidades⁷, Autonomia e integração local de refugiados(as) e migrantes venezuelanos(as) acolhidos(as) nos abrigos em Boa Vista (RR)⁸ e Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Manaus: pesquisa de perfil socioeconômico e laboral⁹.

A Pólis Pesquisa incluiu, ao final do roteiro de entrevistas em profundidade conduzidas dentro daquele projeto de pesquisa realizado em 2021, questões suplementares exploratórias sobre indígenas refugiados e migrantes. Essas informações relacionadas às percepções dos setores produtivos sobre essa população foram muito importantes para este diagnóstico que agora se apresenta. A síntese da conclusão deste estudo é que a população de indígenas refugiados e migrantes sofre de invisibilidade social: em geral não é considerada para fins de empregabilidade.

Nota

Gráficos e tabelas são trabalhados neste relatório com uma casa decimal. Em decorrência disso, quando as frequências são transformadas em proporções, pode haver diferenças de décimos de por cento (0,1%) na totalização do conjunto da amostra expressa em proporção (100%).

6 No abrigo Jardim Floresta havia, no momento do levantamento, 34 famílias de etnia Eñepa e 78 de etnia Warao.

7 Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/06/OS843_Relatorio_de_Pesquisa_V9_compressed.pdf

8 Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/07/relatorio-operacao_acolhida-Final.pdf

9 Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/11/Diagnosticos-para-a-promoc%CC%A7ao-da-autonomia-e-integrac%CC%A7ao-local-de-pessoas-refugiadas-e-migrantes-venezuelanas-em-Roraima-e-Manaus.pdf>



Diagnóstico

O povo indígena Warao constitui o mais antigo grupamento humano¹⁰ da Venezuela, com presença há pelo menos oito milênios no delta do rio Orinoco, sendo a segunda etnia mais populosa¹¹ daquele país. Da língua Warao, uma família linguística isolada¹², deriva a referência que dá nome ao rio Orinoco: decomposto, o substantivo próprio *Wirinoko* significa – *wiri* (onde remamos) e *noko* (lugar).

Desde 2016, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) tem registrado um fluxo crescente de pessoas indígenas da Venezuela em direção

ao Brasil, destacando-se as seguintes etnias: Warao (70%), Pemón/Taurepang (24%), E'ñepa (3%), Kariña (1%) e Wayúu (1%), principalmente nos estados de Roraima, Amazonas e Pará. Embora os Warao tenham atravessado a fronteira brasileira de maneira a partir de 2017, os deslocamentos de suas comunidades para os centros urbanos venezuelanos iniciaram-se há décadas, em função de uma série de ações estatais, de empreendimentos econômicos e consequentes impactos ambientais em seus territórios originários, forçando assim o seu deslocamento inicial.

10 ACNUR. *Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes*. 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2023.

11 Dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estadística da Venezuela relativos ao último recenseamento, de 2011, dão conta de 48.771 pessoas que se autodeclararam do povo Warao, representando 6,73% do conjunto da população indígena. A principal etnia na Venezuela é a Wayuu (Guajiro), com mais de 413 mil (57,05%) indivíduos autodeclarados

12 Para a linguística, este idioma é ora classificado junto à família chibcha; ora como idioma isolado (Wilbert, 1957, citado por Durazzo (2020).

Na década de 1920, houve uma transição da economia extrativista baseada na *yuruma*¹³ para uma economia agrícola, baseada no cultivo de *ocumo chino* (*Colocasia esculenta*), introduzido por missionários católicos oriundos da Guiana. As missões introduziram o cristianismo e consolidaram nas comunidades rurais étnicas, igrejas e mosteiros, que serviram à “educação” de jovens (ACNUR, 2021). Dessa forma, ocorreram transformações sociais expressivas nos modos de vida dos Warao, o que modificou o padrão de assentamento, a organização social e política e contribuiu para os primeiros deslocamentos em direção a áreas urbanas no entorno do delta do rio Orinoco.¹⁴

Ao mesmo tempo em que a cultura do *ocumo chino* se espalhava, os indígenas passaram a trabalhar para os produtores de arroz na região. Isso impulsionou uma transição para a atividade agrícola e o trabalho assalariado, impactando a organização das famílias Warao: de extensas e alicerçadas na figura da mulher, para famílias mais nucleares chefiadas por homens. Não obstante, ainda hoje existem famílias que se baseiam na matrilocalidade, isto é, após o matrimônio, o casal muda-se para a casa da mãe da esposa.

Ao longo da segunda metade do século 20, os Warao sofreram com uma epidemia de cólera nos anos 1990, além de terem sofrido o impacto socioambiental provocado por grandes empreendimentos em suas terras tradicionais, forçando-os a saírem de seus territórios. Segundo Durazzo¹⁵, nos anos de 1960, uma barragem construída no Caño Manamo, afluente do Orinoco, empurrou-os a alternativas de vida em centros urbanos da região. Ao mesmo tempo, tal barragem potencializou a ocupação não indígena e o desenvolvimento da agropecuária na região, aumentando os

conflitos interétnicos, a disputa pelas terras e a violação de direitos das pessoas indígenas, as quais não foram consultadas acerca de tal empreendimento. Ainda possivelmente como desdobramentos dos impactos ambientais daquela barragem, em 1976, uma enchente causou muitas mortes entre o povo Warao.

Nos anos 1990, a estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA) firmou um acordo operacional com a multinacional British Petroleum para a exploração no município de Pedernales, cuja maioria da população era constituída por indígenas Warao. Conforme se constatou oito anos depois, em investigação conduzida pela Comissão de Meio Ambiente e Planejamento Territorial do Senado Venezuelano, as atividades do campo de Pedernales violaram as leis ambientais de proteção da cordilheira, dos rios e de outras fontes de água.

Segundo depoimento de indígenas coletado pela comissão do Senado venezuelano, a presença da indústria petrolífera comprometeu o ambiente natural do delta do Orinoco, afetando locais sagrados e comunidades antes isoladas, contaminou os recursos naturais associados à sobrevivência dos indígenas, introduzindo novas enfermidades. Devido à precariedade dos serviços de assistência social e saúde Warao, atrelada às situações de invasão de seus territórios originários a que foram expostos, nos anos 2000, constatou-se um aumento dos casos de questões de saúde nesse grupo étnico.

Tal histórico de violações aos direitos e modos de vidas desses povos indígenas em seus territórios de origem, demonstram a clara necessidade de proteção internacional, que se soma ao apoio e acolhimento em seu deslocamento forçado ao Brasil, nesse percurso em busca de sobrevivência.

13 Amido extraído do caule do buriti.

14 ACNUR, *op. cit.*

15 DURAZZO, Leandro Marques. Os Warao: do Delta do Orinoco ao Rio Grande do Norte. **Povos Indígenas do Rio Grande do Norte**. 2020. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn>



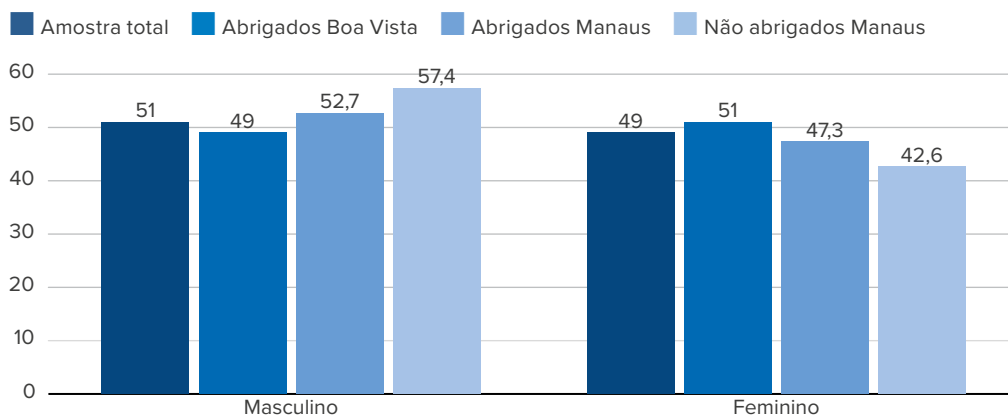
Características da amostra de indivíduos e familiar

Gênero

No conjunto dos indivíduos (n=1290) que integram a amostra das famílias de Boa Vista e de Manaus, há equilíbrio quanto à distribuição de gênero: 51% (n=658) são homens; 49% (n=632) são mulheres. Entretanto, há diferença estatística na distribuição do gênero quando comparadas a população abrigada em Boa Vista e a população não abrigada em Manaus: em Boa Vista há uma maior presença de mulheres (51%, n=462) em relação

às pessoas refugiadas e migrantes não abrigadas em Manaus (42,6%, n=256). Registra-se, portanto, expressiva maioria de homens (57,4%, n= 147), entre não abrigados em Manaus, em relação aos abrigados em Boa Vista (49%, n=443). Já nos abrigos de Manaus, a diferença na distribuição de gênero em relação à média da amostra não apresenta relevância estatística: (52,7%, n=68) são homens e 47,3% (n=129) são mulheres.

Figura 1
Distribuição dos integrantes das famílias quanto ao gênero



No conjunto de respondentes da amostra, há 67,5% (n=204) de mulheres e 32,5% (n=98) de homens respondentes.

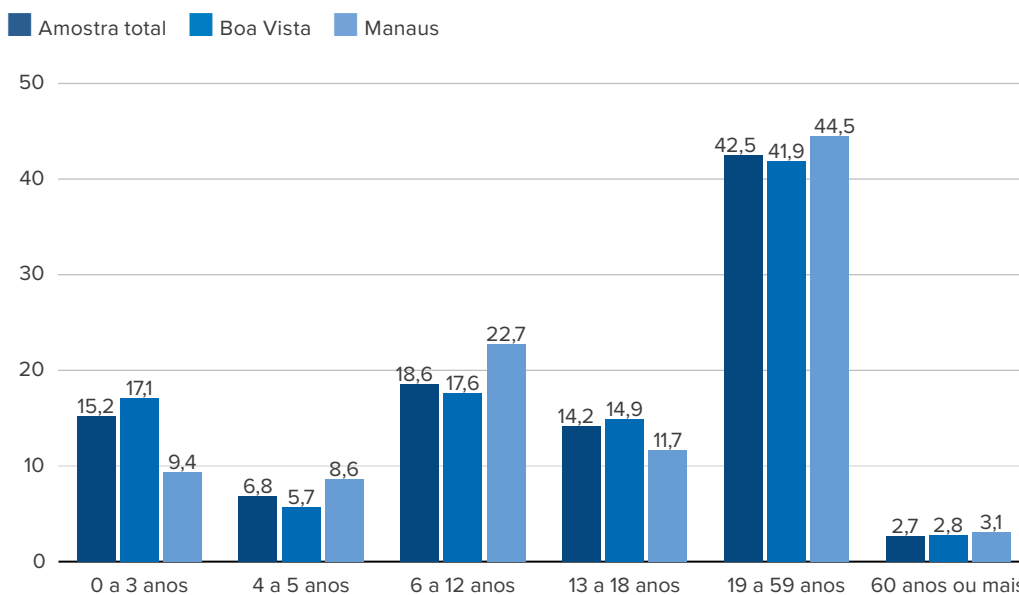
Idade

A população indígena refugiada e migrante é composta, em sua maioria, por crianças e jovens: 40,7% (n=525) têm de 0 a 12 anos; 14,2% (n=183) são adolescentes de 13 a 18 anos. Há, no conjunto das famílias, 54,8% (n=708) de crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. Enquanto 15,2%

(n=196) têm de 0 a 3 anos; 6,8% (n=88) estão na faixa de 4 a 5 anos; 18,6% (n=240) integram o grupo de 6 a 12 anos; e 14,2% (n=183) têm entre 13 e 18 anos. A população de 19 a 59 anos agrega 42,5% (n=548) dos integrantes das famílias; 2,7% (n=35) têm 60 anos ou mais.

Figura 2

Distribuição dos integrantes das famílias quanto às faixas etárias

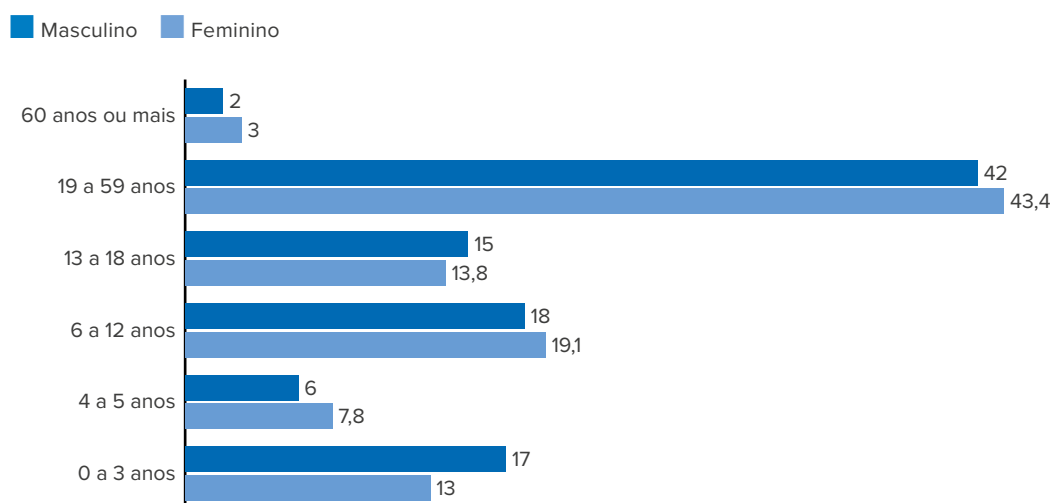


Enquanto em Boa Vista há, em relação a Manaus, maior presença de crianças de 0 a 3 anos, em Manaus, verifica-se uma frequência um pouco maior de crianças na faixa de 4 a 5

anos. Entre os não abrigados em Manaus há maior incidência de crianças de 6 a 12 anos em relação aos abrigos de Boa Vista e de Manaus.

Figura 3

Pirâmide etária - Distribuição etária da amostra da população indígena refugiada e migrante segundo gênero



Etnia

Os entrevistados indígenas refugiados e migrantes que estão em Boa Vista e em Manaus declaram pertencer às etnias: Warao (83,1%, n=251); E'ñepá (7,9%, n=24); Pemon-Tuarepang (1,7%, n=5), Akawaio (1,3%, n=4); Wayúu (0,3%, n=1). Um respondente se declara pertencente às etnias Akawaio e Pemon-Taurepang (0,3%, n=1). Declaram-se *criollos*, de etnia mista de indígenas e não indígenas, 5,3% (n=16).

Entre respondentes da etnia Warao¹⁶, 98,4% (n=243) têm família majoritariamente da mesma etnia e 1,6% (n=4) é formada por pessoa casada ou que teve filhas(os) com pessoas não indígenas da Venezuela; entre respondentes que se declararam da etnia E'ñepá, 92,3% (n=24) apontam ter família majoritariamente da mesma etnia e 7,7% (n=2) indicam fazer parte de uma família de maioria Warao; 80% dos respondentes que se declararam da etnia Akawaio têm família composta pela mesma

etnia e 20% (n=1) apontam ser parte de família de duas etnias Akawaio-Pemon-Taurepang. Informam ter família majoritária da etnia Pemon-Tuarepang 71,4% (n=5) dos respondentes; 28,6% (n=2) têm famílias compostas por pessoas indígenas e não indígenas. Já entre os respondentes não indígenas, 62,5% (n=10) descrevem as suas famílias como "mistas" de indígenas e não indígenas; 37,5% (n=6) destes declaram ter família de maioria Warao.

Em Manaus, há maior presença proporcional de famílias de etnia Warao (94,9%, n=93) em relação a Boa Vista (77,5%, n=158). As famílias de etnia majoritariamente E'ñepá (11,8%, n=24), Akawaio (2%, n=4), Pemón-Tuarepang (2,5%, n=5), Wayúu (0,5%, n=1) e Akawaio-Pemón (0,5%, n=1) estão todas em Boa Vista. As famílias que possuem não indígenas e indígenas estão distribuídas em Manaus (5,1%, n=5) e Boa Vista (5,4%, n=11).

16 Respondentes podem ser de uma etnia e serem casados (as) com pessoas de outras etnias ou *criollos* (não indígenas).

Densidade familiar

As famílias indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas residentes em Boa Vista e em Manaus têm, em média, 4,3 integrantes. O grupo que integra os 25% de famílias menores têm até três membros (1º quartil). O grupo dos 25% de famílias mais densas tem entre 5,3 (3º quartil) a até 12 membros (valor máximo). A mediana da distribuição é 4, o que significa dizer que, ordenadas de forma crescente, metade das famílias têm até quatro membros; e a outra metade de 4 a 12 membros.

Os abrigos de Boa Vista tendem a ter famílias mais densas do que os abrigos de Manaus: as famílias abrigadas em Boa Vista têm, em média 4,4 integrantes; em Manaus, a média das famílias abrigadas cai para 3,6 integrantes. Já as famílias não abrigadas que vivem em Manaus, têm, em média, 4,1 membros, estatística que não apresenta diferença significativa em relação ao número médio de integrantes das famílias abrigadas em Boa Vista. Enquanto a mediana da distribuição da densidade familiar nos abrigos de Boa Vista é de 4 membros; em Manaus a mediana é de três moradores.

Arranjo familiar

As famílias¹⁷ biparentais, constituídas por duas pessoas adultas responsáveis por menores de idade¹⁸, representam 58,6% (n=177) da amostra. Famílias biparentais têm, em média 5 membros; 16,2% (n=49) são famílias monoparentais, uma única pessoa adulta responsável por menores de idade, com 3,6 membros em média; 7,3% (n=22) são casais sem filhos, famílias que têm dois membros; 6,3% (n=19) são famílias estendidas,

com duas mães e/ou dois pais presentes, em geral formada por avó, avô, filhos e/ou filhas adultas que são pais e/ou mães; famílias estendidas têm, em média, 7,2 membros.

Formam famílias constituídas por irmãos adultos e/ou parentes adultos 2,3% (n=7), com média de 2,9 integrantes por família; e vivem em um espaço outras situações de vínculos 1,3% (n=4), com 2,3 pessoas, em média. Vivem sós 7,9% (n=24) dos respondentes. Nos abrigos de Boa Vista, há maior presença de famílias estendidas e de famílias biparentais em relação à média da amostra. Nos abrigos de Manaus há maior presença de famílias monoparentais em relação à média da amostra; e entre famílias de não abrigados em Manaus, há maior incidência do que a média da amostra de famílias do tipo “casal sem filhos”.

Famílias com crianças e jovens

Em 72,8% (n=220) das famílias pesquisadas em Boa Vista e em Manaus, há crianças e jovens em idade escolar, de 4 a 18 anos – que representam 39,6% (n=511) do conjunto de pessoas arroladas nas famílias de indígenas venezuelanos refugiados e migrantes em Boa Vista e em Manaus.

Em Boa Vista, 74,5% (n=152) das famílias têm pessoas em idade escolar, que representam 38,2% (n=346) do número total de indivíduos que integram as famílias naquela cidade. Em Manaus, 69,4% (n=68) das famílias têm crianças e jovens de 4 a 18 anos, que representam 42,9% (n=165) do número de pessoas que compõem as famílias pesquisadas naquela cidade. No conjunto da amostra, 27,2% (n=82)

17 Domicílio e família são termos utilizados nesta pesquisa, tomando por referência a conceituação empregada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos levantamentos censitários e Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD). Embora na literatura antropológica e sociológica a definição de família não se restrinja ao grupo domiciliar, uma vez que os laços, em particular no contexto da migração, podem extrapolar o domicílio, a cidade e o país, para operacionalizar o conceito de família, esta pesquisa firmou o alcance da família nos limites físicos da moradia. As famílias foram classificadas como biparentais (duas pessoas adultas responsáveis pelas filhas e filhos residentes no domicílio); monoparentais (apenas um dos responsáveis pelos filhos presente); casal sem filhos; e ainda, também são tipificadas aquelas pessoas que vivem só em um domicílio. Nos abrigos em Boa Vista, foram consideradas famílias residentes nas mesmas carpas.

18 Nessa categoria também foram incluídas situações em que tias e ou avós assumem o papel de mães e se responsabilizam por sobrinhos e netos menores de idade.

das famílias têm crianças de 4 a 5 anos; 47,4% (n=143) têm crianças de 6 a 12 anos; e 42,1% (n=127) têm adolescentes de 13 a 18 anos.

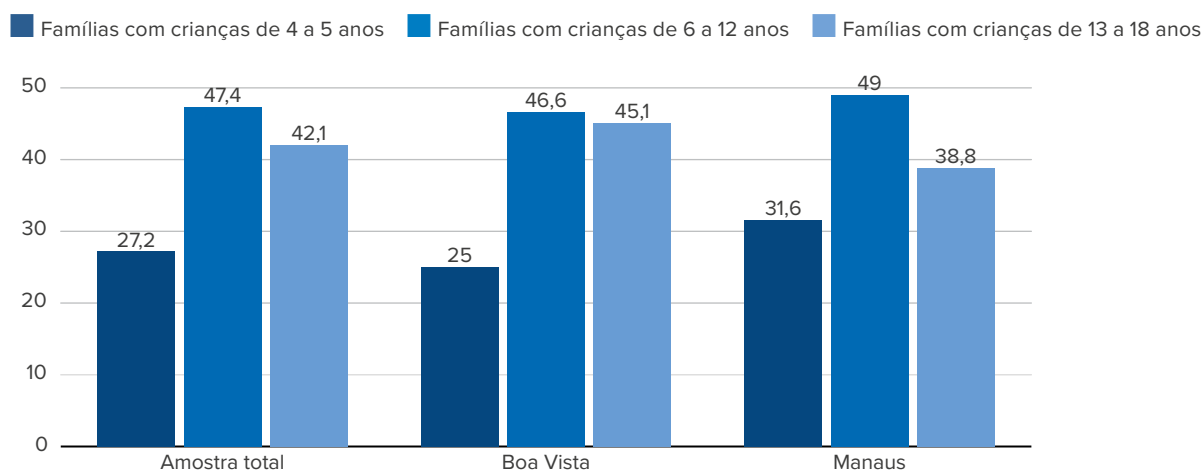
Considerando as famílias (n=204) que estão em Boa Vista, 25% (n=31) têm crianças de 4 a 5

anos; 46,6% (n=95) têm crianças de 6 a 12 anos; e 45,1% (n=92) têm adolescentes de 13 a 18 anos.

Considerando as famílias que vivem em Manaus (n=98), 31,6% (n=31) têm crianças de 4 a 5 anos; 49% (n=48) têm crianças de 6 a 12 anos; e 35,7% (n=35) têm adolescentes de 13 a 18 anos.

Figura 4

Famílias com crianças e adolescentes em idade escolar nas faixas etárias de 4 a 5, 6 a 12 e 13 a 18 anos (Frequência de ocorrência em relação ao número de casos)



Entre as 220 famílias com crianças e adolescentes em idade escolar – de 4 a 18 anos – 154 (70%) têm pelo menos uma criança e ou adolescente fora da escola¹⁹.

Entre as famílias (n=82) com crianças de 4 a 5 anos, em 75,6% (n=62) delas há pelo menos uma fora da escola. É a faixa com a menor frequência de ingresso (24,4%, n=20) às escolas. Nas famílias com crianças de 6 a 12 anos (n=143), em 60,1% (n=86) há pelo menos uma criança fora da escola; em 39,9% das famílias (n=57) todas estão estudando. Entre famílias com crianças e jovens de 13 a 18 anos (n=130), em 56,2% (n=73) há pelo menos uma criança fora da escola; em 43,8% das famílias (n=57) todas estão matriculadas.

Em Manaus, há proporcionalmente mais famílias em relação a Boa Vista com crianças de 4 a 5 anos fora da escola: 90,3% (n=28) das 31 famílias que vivem em Manaus com crianças nessa faixa têm pelo menos um(a) filho(a) fora da escola; em Boa Vista 66,7% (n=34) das 51 famílias com crianças nessa idade têm pelo menos um(a) filho(a) fora da escola.

Em Boa Vista é maior, em relação a Manaus, a proporção de famílias com pelo menos uma de suas crianças de 6 a 12 anos e/ou adolescentes de 13 a 18 anos fora da escola. Em Boa Vista, 67,4% (n=64) das 95 famílias têm pelo menos uma de suas crianças de 6 a 12 anos fora da escola; em Manaus são 45,8% (n=22) das 48 famílias em igual situação. Em Boa Vista, 64,1% (n=59) das 92

19 Entre as 154 famílias com alguma criança e/ou adolescente em idade escolar ausente das escolas, 26% (n=40) não deram justificativa para não estar com os filhos matriculados. Entre as 114 respostas válidas, foram justificativas mais frequentes: a falta de vagas (24,6, n=28); problemas com a documentação escolar da criança (14,9%, n=17); não tem a informação correta/não sabe como fazer a inscrição (12,3%, n=14); está na lista de espera para matricular em 2023 (7,9%, n=9); crianças são muito pequenas (7,9%, n=9); família é recém-chegada (7,9%, n=9); e só há vagas em escolas distantes 7%, n=8); os filhos não querem estudar (5,3%, n=6); e a mãe prefere educar os filhos em casa (4,4%, n=5).

famílias têm pelo menos um de seus jovens de 13 a 18 anos fora da escola; em Manaus 36,8% (n=14) das 38 famílias também estão com pelo menos um de seus adolescentes fora das escolas.

Em 31,8% (n=96) das famílias de pessoas indígenas refugiadas e migrantes que vivem em Boa Vista e em Manaus há crianças nascidas no Brasil. As crianças nascidas no Brasil se distribuem entre as famílias que vivem nas duas cidades, sem diferenças estatísticas relevantes; assim como também se distribuem os nascimentos entre as etnias, sem diferença estatística significativa. Entre as 31,8% (n=96) famílias que tiveram crianças nascidas no Brasil, em 72,9% (n=70) nasceu uma única criança; em 27,1% (n=26) nasceram duas crianças.

Vulnerabilidades estruturais: maternidade e paternidade juvenil

Conforme as informações compiladas, nota-se que a população Warao na Venezuela inicia-se,

em consonância com os modos de vida e cultura dessa população, na agricultura e na pesca a partir da infância e em funções de maternagem e paternagem em idade juvenil. A pesquisa de *survey* registrou em 31,2% dos 302 arranjos familiares pesquisados a ocorrência de maternidade e/ou paternidade juvenil: pessoas que se tornaram mães e ou pais entre 12 e 18 anos – 9,1% (n=21) tiveram a(o) primeira(o) filha(o) entre 12 e 15 anos, e 22,1% (n=51), entre 16 e 18 anos. Há entre mulheres respondentes desta pesquisa maior ocorrência de maternidade na adolescência (até 18 anos) em relação à paternidade masculina. Ter filhos aos 30 anos ou mais é mais ocorrente entre homens que respondem a esta pesquisa do que entre mulheres.

Formação escolar

Têm formação do ensino médio 17,2% e apenas 5% têm formação técnica média e/ou superior (3,7%) ou formação universitária (1,3%).

Figura 5

Categorias de escolaridade e formação técnica e ou universitária

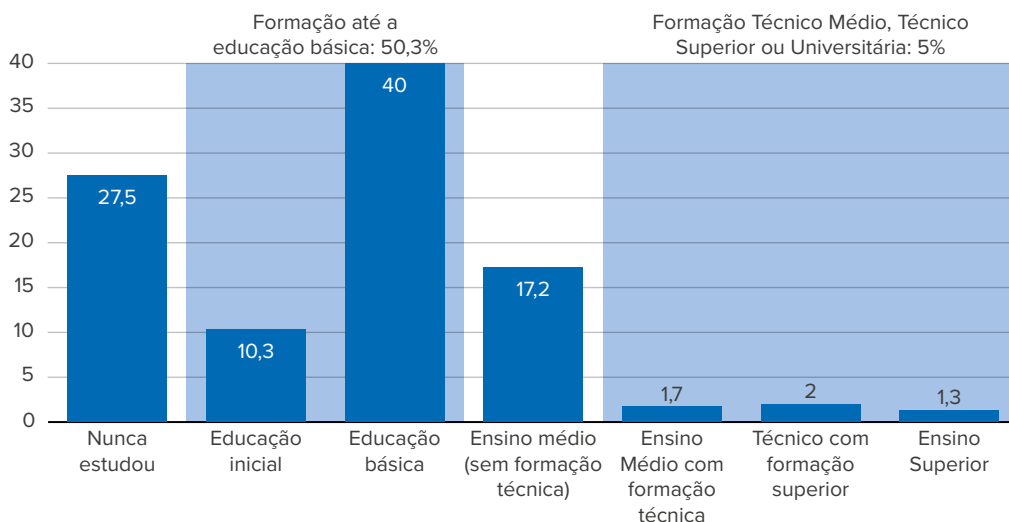


Tabela 2

Escolaridade do respondente por Gênero

		Masculino	Feminino	Total
Nunca estudou	n	26	57	83
	%	26,5%	27,9%	27,5%
Educação inicial e básica	n	55	97	152
	%	56,1%	47,5%	50,3%
Ensino Médio	n	12	40	52
	%	12,2%	19,6%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	4	7	11
	%	4,1%	3,4%	3,6%
Ensino Superior	n	1	3	4
	%	1,0%	1,5%	1,3%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 3,277, não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,513$ em $\alpha = 0,05$

Tabela 3

Escolaridade do respondente por Cidade em que vive

		Boa Vista	Manaus	Total
Nunca estudou	n	58	25	83
	%	28,4%	25,5%	27,5%
Educação inicial e básica	n	103	49	152
	%	50,5%	50,0%	50,3%
Ensino Médio	n	33	19	52
	%	16,2%	19,4%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	6	5	11
	%	2,9%	5,1%	3,6%
Ensino Superior	n	4	0	4
	%	2,0%	0,0%	1,3%
Total	n	204	98	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 3,375, não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,497$ em $\alpha = 0,05$

Tabela 4

Escolaridade do respondente por Faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Nunca estudou	n	18	20	21	15	9	83
	%	24,7%	24,1%	25,3%	31,3%	60,0%	27,5%
Educação inicial e básica	n	38	40	46	24	4	152
	%	52,1%	48,2%	55,4%	50,0%	26,7%	50,3%
Ensino Médio	n	14	17	13	6	2	52
	%	19,2%	20,5%	15,7%	12,5%	13,3%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	2	5	3	1	0	11
	%	2,7%	6,0%	3,6%	2,1%	0,0%	3,6%
Ensino Superior	n	1	1	0	2	0	4
	%	1,4%	1,2%	0,0%	4,2%	0,0%	1,3%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 17,042, não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,383$ em $\alpha = 0,05$

A formação escolar é, para a grande maioria, incompleta, e alcança o ensino médio para menos de 20% das pessoas indígenas venezuelanas refugiadas e migrantes. Não há relação de associação estatística entre

a escolaridade e a situação da morada: a escolaridade se distribui, sem diferenças relevantes entre pessoas abrigadas em Boa Vista, em Manaus e pessoas em moradias autônomas em Manaus.



© ACNUJ/ Felipe Imaldo

Vida na Venezuela

Do contexto rural ao urbano

Nascidos majoritariamente na área rural (84,4% da amostra) vivendo em comunidades nos *caños* (braços de rios) à beira do Orinoco e seus afluentes, com forte identidade respaldada em suas línguas originais, os indígenas refugiados e migrantes oriundos da Venezuela, em sua maioria da etnia Warao²⁰, se vinculam a um modo de vida principalmente baseado na agricultura, pesca e artesanato. Ainda no país de origem, há décadas iniciaram deslocamentos de suas terras originárias para áreas urbanas, devido a uma série de eventos encabeçados pelo Estado e/ou por empreendimentos econômicos privados que afetaram seus territórios. Em busca de sobrevivência e de melhores condições de vida, o estudo aponta que, seis meses antes de empreenderem a

jornada ao Brasil, 33% já viviam em área urbana. A maioria dos respondentes se concentrava, seis meses antes de vir ao Brasil, em especial nos estados de Delta Amacuro, Monagas e Bolívar, estando os Warao concentrados no primeiro.

O *survey* realizado indica que nasceram em áreas rurais 84,4% (n=255) dos respondentes - 81,4% (n=246) em comunidades indígenas, principalmente localizadas às margens de rios ou igarapés denominados *caños*, em distintas regiões do delta do Orinoco; e 3% na área rural, fora das comunidades. Nasceram em áreas urbanas 15,6%, - 12,3% sem vínculo com comunidades e 3,3% integrados a comunidades. Entre o nascimento dos respondentes e o semestre que antecedeu

20 Integram a amostra da pesquisa de *survey* famílias das etnias Warao (83,1%, n=251); da etnia E'ñepa 7,9% (n=24); da etnia Pemón-Tuarepang, 1,7% (n=5), Akawaio (1,3%, n=4); Wayuu 0,3% (n=1) e há uma família na amostra integrada pelas etnias Akawaio e Pemón (0,3%, n=1). Declaram-se famílias mistas, com presença de indígenas e não indígenas, 5,3% (n=16).

a jornada deles para o Brasil, o percentual daqueles que moravam em área urbana cresceu de 15,6% para 33%, portanto, observa-se um processo de deslocamento para as cidades, antecedente à chegada no Brasil.

Considerando apenas movimentações entre contextos rural e urbano, na mesma ou entre cidades diferentes, 64% (n=193) nasceram no ambiente rural e nele estavam seis meses antes de deslocar-se ao Brasil; 20,5% (n=62) nasceram no contexto rural mas antes da jornada viviam em ambiente urbana na mesma ou em outra cidade; 12,6% (n=38) nasceram e estavam no contexto urbano seis meses antes da grande viagem; e 3% (n=9) nasceram no contexto urbano, mas antes do deslocamento para o Brasil estavam vivendo na área rural. Assim, o deslocamento do ambiente rural para o urbano foi mais frequente entre os respondentes do que o inverso.

Meios de vida no contexto rural

É alta a incidência da experiência das famílias desta pesquisa com atividades agrícolas durante o período em que viviam na Venezuela: 86,1% (n=260) dos respondentes relataram que, pelo menos um dos membros da sua família, teve experiência com algum tipo de plantio; ao passo que, apenas 13,9% (n=42) afirmaram não ter ninguém de sua família com experiência em atividades de cultivo na Venezuela.

Agricultura, pesca e artesanato foram as atividades produtivas mais citadas entre os 67% (n=202) representantes das famílias que, no semestre que antecedeu a jornada ao Brasil, informaram viver em área rural. Desenvolviam atividades agrícolas 73,8% (n=149) – o correspondente a 49,3% do conjunto da amostra (n=302); 67,8% (n=137) pescavam – representam 45,4% da amostra (n=302) – 54,5% (n=110) trabalhavam com artesanato – o que corresponde à ocorrência em 36,4% da amostra (n=302); caçavam 35,6% (n=72), o equivalente a 23,8% da amostra (n=302); e 24,3%

(n=49) coletavam sementes, o correspondente a 16,2% da amostra (n=302). Entre os 67% (n=202) de respondentes da amostra que viviam no contexto rural seis meses antes do deslocamento ao Brasil, 13,4% (n=27) – grupo que representa 9% da amostra (n=302) – indicaram outras atividades remuneradas que eles próprios ou algum membro da família realizavam. Eram professores 22,2% (n=6); 11,1% (n=3) trabalhavam com serviços limpeza e manutenção; 7,4% (n=2) eram carpinteiros; 7,4% (n=2) criavam animais; 7,4% (n=2) trabalhavam com a mineração e ou garimpo.

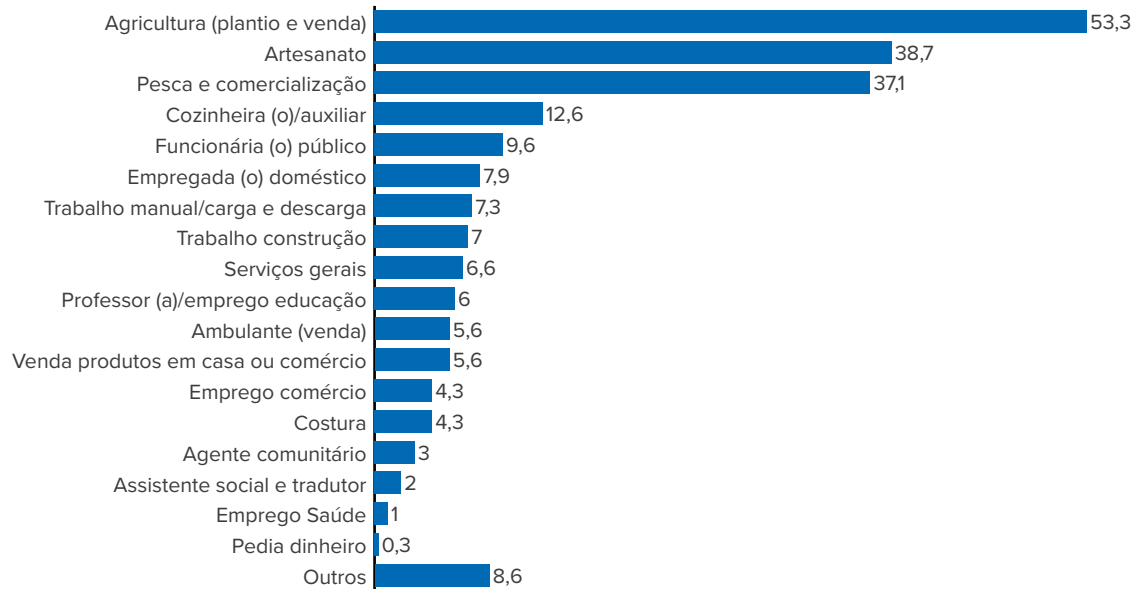
Atividades com as quais geravam renda na Venezuela

Explorar as experiências de geração de renda no país de origem é estratégico para ajudar as famílias indígenas venezuelanas refugiadas e migrantes no Brasil a encontrar o caminho para o fortalecimento comunitário e a integração local. Em 88,1% (n=267) das famílias que participaram desta pesquisa, pelo menos um de seus membros desenvolvia na Venezuela algum tipo de atividade que gerava rendimento; 11,6% (n=35) não desenvolviam atividades com rendimentos.

As atividades mais citadas, em respostas múltiplas, que geravam renda para as famílias, com envolvimento de pelo menos um dos membros, foram: **agricultura** – plantio e comercialização (53,3%); artesanato (28,7%); e pesca (37,1%). Enquanto a agricultura está presente sem diferenças estatísticas relevantes entre as etnias, a pesca é mais frequente entre famílias da etnia Warao e o artesanato entre famílias da etnia E'ñepa. No campo dos serviços, foram mais mencionadas as seguintes atividades: cozinheira(o) e/ou auxiliar de cozinha (12,6%) – funcionários(as) públicos(as) (9,6%) – emprego doméstico (7,9%); trabalho manual e/ou carga/descarga (7,3%); serviços gerais – sem especificação – (6,6%); ambulante (5,6%); venda produtos em casa/comércio (5,6%).

Figura 6

Quais eram na Venezuela as principais atividades que geravam renda para a sua família, realizadas por você ou também por membros de sua família que hoje vivem com a sra/o sr. no Brasil? (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência da atividade na família)



86,1% das famílias refugiadas em Boa Vista e em Manaus tiveram, em algum momento de sua trajetória, pelo menos um de seus membros trabalhando com a agricultura na Venezuela. Em respostas múltiplas, foram descritos plantios dos seguintes produtos: banana (96,5%) – uma

variedade de tipos chamados *plátano*, *topocho*, *cambur*; *ocumo chino* (91,9%); milho (86,9%); *ayama e/o ocumo blanco* (84,2%); batata doce (77,3%); aru (63,8%) – amido extraído da palma de buriti; melancia (58,8%); e melão (55,4%).

Contexto urbano-rural

Seis meses antes do deslocamento forçado para o Brasil, 64% (n=193) dos participantes desta pesquisa estavam vivendo no ambiente rural, em que nasceram; 20,5% (n=62) nasceram no contexto rural mas antes da jornada, estavam residindo em ambiente urbano²¹; 12,6% (n=38) nasceram e estavam no contexto urbano, seis meses antes da grande viagem; e 3% (n=9) nasceram no contexto urbano, mas antes do deslocamento forçado ao Brasil, estavam vivendo na área rural. Os contextos urbano ou rural estão associados ao exercício de diferentes atividades com que geravam renda no território de origem.

A pesca é a atividade que está mais presente entre famílias que viviam em suas comunidades originárias, é a atividade informada mais frequente entre aqueles que nasceram na área rural e lá estavam antes de vir para o Brasil.

São atividades mais presentes no contexto urbano – e mais especificamente entre respondentes de famílias que nasceram na área rural e estavam na área urbana no semestre que antecedeu a jornada ao Brasil: cozinheira(o)/auxiliar de cozinha; funcionária(o) pública(o); professor(a)/trabalho na educação; costura e agente comunitário. Já a venda de produtos (em casa ou em estabelecimento

21 Há uma dinâmica de deslocamento complexa das famílias no território de origem, entre área rural e área urbana, por vezes, com características sazonais e exercício de diferentes atividades para gerar renda.

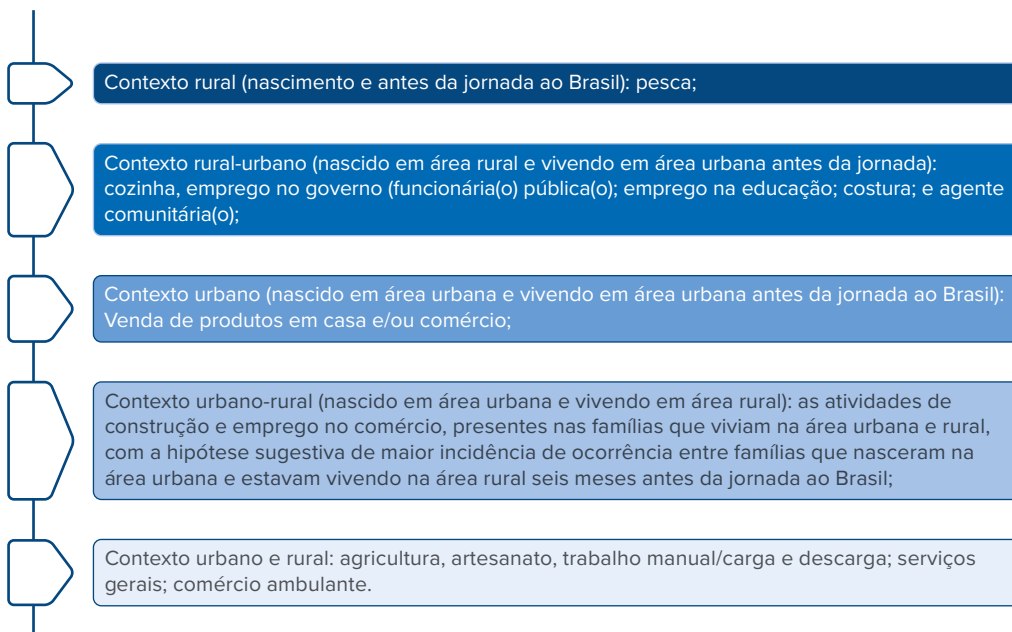
comercial) é atividade mais característica do contexto urbano – inclusive de quem nasceu e lá estava antes de vir ao Brasil.

São atividades com que geravam renda e foram informadas pelos respondentes, a em frequência da atividade que se distribui, sem diferença estatística relevante, entre aqueles que estavam vivendo no contexto urbano e no contexto rural, antes de se deslocarem para o Brasil: a agricultura, o artesanato, o trabalho braçal de carga e descarga, serviços gerais, além de vendedores ambulantes.

A presença entre membros da família das atividades de construção e do emprego no comércio também se distribui entre os contextos urbano e rural, mas a análise do percurso do respondente, entre o nascimento e o semestre que antecedeu a vinda ao Brasil, sugere maior incidência de pessoas que haviam nascido no contexto urbano e se deslocaram para a área rural. Isso porque as informações qualitativas relatam a existência de pessoas indígenas nascidas na área urbana depois recrutadas pelo governo para empreendimentos de construção no contexto rural para atividades de extração mineral, entre outras.

Figura 7

Associação entre ocorrência de atividades que rendem receitas nas famílias no país de origem segundo contexto urbano-rural, seis meses antes da jornada ao Brasil





© ACNUR/ Felipe Imaldo

O deslocamento forçado

Chegada ao Brasil e separação do arranjo familiar

Tendo Pacaraima como a porta de entrada, 47,4% (n=143) dos respondentes da pesquisa quantitativa do tipo *survey* realizada dentro deste projeto de pesquisa, junto a pessoas indígenas refugiadas e migrantes em Boa Vista e em Manaus, ficaram menos de um mês naquele município fronteiriço e se deslocaram para a cidade em que residiam no mês de referência do *survey*. Residiram em duas cidades por mais de um mês 45,4% (n=137); 6,6% (n=20) moraram em três cidades; e 0,7% (n=2) em quatro cidades. Em respostas múltiplas, os respondentes indicaram as cidades em que viveram por mais de um mês no Brasil: Boa Vista (83,4%, n=252); Pacaraima (40,7%, n=123); Manaus (34,8%, n=105); Porto Velho (1%, n=3); Belém (0,7%, n=2). Assim, embora tenha potencial mais baixo para a empregabilidade em relação às demais capitais brasileiras, dado a sua baixa diversificação produtiva e grande dependência da economia em relação à participação do setor público,

Boa Vista é aquela que mais recebe pessoas indígenas refugiadas e migrantes. Por isso, uma vez em Roraima, na expectativa de inserção laboral de pelo menos um dos membros da família, alguns dos grupos familiares adotam a estratégia de separação do núcleo primário: 24,8% (n=75) dos respondentes do *survey* se separaram do núcleo familiar principal, como esposa(o) e filhas(os), que rumaram para outros estados em busca de inserção laboral.

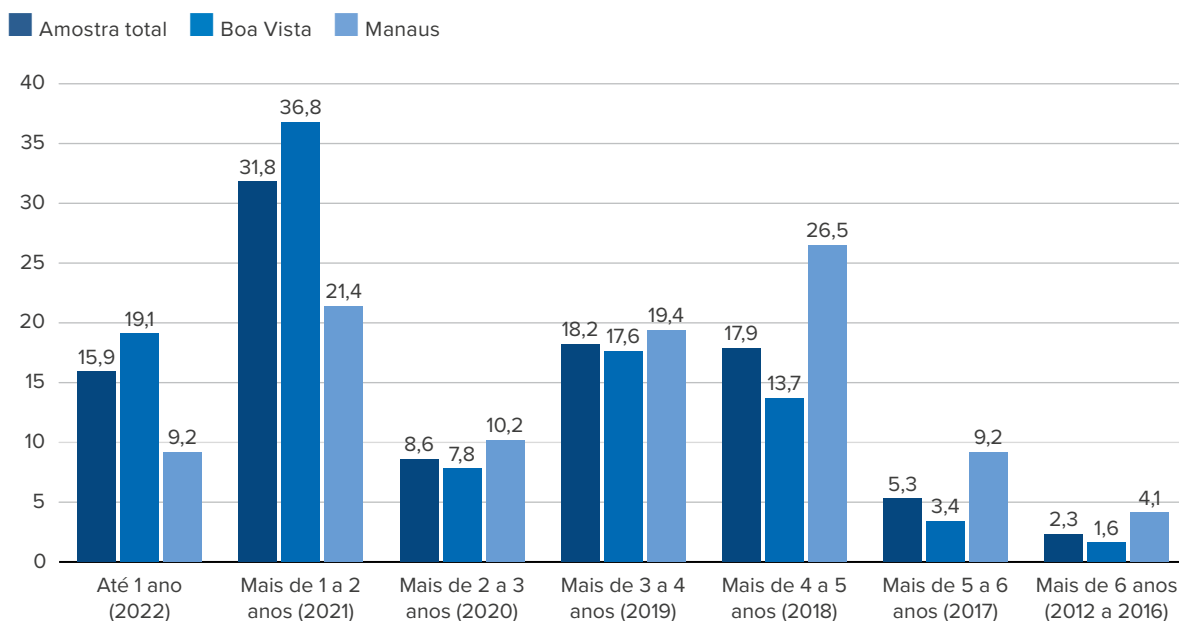
Em 2021, o deslocamento para o Brasil de pessoas indígenas que vieram da Venezuela alcançou o pico na média da amostra no período compreendido entre o ano de 2012 e 2 de setembro de 2022: 31,8% (n=96) entraram no país no ano. Em 2020, em decorrência da pandemia e do fechamento das fronteiras, o fluxo de entrada havia caído para 8,6% (n=26). Aqueles que chegaram em 2022 até a data de referência desta pesquisa representam

15,9% (n=48) da amostra. Entre 2018 e 2019, o deslocamento para o Brasil se intensificou em relação aos primeiros anos, marcando um ponto de inflexão: respectivamente 17,9% (n=54) e 18,2% (n=55), portanto mais do que triplicando em relação a 2017, quando (5,3%, n=16) cruzaram as fronteiras. Entre 2012 e 2016, entraram no Brasil 2,3% (n=7) das famílias residentes em abrigos de Boa Vista e em abrigos e espaços autônomos de Manaus. Considerando as

pessoas residentes em Manaus, o pico da chegada se deu em 2018: 26,5% (n=26), quase três vezes superior a 2017 (9,2%, n=9); em 2019, instalaram-se em Manaus 19,4% (n=19), proporção que caiu para 10,2% (n=10) em 2020 e, em 2021 alcançou 21,4% (n=21). Entre pessoas da amostra residentes em Boa Vista, 2021 foi o ano de maior fluxo de entrada da população da amostra – (36,8%, n=75). Em 2022, até o momento da coleta, instalaram-se em Boa Vista 19,1% (n=39).

Figura 8

Em que ano você e sua família chegaram pela primeira vez ao Brasil como resultado da crise na Venezuela? – Tempo em anos



Ao chegarem no Brasil, 24,8% (n=75) dos respondentes desta pesquisa se separaram de pessoas que integram o núcleo familiar principal, como esposa(o) e filhas(os). Há, entre moradores de Boa Vista, maior frequência em relação a Manaus de respondentes que se

separaram de pessoas de seu núcleo familiar principal quando chegaram ao Brasil. Entre aquelas 24,8% (n=75) famílias com membros do núcleo primário vivendo em outras cidades brasileiras, mais da metade (58,7%, n= 44) não tem planos de se juntar a eles.



Formação profissional e habilidades

Escolaridade, formação profissional e técnica²²

5% (n=15) dos respondentes desta pesquisa têm formação técnica média e/ou superior (3,7%, n=11) ou formação universitária (1,3%, n=4). Têm formação do ensino médio completo

17,2% (n=52) dos entrevistados. Enquanto 50,3% (n=152) cursaram no máximo até a educação primária (inicial e básica, que se estende dos 7 aos 12 anos); 27,5% (n=83) nunca estudaram.

Tabela 5
Escolaridade do respondente por Gênero

		Masculino	Feminino	Total
Nunca estudou	n	26	57	83
	%	26,5%	27,9%	27,5%
Educação inicial e básica	n	55	97	152
	%	56,1%	47,5%	50,3%
Ensino Médio	n	12	40	52
	%	12,2%	19,6%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	4	7	11
	%	4,1%	3,4%	3,6%
Ensino Superior	n	1	3	4
	%	1,0%	1,5%	1,3%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 3,277, não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,513 em $\alpha=0,05$

22 A educação inicial na Venezuela engloba o maternal de 0 a 3 anos e o pré-escolar de 4 a 6 anos; a educação primária compreende seis anos, do 1º ao 6º grau (7 a 12 anos), que leva à obtenção do certificado de educação primária. A educação média apresenta duas opções: a educação média geral, com duração de cinco anos (13 a 17 anos), que possibilita o título de “bachiller”; e a educação média técnica, com duração de seis anos, do 1º a 6º (13 a 18 anos), que leva ao título de “técnico médio”. A educação universitária compreende a formação profissional (18 a 21 anos), com certificação de técnico superior universitário; e a graduação (17 a 22 anos) e a pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado).

Tabela 6

Escolaridade do respondente por Cidade em que vive

		Boa Vista	Manaus	Total
Nunca estudou	n	58	25	83
	%	28,4%	25,5%	27,5%
Educação inicial e básica	n	103	49	152
	%	50,5%	50,0%	50,3%
Ensino Médio	n	33	19	52
	%	16,2%	19,4%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	6	5	11
	%	2,9%	5,1%	3,6%
Ensino Superior	n	4	0	4
	%	2,0%	0,0%	1,3%
Total	n	204	98	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 3,375, não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,497$ em $\alpha = 0,05$

Tabela 7

Escolaridade do respondente por Faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Nunca estudou	n	18	20	21	15	9	83
	%	24,7%	24,1%	25,3%	31,3%	60,0%	27,5%
Educação inicial e básica	n	38	40	46	24	4	152
	%	52,1%	48,2%	55,4%	50,0%	26,7%	50,3%
Ensino Médio	n	14	17	13	6	2	52
	%	19,2%	20,5%	15,7%	12,5%	13,3%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	2	5	3	1	0	11
	%	2,7%	6,0%	3,6%	2,1%	0,0%	3,6%
Ensino Superior	n	1	1	0	2	0	4
	%	1,4%	1,2%	0,0%	4,2%	0,0%	1,3%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 17,042, não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,383$ em $\alpha = 0,05$

Tabela 8

Escolaridade do respondente por Etnia

		Warao	E'ñepa	Akawaio	Pemon-Tuarepang	Wayuu	Criollo	Total
Nunca estudou	n	68	14	0	1	0	0	83
	%	27,5%	53,8%	0,0%	14,3%	0,0%	0,0%	27,5%
Educação inicial e básica	n	131	9	2	2	0	8	152
	%	53,0%	34,6%	40,0%	28,6%	0,0%	50,0%	50,3%
Ensino Médio	n	38	2	3	2	1	6	52
	%	15,4%	7,7%	60,0%	28,6%	100,0%	37,5%	17,2%
Ensino Técnico Médio ou Superior	n	8	0	0	2	0	1	11
	%	3,2%	0,0%	0,0%	28,6%	0,0%	6,3%	3,6%
Ensino Superior	n	2	1	0	0	0	1	4
	%	,8%	3,8%	0,0%	0,0%	0,0%	6,3%	1,3%
Total	n	247	26	5	7	1	16	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 49,825, há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,000$ em $\alpha=0,05$

Entre os 5% (n=15) com formação técnica média ou superior e com ensino universitário, 53,3% (n=8) são educadores e/ou professores; 20% (n=3) têm formação técnica média e/ou superior em educação integral; há ainda técnicos com formação em: zootecnia (6,7%, n=1); turismo (6,7%, n=1); para a indústria de alimentos (6,7%, n=1); e um dos respondentes

não especificou a sua formação técnica (6,7%, n=1). Informaram ter experiência superior a três anos em sua área de formação 33,3% (n=5) dos respondentes com formação profissional técnica (média e superior) e universitária; 26,7% (n=4) têm experiência de mais de 1 a 3 anos; e 6,7% (n=1), até um ano. Não trabalharam na área em que se formaram 33,3% (n=5).

Habilidades profissionais e experiência prática

Informam ter experiência prática em atividades que podem gerar renda 76,8% (n=232); 23,2% (n=70) afirmam não ter experiência prática em nenhum tipo de atividade que gere rendimentos. Gênero e etnia não estão associados estatisticamente à presença ou ausência de habilidades e experiência prática em atividades específicas.

Há maior proporção de pessoas que declararam ter habilidades ou experiência prática em Boa

Vista do que em Manaus. Além disso, mais pessoas declararam possuir experiência ou habilidades entre aquelas com escolaridade Ensino Médio²³ em relação às demais, sobretudo em relação àquelas que nunca estudaram. Ainda, há maior presença de pessoas com experiência prática e/ou habilidades específicas na faixa etária de 45 a 59 anos em relação às demais categorias de idade e, em particular, em comparação àquelas com 60 anos ou mais.

23 O sistema educacional na Venezuela é formado pela educação básica e educação universitária. A educação básica tem três níveis: a educação inicial, a primária e a média. A educação inicial engloba o maternal de 0 a 3 anos e o pré-escolar de 4 a 6 anos; a educação primária compreende seis anos, do 1º ao 6º grau (7 a 12 anos), que leva à obtenção do certificado de educação primária. A educação média apresenta duas opções: a educação média geral, com duração de cinco anos (13 a 17 anos), que possibilita o título de "bacharel"; e a educação média técnica, com duração de seis anos, do 1º a 6º (13 a 18 anos), que leva ao título de "técnico médio". A educação universitária compreende a formação profissional (18 a 21 anos), com certificação de técnico superior universitário; e a graduação (17 a 22 anos) e a pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado).

Figura 9

Pensando no seu conhecimento prático, você tem experiência em alguma atividade que possa gerar renda?

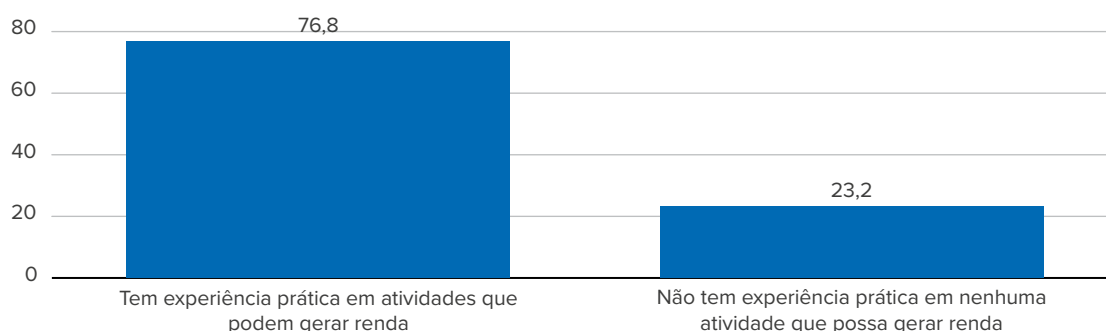


Tabela 9

Habilidades e/ou experiência prática por Cidade em que vive

		Boa Vista	Manaus	Total
Tem habilidades e/ou experiência prática	n	171	61	232
	%	83,8%	62,2%	76,8%
Não tem habilidades/e ou experiência prática	n	33	37	70
	%	16,2%	37,8%	23,2%
Total	n	204	98	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher - há relação de associação/dependência entre variáveis, p (dois lados) = 0,000 em $\alpha=0,05$

Tabela 10

Habilidades e/ou experiência prática por Faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Tem habilidades e/ou experiência prática	n	59	60	62	43	8	232
	%	80,8%	72,3%	74,7%	89,6%	53,3%	76,8%
Não tem habilidades/e ou experiência prática	n	14	23	21	5	7	70
	%	19,2%	27,7%	25,3%	10,4%	46,7%	23,2%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 10,681, há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,028 em $\alpha=0,05$

Tabela 11

Habilidades e/ou experiência prática por Escolaridade

		Nunca estudou	Educação inicial e básica	Ensino Médio	Técnico Médio ou Superior	Ensino Superior	Total
Tem habilidades e/ou experiência prática	n	52	121	45	10	4	232
	%	62,7%	79,6%	86,5%	90,9%	100,0%	76,8%
Não tem habilidades/e ou experiência prática	n	31	31	7	1	0	70
	%	37,3%	20,4%	13,5%	9,1%	0,0%	23,2%
Total	n	83	152	52	11	4	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 15,212, há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,004$ em $\alpha = 0,05$

Em múltiplas respostas, aqueles 232 respondentes indicaram 486 atividades em que têm habilidades e experiência prática que possam gerar renda, média de 2 atividades por pessoa. São as atividades mais citadas: artesanato (38,4%, n=89); agricultura (26,5%, n=60); cozinheira(o)/auxiliar de cozinha (23,4%, n=54); limpeza e manutenção (23,4%, n=54); pedreiro/auxiliar de pedreiro (13,9%, n=32); costura (7,8%, n=18); educador(a)/professor(a) (6,9%, n=16); e serviços domésticos (6,1%, n=14).

Foi ainda informada experiência nas seguintes atividades: serviços gerais (4,8%, n=11); vendas (4,8%, n=11); babá (4,3%, n=10); cabelereira(o)/manicure/pedicure (4,3%, n=10); comerciante (3,9%, n= 9); trabalho braçal/carga e descarga (3%, n=7); tradutor warao (2,6% , n=6); jardineiro (2,6%, n=6); carpintaria (2,2%, n=5); motorista (1,7%, n=4); pastelaria/confeitaria/padeira(o) (1,7%, n=4). Na categoria “outros” (14,7%, n=34) foram agregadas respostas de menor frequência.

Figura 10

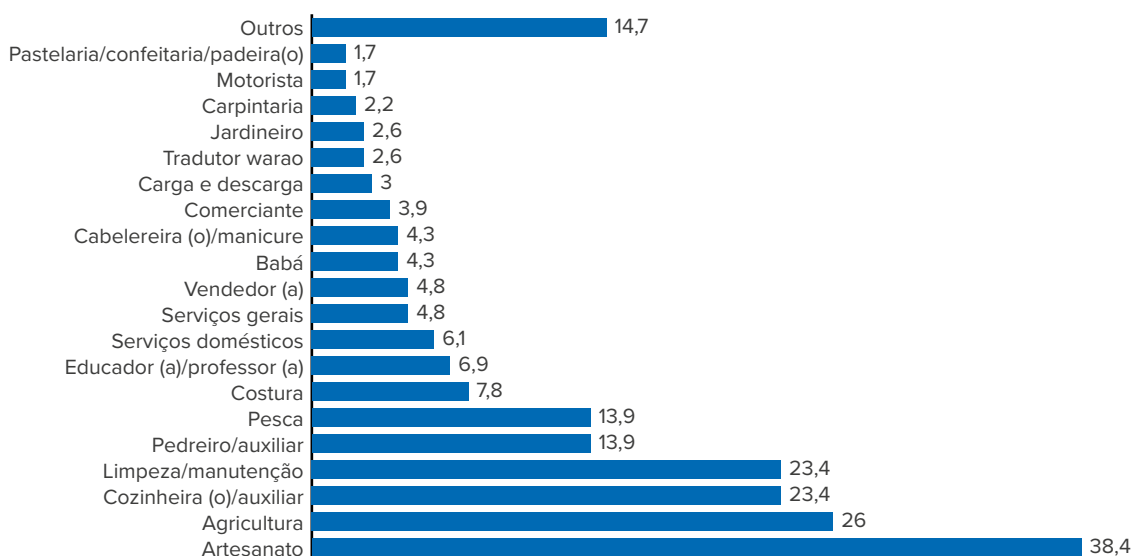
Atividades que respondentes têm experiência e podem gerar renda (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência em relação ao número de casos/respondentes)


Tabela 12

**Distribuição das atividades com experiência prática (em citações múltiplas)
por Cidade**

		Manaus	Boa Vista	n=232 casos
Artesanato	n	21	68	89
	%	34,4%	39,8%	
Agricultura	n	21	39	60
	%	34,4%	22,8%	
Cozinheiro(a)	n	3	51	54
	%	4,9%	29,8%	
Limpeza/manutenção/conservação	n	0	54	54
	%	0,0%	31,6%	
Pedreiro/auxiliar de pedreiro	n	9	23	32
	%	14,8%	13,5%	
Pesca	n	5	27	32
	%	8,2%	15,8%	
Costura	n	1	17	18
	%	1,6%	9,9%	
Educador(a)/professora(a)	n	5	11	16
	%	8,2%	6,4%	
Serviços domésticos	n	1	13	14
	%	1,6%	7,6%	
Serviços gerais	n	3	8	11
	%	4,9%	4,7%	
Vendedor(a)	n	0	11	11
	%	0,0%	6,4%	
Babá	n	0	10	10
	%	0,0%	5,8%	
Cabeleireiro(a)/manicure/pedicure	n	0	10	10
	%	0,0%	5,8%	
Comerciante	n	3	6	9
	%	4,9%	3,5%	
Carga e descarga	n	3	4	7
	%	4,9%	2,3%	
Tradutor warao	n	0	6	6
	%	0,0%	3,5%	
Jardineiro	n	1	5	6
	%	1,6%	2,9%	
Carpintaria	n	0	5	5
	%	0,0%	2,9%	
Motorista	n	0	4	4
	%	0,0%	2,3%	

		Manaus	Boa Vista	n=232 casos
Pasteleiro/confeiteiro/padeiro	n	1	3	4
	%	1,6%	1,8%	
Auxiliar de enfermagem/	n	0	3	3
	%	0,0%	1,8%	
Cuidador(a) de idosos	n	0	3	3
	%	0,0%	1,8%	
Atendimento ao público	n	0	2	2
	%	0,0%	1,2%	
Informática	n	1	1	2
	%	1,6%	,6%	
Paramédico/primeiros socorros	n	1	1	2
	%	1,6%	,6%	
Repositor em supermercado	n	0	2	2
	%	0,0%	1,2%	
Manejo de barcos	n	0	2	2
	%	0,0%	1,2%	
Ordenha	n	0	2	2
	%	0,0%	1,2%	
Outros com uma citação	n	0	16	16
	%			
Total		61	171	232

Entre os 76,8% (n=232) que informaram atividades que podem gerar renda: 36,3% (n=73) declararam experiência média de até 1 ano; 18,9% (n=38), de 1 a 3 anos; 43,3% (n=87) de mais de 3 anos; 1,5% (n=3) não soube precisar.

Cursos de qualificação

A ausência de educação formal tem impacto negativo sobre a vida do adulto também em relação ao interesse e condições de compreensão e de leitura para acessar cursos de qualificação. Desde que chegaram ao Brasil, afirmaram ter realizado cursos de português ou de qualificação profissional 33,8% das pessoas indígenas refugiadas e migrantes em Boa Vista e em Manaus. Foram, em múltiplas respostas, mais mencionados os seguintes cursos: português (54,9%); empreendedorismo (19,6%); corte e costura (12,7%); padeiro (8,8%); informática (7,8%); auxiliar de limpeza (5,9%); cuidador de idosos (4,9%); cabelereiro (4,9%); manipulação de alimentos (2,9%);

manicure e pedicure (2,9%); e, na área da saúde, promoção de saúde mental (2,9%).

Há, junto à população entrevistada dos abrigos de Boa Vista, maior frequência de participação em cursos de português ou de qualificação em relação à população que está em Manaus nos abrigos e vivendo autonomamente.

Engajamento em cursos de formação

No decorrer da pesquisa, assistentes sociais e representantes de organizações humanitárias que trabalham com pessoas indígenas refugiadas e migrantes em Manaus relataram que enfrentam dificuldades para o engajamento e a adesão aos cursos e projetos de profissionalização levados aos abrigos. Parte do problema é atribuída à dificuldade de compreensão do português, à dificuldade de acompanhamento de conteúdos escritos e à ausência de redes de apoio com as quais

as mães poderiam deixar os filhos durante o período de aula. Do outro lado, nota-se que consultas prévias junto à população sobre o que de fato gostariam de aprender, assim como para conhecer as potencialidades de cada um poderiam levar a resultados positivos.

Por outro lado, as estratégias para o engajamento da população indígena refugiada e migrante em Manaus em cursos devem se estender a todo o arranjo familiar.

Na verdade, a maioria dos projetos só vai dar certo no dia que entenderem que tem que trabalhar o grupo familiar e não só o membro da família. Não adianta você querer melhorar a condição da mulher, se você não tenta melhorar a condição do homem também. Ou então a condição dos filhos. Só vai dar certo a maioria desses projetos, no dia que na família em que a mulher optou por participar do projeto com artesanato você trabalhe o marido (...) **(Representante do terceiro**

setor, coordenadora de projetos voltados à autonomia econômica de mulheres indígenas refugiadas e migrantes, Manaus)

Em 19,2% (n=58) das famílias que participam desta pesquisa foi informado haver jovens interessados em cursar o ensino superior ou se especializar em uma área de atividade específica. Em múltiplas respostas, houve 69 indicações de áreas de interesse, entre as quais, a educação (33,3%, n=23), o direito (10,1%, n=7), a enfermagem (8,7%, n=6), a medicina (7,2%, n=5) e a engenharia (5,8%, n=4) foram as mais citadas. Foram mencionados também os seguintes campos: idiomas (2,9%, n=2), corte e costura (2,9%, n=2), desenho/desenho gráfico (2,9%, n=2), esportes (2,9%, n=2), formação militar (2,9%, n=2), policial (2,9%, n=2). Receberam uma citação: aviação, engenharia de sistemas, música, fisioterapia, odontologia, informática e veterinária. Sabem que querem se especializar e ou fazer curso superior, mas ainda não se decidiram, 7,2% (n=5).

Fatores que impactam a participação em cursos

Em modelo de regressão logística binária²⁴, avaliou-se o impacto dos fatores, como cidade em que se vive, tempo em que está na cidade, escolaridade e proficiência em português -, sobre a probabilidade de que uma pessoa refugiada ou migrante indígena tenha realizado curso de qualificação profissional ou de português no Brasil. As variáveis gênero, idade e tempo em que está na cidade foram mantidas no modelo para controle.

As pessoas refugiadas e migrantes indígenas que estão em abrigos de Manaus apresentam uma probabilidade 68,6% menores do que as pessoas refugiadas e migrantes indígenas que estão em abrigos em Boa Vista de terem realizado cursos de qualificação profissional no Brasil. Importa observar que este

resultado pode ser influenciado pela maneira como se estrutura a resposta humanitária a pessoas refugiadas em Boa Vista.

A escolaridade está bastante correlacionada com as chances de um entrevistado ter realizado algum curso no Brasil. Os respondentes que possuem ensino inicial e/ou básico completo têm 10,3 vezes mais chances de terem feito curso de língua portuguesa ou de qualificação quando comparados à categoria de referência daqueles que nunca estudaram. Já os entrevistados com Ensino Médio possuem 28,3 vezes mais chances de terem realizado algum curso no Brasil quando comparados com a categoria de referência daqueles que nunca estudaram. Por sua vez, possuir ensino técnico ou universitário

²⁴ Modelo de regressão logística binária é uma técnica estatística usada para analisar como diferentes fatores, chamadas variáveis, podem influenciar a probabilidade de uma situação. Em outras palavras, ajuda a entender como variáveis específicas afetam a probabilidade de um resultado desejado. Este método é frequentemente aplicado em pesquisa e tomada de decisões em diversos campos, incluindo políticas públicas, economia e saúde, para ajudar a identificar quais fatores têm um impacto significativo nas escolhas e resultados estudados.

umenta em 172,7 vezes as chances de os entrevistados terem realizado algum curso.

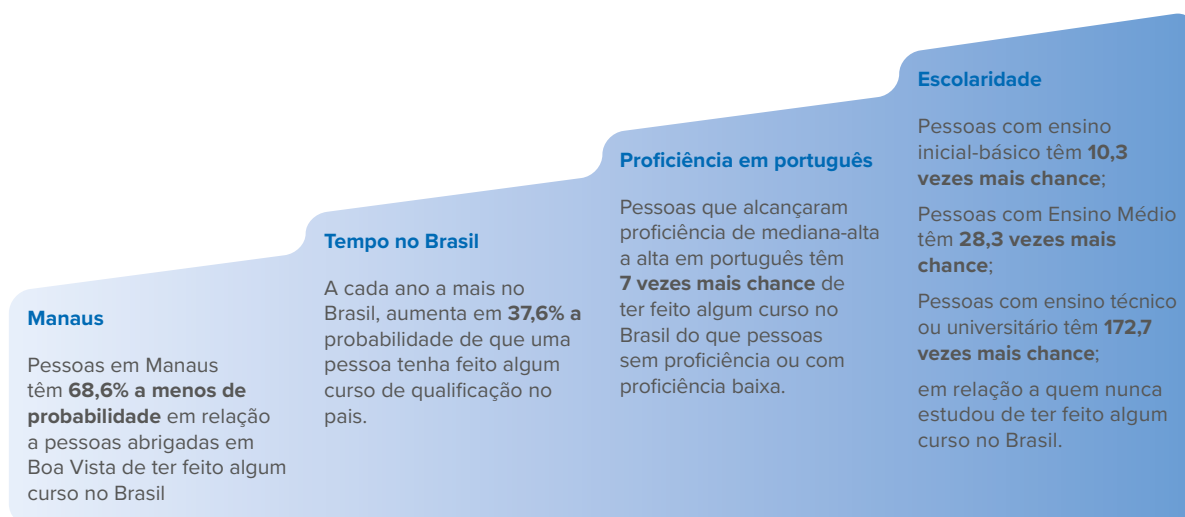
A cada ano passado no Brasil, aumenta em 37,6% a probabilidade de um entrevistado ter participado de uma modalidade do curso de qualificação e de português. O domínio da língua portuguesa é uma variável de impacto sobre a probabilidade de a pessoa ter realizado algum curso no Brasil. Aqueles

que alcançaram a proficiência mediana-alta à alta em português têm sete vezes mais chances do que aqueles que não têm proficiência e/ou têm proficiência muito baixa de terem realizado algum curso no Brasil.

A idade dos entrevistados não demonstrou relevância no condicionamento das chances de ter participado de cursos e tampouco o sexo do entrevistado não teve efeito significativo.

Figura 11

Variáveis com maior impacto na probabilidade de ter feito curso de qualificação ou de português





© ACNUR/ Gabriella Nunes

Trabalho e renda

Conhecimento da Legislação trabalhista

Desconhecem a legislação trabalhista brasileira, – portanto não estão conscientes dos direitos e deveres dos trabalhadores no país – 84,4% (n=255); 10,9% (n=33) afirmam conhecer pouco a legislação trabalhista. Conhecem-na muito bem 2,3% (n=7); e conhecem o suficiente 2,3% (n=7). Não há associação estatística

significativa entre etnias e o nível de conhecimento sobre a legislação trabalhista. Há, entre pessoas que nunca estudaram, maior incidência de desconhecimento total sobre a legislação trabalhista brasileira em relação às demais categorias de anos de estudo.

Procura por trabalho

Procuraram trabalho na data de referência desta pesquisa 25,8% (n=78) dos respondentes; 74,2% (n=224) não procuraram trabalho. A escolaridade não apresentou relação de associação estatística com a procura por trabalho. Diferentemente, homens, mais do que mulheres (43,9%

versus 17,2%); pessoas de Manaus em espaço autônomo, mais do que pessoas em Boa Vista (61,3% em relação a 13,7%); e pessoas na faixa de 45 a 59 anos (39,6%), mais do que de outras categorias etárias, foram grupos que buscaram inserção com maior frequência.

Figura 12

No último mês, você procurou alguma oportunidade de trabalho, seja por jornada ou como diarista?

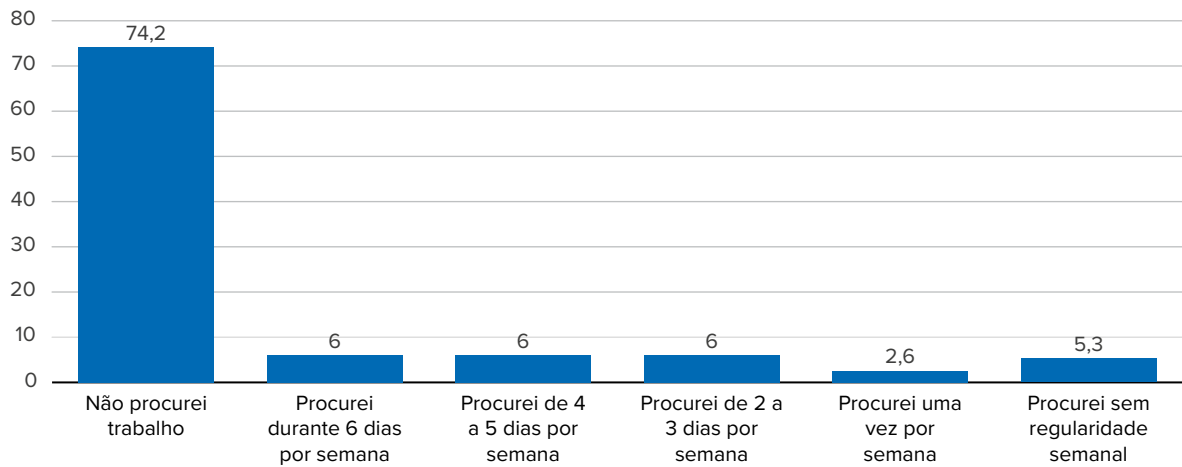


Tabela 13

Procurou trabalho no último mês, por cidade em que vive

		Boa Vista	Manaus	Total
Não procurou trabalho	n	176	48	224
	%	86,3%	49,0%	74,2%
Procurou trabalho	n	28	50	78
	%	13,7%	51,0%	25,8%
Total	n	204	98	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,000 em α=0,05

Tabela 14

Procurou trabalho, por cidade e situação da morada

		Abrigados Boa Vista	Abrigados Manaus	Não abrigados Manaus	Total
Não procurou trabalho	n	176	24	24	224
	%	86,3%	66,7%	38,7%	74,2%
Procurou trabalho	n	28	12	38	78
	%	13,7%	33,3%	61,3%	25,8%
Total	n	204	36	62	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 57,356 há relação de associação entre as variáveis, p=0,000, em α=0,05

Tabela 15

Procurou trabalho por sexo

		Masculino	Feminino	Total
Não procurou trabalho	n	55	169	224
	%	56,1%	82,8%	74,2%
Procurou trabalho	n	43	35	78
	%	43,9%	17,2%	25,8%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação entre as variáveis, p (dois lados) =0,000, em $\alpha=0,05$

Tabela 16

Procurou trabalho por faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Não procurou trabalho	n	57	62	61	29	15	224
	%	78,1%	74,7%	73,5%	60,4%	100,0%	74,2%
Procurou trabalho	n	16	21	22	19	0	78
	%	21,9%	25,3%	26,5%	39,6%	0,0%	25,8%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 10,579 há relação de associação entre as variáveis, p=0,032, em $\alpha=0,05$

Entre os diversos segmentos em que buscaram emprego estão a agricultura (32,1%, n=25); carga e descarga (24,4%, n=19); artesanato (21,8%, n=17); construção civil (20,5%, n=16); emprego doméstico (15,4%, n=12); emprego em estabelecimentos comerciais (12,8%, n=10); trabalho no segmento de alimentação, restaurantes, bares e hotéis (7,7%, n=6); serviços gerais de limpeza e manutenção (6,4%, n=5); carpintaria (3,8%, n=3); educação (3,8%, n=3); saúde (1,3%, n=1); assistente social e tradutor (1,3%, n=1). Houve ainda outros 10,3% (n=8) respondentes que informaram ter procurado emprego na área de costura (n=3), gastronomia/cozinha (n=1), pesca (n=1), coletor de recicláveis (n=1), sapateiro (n=1) e em todas as áreas (n=1).

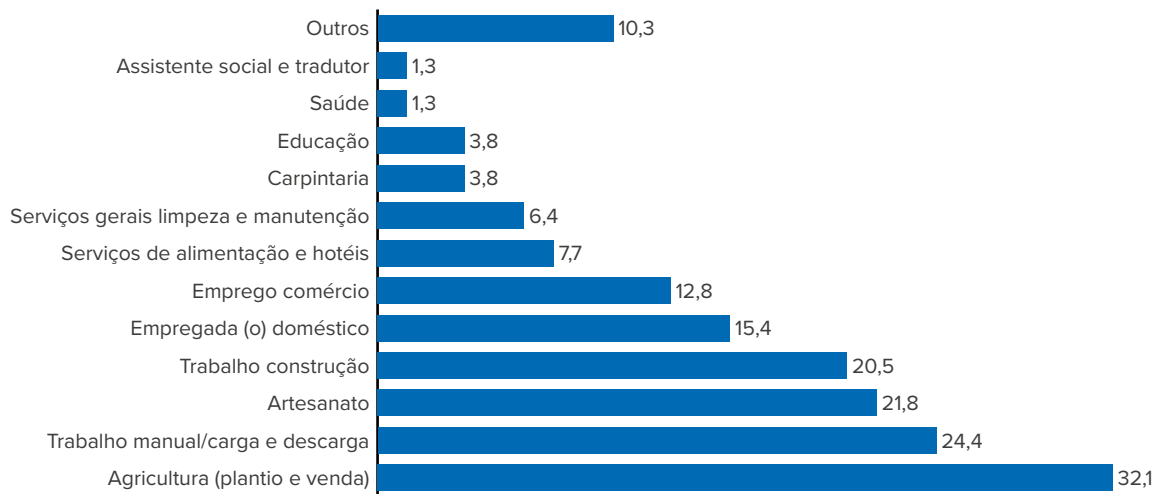
Boa Vista; a procura por inserção laboral na atividade de serviços domésticos é maior em Boa Vista do que em Manaus. A procura por trabalhos em carga e descarga, artesanato e construção civil se assemelha em frequência (não há relação de associação estatística entre a cidade e a procura por trabalho nessas áreas).

Homens, mais do que mulheres, tendem a procurar na agricultura; na carga e descarga; e na construção civil. Mulheres, e não homens, apresentam maior probabilidade de buscar trabalho no artesanato. Não há relação de associação estatística significativa entre a procura por trabalho em serviços domésticos e gênero.

Enquanto a busca por trabalho na agricultura é mais frequente em Manaus do que em

Figura 13

Em qual desses ramos de atividades você procurou trabalho? (Múltiplas respostas, percentual de ocorrência da atividade)

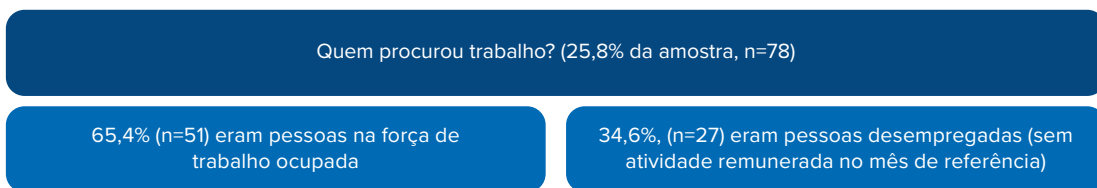


Escolaridade e idade não apresentam relação de associação estatística significativa com a procura por trabalho na agricultura, carga e descarga, artesanato, construção civil e serviços domésticos, segmentos em que há maior frequência de busca por inserção laboral. Porém, ressalta-se que entre jovens de 16 a 24 anos, que se diferencia das demais, se verifica menor busca pelas atividades de agricultura em relação às demais faixas etárias; e maior

procura por serviços domésticos em relação às demais categorias de idade. Aqueles que procuraram trabalho na atividade de carga e descarga estão mais presentes na categoria etária de 45 a 59 anos. 65,4% (n=51) das pessoas que procuraram trabalho no mês de referência desta pesquisa integravam a força de trabalho ocupada, portanto, tinham rendimento com alguma atividade laboral; 34,6% (n=27) estavam desempregadas.

Figura 14

Detalhamento da força de trabalho de pessoas indígenas



Entre as pessoas que procuraram trabalho, 11,5% (n=9) tinham emprego regular (com ou sem carteira assinada) no mês de referência da pesquisa; 26,9% (n=21) trabalharam como autônomos para terceiros; 12,8% (n=10) trabalharam como ambulante; 28,2% (n=22) estavam desempregados; 6,4% (n=5) faziam coleta de dinheiro nas ruas; 12,8% (n=10) trabalhavam com artesanato; e 1,3% (n=1) era empreendedor individual.

Os grupos de pessoas com trabalho regular com ou sem carteira assinada; de pessoas que exerciam trabalho autônomo para terceiros; e de ambulantes apresentaram tendência a procurar nova ocupação com maior frequência do que a se acomodar em sua condição laboral.

Estão em busca de qualquer oportunidade de inserção ou reinserção laboral, independentemente da área, 65,4% (n=51) daqueles que procuraram trabalho no período

de referência desta pesquisa; 26,9% (n=21) estão à procura de trabalhos no campo de certas atividades específicas; 7,7% (n=6) não responderam. No geral, não se verifica relação de associação entre a forma e intensidade em que as pessoas buscam trabalho e o gênero, a idade, a escolaridade e a etnia. Há, contudo, uma relação de associação entre a morada –

se abrigo ou espaço autônomo – e a busca ampliada para qualquer campo de atividade em que surja oportunidade: pessoas que estão abrigadas em Manaus e procurando emprego, tendem a procurá-lo em qualquer área; já em Boa Vista, há maior presença de pessoas que buscam trabalho em áreas específicas.

Figura 15

Quando você procura trabalho, você procura em todas as áreas de atuação que oferecem oportunidades ou há áreas específicas em que você está procurando trabalho?

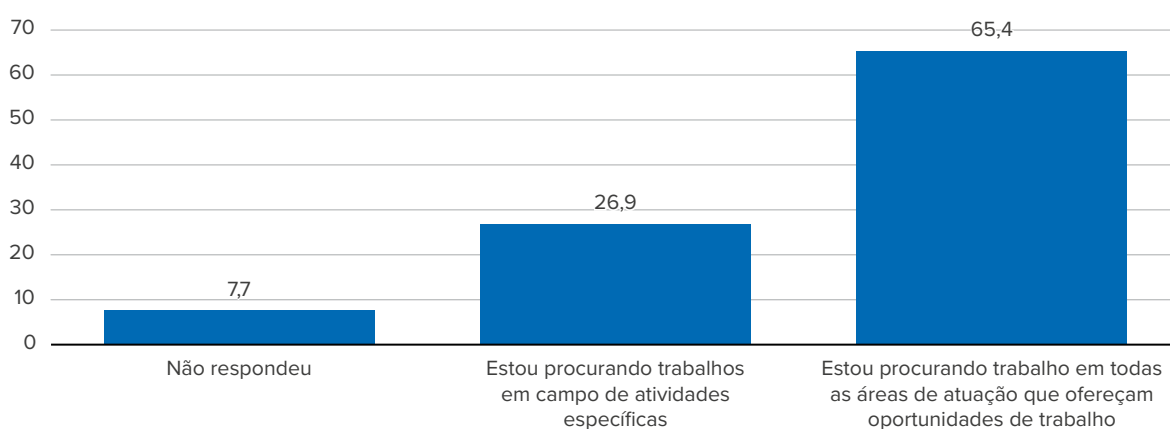


Tabela 17

Área em que procura trabalho por Cidade e situação da morada

		Abrigados Boa Vista	Abrigados Manaus	Não abrigados Manaus	Total
Estou procurando trabalho em todas as áreas que ofereçam oportunidades	n	16	11	24	51
	%	57,1%	91,7%	63,2%	65,4%
Estou procurando trabalhos em campo de atividades específicas	n	12	0	9	21
	%	42,9%	0,0%	23,7%	26,9%
Não respondeu	n	0	1	5	6
	%	0,0%	8,3%	13,2%	7,7%
Total	n	28	12	38	78
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

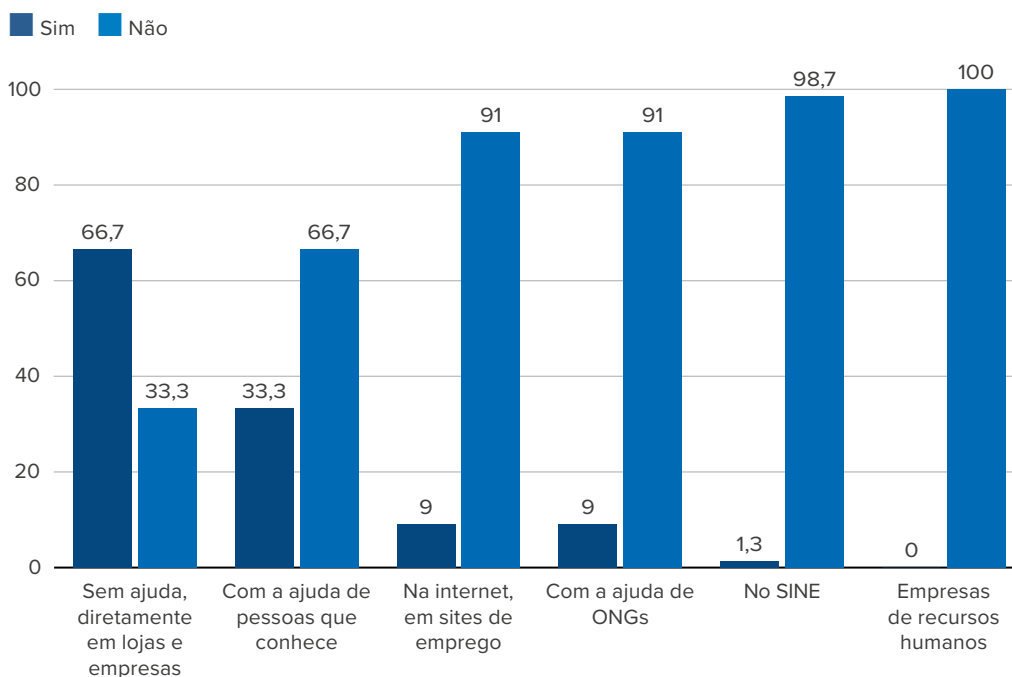
Qui-quadrado = 11,243 há relação de associação entre as variáveis, p=0,024, em α=0,05

Para 66,7% (n=52), a busca por trabalho é solitária, diretamente em lojas, empresas e estabelecimentos, sem apoio institucional; 33,3% (n=26) recorrem a amigos e conhecidos; 9% (n=7) procuram com apoio de sites de emprego e ofertas encontradas na internet; 9% (n=7) com

ajuda de ONGs e instituições humanitárias; 1,3% (n=1) procura no SINE. Não há hábito de se recorrer a agências de recursos humanos, que são canal muito utilizado por empresas de porte médio e grande para a contratação.

Figura 16

Existem várias maneiras de procurar trabalho. Como você procurou trabalho? (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência de cada possibilidade)



Entre aqueles que procuraram emprego no mês de referência desta pesquisa, 32,1% (n=25) fazem-no também em outras cidades do estado; 20,5% (n=16) procuram também em outros estados. Pessoas que estão procurando

trabalho e vivem em Boa Vista tendem a levar mais em conta oportunidades para inserção laboral em outros estados do que pessoas que procuram trabalho em Manaus.

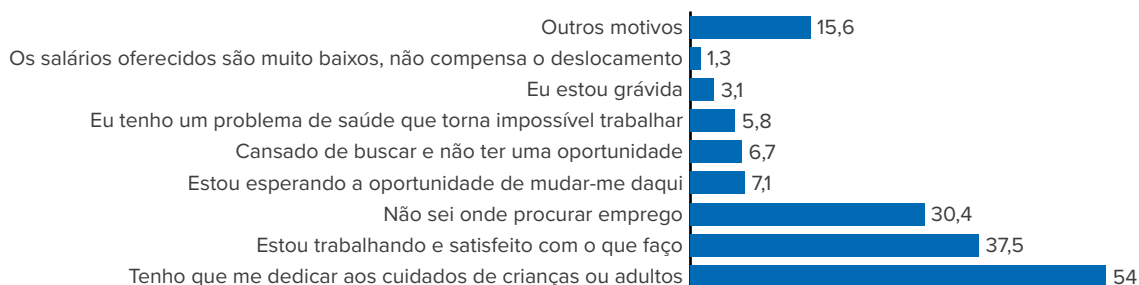
Pessoas que não procuraram trabalho

Àquelas pessoas que declararam não ter procurado trabalho no mês de referência da pesquisa – (74,2% da amostra, n=224) –, foi indagada a razão. Em respostas múltiplas, o motivo que mais se repetiu foi a indisponibilidade para o trabalho por estar cuidando de crianças e ou adultos (54%, n=121); 37,5% (n=84) disseram estar trabalhando e satisfeitas com a sua forma inserção laboral neste momento; 30,4% (n=68) disseram não saber como nem onde procurar emprego; 7,1% (n=16), aguardam oportunidade para mudar-se da cidade; 6,7% (n=15) sentem-se cansados de

procurar e não conseguir se uma oportunidade (desalento); 5,8% (n=13) afirmam ter um problema de saúde que não permite que trabalhem; 3,1% (n=7) informam estar grávidas; 1,3% (n=3) consideram os salários oferecidos muito baixos, não compensando o deslocamento. Entre os 15,6% (n=35) que citaram outros problemas, foram justificativas apontadas: não fala português (n=19); está em idade avançada (n=11); não tem oferta de trabalho (n=8); não tem dinheiro para deslocar-se na busca por emprego (n=2). Outras 8 respostas tiveram apenas 1 menção cada.

Figura 17

Por que você não procurou um emprego no último mês? (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência das justificativas)



Áreas em que gostariam mais de trabalhar

Trabalho na agricultura familiar é a atividade apontada como a preferida com a maior frequência de ocorrência (45%, n=136), o que se explica pela origem rural da maior parte dos respondentes da amostra. Artesanato (40,4%, n=122) é a segunda atividade mais informada, seguida por serviços domésticos (24,8%, n=101) e serviços gerais de limpeza e manutenção (24,8%, n=75). Foram ainda atividades desejadas como campo de trabalho: serviços em estabelecimentos comerciais (15,9%, n= 48);

serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis (15,6%, n=47); trabalho manual de carga e descarga (11,9%, n=36); fazendas agroindustriais (11,6%, n=35); construção civil (9,9%, n=30); pesca (9,3%, n=28); professor/trabalho na educação (8,9%, n=27); agroindústria (6,3%, n=35); carpintaria (6,0%, n=18); assistência social e tradução (5,6%, n=17); área de saúde (5,6%, n=17). Informaram outras áreas 13,9% (n=42), sendo corte e costura e cozinha as mais recorrentes.

Figura 18

Em que campo de atividade você gostaria mais de trabalhar, em que área você se sentiria mais confortável para fazer um bom trabalho? (Múltiplas respostas - Frequência de ocorrência)

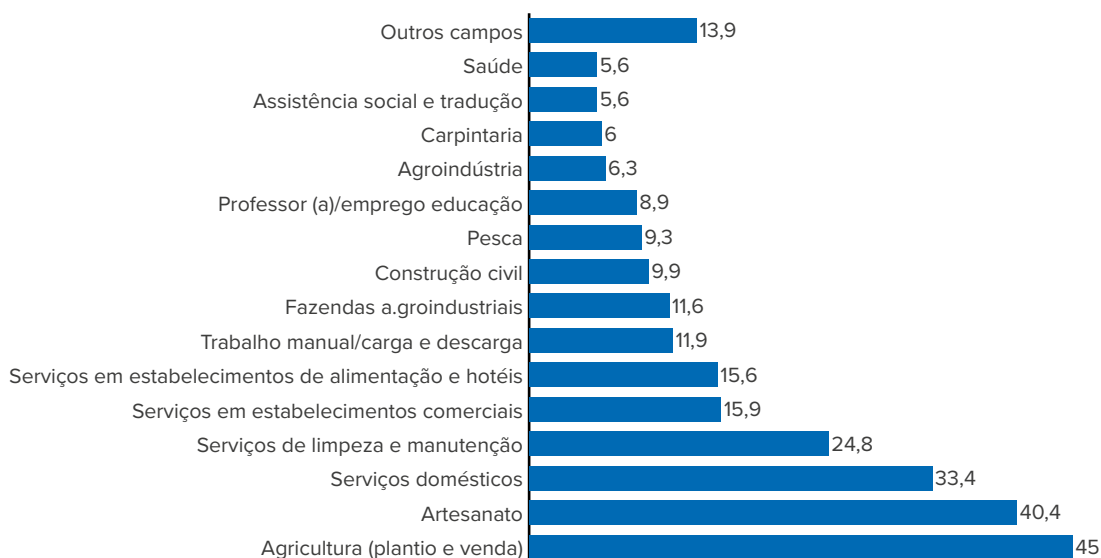


Tabela 18

Outros campos de atividade (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência em relação ao número de respostas/citações e em relação ao número de casos/ espondentes)

	Respostas múltiplas	Proporção em relação às citações (n=48)	Σ Proporção em relação aos casos (n=42)
Corte e costura	14	29,20%	33,30%
Cozinha	12	25,00%	28,60%
Manicure e pedicure	4	8,30%	9,50%
Babá	3	6,30%	7,10%
Motorista	2	4,20%	4,80%
Reposição	2	4,20%	4,80%
Qualquer trabalho	2	4,20%	4,80%
Cabeleireira	2	4,20%	4,80%
Padaria	1	2,10%	2,40%
Ordenha	1	2,10%	2,40%
Fabricação de queijos	1	2,10%	2,40%
Facilitador cultural	1	2,10%	2,40%
Serralheria	1	2,10%	2,40%
Informática	1	2,10%	2,40%
Bombeiro hidráulico	1	2,10%	2,40%
nrespondentes/casos: 43 ncitações/respostas: 48	48	100,0%	114,3%

A preferência por atividades agrícolas está mais presente entre pessoas que viviam na área rural antes de se mudar para o Brasil; serviços domésticos, serviços de limpeza e manutenção em estabelecimentos, serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis são mais frequentes entre pessoas que viviam em áreas urbanas na Venezuela.

Carpintaria, trabalho na área da educação, serviços na área de saúde, assistência social, serviços prestados em estabelecimentos comerciais e atividades na agroindústria são mais frequentes entre pessoas provenientes da área urbana; já agricultura em grandes fazendas, construção civil, artesanato,

pesca e trabalhos de carga e descarga são preferências indicadas igualmente por pessoas provenientes da área urbana e área rural.

Em Boa Vista, há maior presença do que em Manaus de pessoas que manifestam preferência por trabalhar na agricultura familiar, em serviços domésticos, na agroindústria (frigoríficos), na carpintaria, em estabelecimentos de alimentação e hotéis, em serviços de limpeza e manutenção e em estabelecimentos comerciais. São preferências presentes nas duas cidades, a agricultura em fazendas agroindustriais, serviços de assistência social, serviços manuais de carga e descarga, serviços na área de construção civil, educação, saúde e atividades de pesca.

Tabela 19

Área em que gostariam de trabalhar por Cidade em que vivem no Brasil

		Manaus	Boa Vista	Total
Agricultura familiar/cultivo de terras, em atividades de agricultura familiar (sim)	n	35	101	136
	%	35,7%	49,5%	45,0%
Agricultura familiar/cultivo de terras, em atividades de agricultura familiar (não)	n	63	103	166
	%	64,3%	50,5%	55,0%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,024 em α=0,05				
Agricultura nas fazendas agroindustriais (sim)	n	9	26	35
	%	9,2%	12,7%	11,6%
Agricultura nas fazendas agroindustriais (não)	n	89	178	267
	%	90,8%	87,3%	88,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,365 em α=0,05				
Agroindústria (frigoríficos, indústrias alimentícias) (sim)	n	0	19	19
	%	0,0%	9,3%	6,3%
Agroindústria (frigoríficos, indústrias alimentícias) (não)	n	98	185	283
	%	100,0%	90,7%	93,7%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,002 em α=0,05				
Assistência social e tradução (sim)	n	2	15	17
	%	2,0%	7,4%	5,6%
Assistência social e tradução (não)	n	96	189	285
	%	98,0%	92,6%	94,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,061 em α=0,05				
Carga e descarga manual (sim)	n	13	23	36
	%	13,3%	11,3%	11,9%
Carga e descarga manual (não)	n	85	181	266
	%	86,7%	88,7%	88,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,617 em α=0,05				

		Manaus	Boa Vista	Total
Carpintaria (sim)	n	1	17	18
	%	1,0%	8,3%	6,0%
Carpintaria (não)	n	97	187	284
	%	99,0%	91,7%	94,0%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,012 em α=0,05				
Construção civil (sim)	n	5	25	30
	%	5,1%	12,3%	9,9%
Construção civil (não)	n	93	179	272
	%	94,9%	87,7%	90,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,052 em α=0,05				
Educação (sim)	n	9	18	27
	%	9,2%	8,8%	8,9%
Educação (não)	n	89	186	275
	%	90,8%	91,2%	91,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,918 em α=0,05				
Saúde (atividades manuais) (sim)	n	4	13	17
	%	4,1%	6,4%	5,6%
Saúde (atividades manuais) (não)	n	94	191	285
	%	95,9%	93,6%	94,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,419 em α=0,05				
Serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis (sim)	n	5	42	47
	%	5,1%	20,6%	15,6%
Serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis (não)	n	93	162	255
	%	94,9%	79,4%	84,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,001 em α=0,05				

		Manaus	Boa Vista	Total
Serviços domésticos prestados em casas (sim)	n	3	98	101
	%	3,1%	48,0%	33,4%
Serviços domésticos prestados em casas (não)	n	95	106	201
	%	96,9%	52,0%	66,6%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,000$ em $\alpha=0,05$

Serviços de limpeza e manutenção prestados nas empresas (sim)	n	4	71	75
	%	4,1%	34,8%	24,8%
Serviços de limpeza e manutenção prestados nas empresas (não)	n	94	133	227
	%	95,9%	65,2%	75,2%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,000$ em $\alpha=0,05$

Serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado (sim)	n	0	48	48
	%	0,0%	23,5%	15,9%
Serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado (não)	n	98	156	254
	%	100,0%	76,5%	84,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,000$ em $\alpha=0,05$

Pesca (sim)	n	5	23	28
	%	5,1%	11,3%	9,3%
Pesca (não)	n	93	181	274
	%	94,9%	88,7%	90,7%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,084$ em $\alpha=0,05$

Agricultura familiar, agricultura nas fazendas agroindustriais, agroindústria, carga e descarga e construção civil são segmentos e atividades mais desejados por homens do

que por mulheres. Já o artesanato, serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis; e serviços domésticos são mais preferidos por mulheres do que por homens.

Tabela 20

Área em que gostaria de trabalhar por Gênero

		Masculino	Feminino	Total
Agricultura familiar/cultivo de terras, em atividades de agricultura familiar (sim)	n	63	73	136
	%	64,3%	35,8%	45,0%
Agricultura familiar/cultivo de terras, em atividades de agricultura familiar (não)	n	35	131	166
	%	35,7%	64,2%	55,0%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,000 em $\alpha=0,05$				
Agricultura nas fazendas agroindustriais (sim)	n	20	15	35
	%	20,4%	7,4%	11,6%
Agricultura nas fazendas agroindustriais (não)	n	78	189	267
	%	79,6%	92,6%	88,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,001 em $\alpha=0,05$				
Agroindústria (frigoríficos, indústrias alimentícias) (sim)	n	11	8	19
	%	11,2%	3,9%	6,3%
Agroindústria (frigoríficos, indústrias alimentícias) (não)	n	87	196	283
	%	88,8%	96,1%	93,7%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,014 em $\alpha=0,05$				
Artesanato (atividades manuais) (sim)	n	27	95	122
	%	27,6%	46,6%	40,4%
Artesanato (atividades manuais) (não)	n	71	109	180
	%	72,4%	53,4%	59,6%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,002 em $\alpha=0,05$				
Assistência social e tradução (sim)	n	4	13	17
	%	4,1%	6,4%	5,6%
Assistência social e tradução (não)	n	94	191	285
	%	95,9%	93,6%	94,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,419 em $\alpha=0,05$				

		Masculino	Feminino	Total
Carga e descarga manual (sim)	n	30	6	36
	%	30,6%	2,9%	11,9%
Carga e descarga manual (não)	n	68	198	266
	%	69,4%	97,1%	88,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,000 em $\alpha=0,05$

Carpintaria (sim)	n	12	6	18
	%	12,2%	2,9%	6,0%
Carpintaria (não)	n	86	198	284
	%	87,8%	97,1%	94,0%

Total	n	98	204	302
	%			

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,001 em $\alpha=0,05$

Construção civil (sim)	n	26	4	30
	%	26,5%	2,0%	9,9%
Construção civil (não)	n	72	200	272
	%	73,5%	98,0%	90,1%

Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,000 em $\alpha=0,05$

Educação (sim)	n	8	19	27
	%	8,2%	9,3%	8,9%
Educação (não)	n	90	185	275
	%	91,8%	90,7%	91,1%

Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,743 em $\alpha=0,05$

Saúde (atividades manuais) (sim)	n	5	12	17
	%	5,1%	5,9%	5,6%
Saúde (atividades manuais) (não)	n	93	192	285
	%	94,9%	94,1%	94,4%

Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, p= 0,783 em $\alpha=0,05$

		Masculino	Feminino	Total
Serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis (sim)	n	7	40	47
	%	7,1%	19,6%	15,6%
Serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis (não)	n	91	164	255
	%	92,9%	80,4%	84,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,005$ em $\alpha=0,05$

Serviços domésticos prestados em casas (sim)	n	13	88	101
	%	13,3%	43,1%	33,4%
Serviços domésticos prestados em casas (não)	n	85	116	201
	%	86,7%	56,9%	66,6%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,000$ em $\alpha=0,05$

Serviços de limpeza e manutenção prestados nas empresas (sim)	n	25	50	75
	%	25,5%	24,5%	24,8%
Serviços de limpeza e manutenção prestados nas empresas (não)	n	73	154	227
	%	74,5%	75,5%	75,2%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,851$ em $\alpha=0,05$

Serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado (sim)	n	16	32	48
	%	16,3%	15,7%	15,9%
Serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado (não)	n	82	172	254
	%	83,7%	84,3%	84,1%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,887$ em $\alpha=0,05$

Pesca (sim)	n	12	16	28
	%	12,2%	7,8%	9,3%
Pesca (não)	n	86	188	274
	%	87,8%	92,2%	90,7%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher = não há relação de associação/dependência entre variáveis, $p=0,217$ em $\alpha=0,05$



Idiomas

© ACNUR / Felipe Imaldo

Línguas indígenas como elemento identitário

Falam e compreendem bem as línguas de suas respectivas etnias 86,8% das pessoas indígenas refugiadas e migrantes em Boa Vista e em Manaus; 9,9% falam e/ou compreendem pouco (ou vice-versa); e 3,3% não falam nem compreendem a língua indígena. A fluência e compreensão dessa língua não estão associadas estatisticamente ao gênero do respondente, à cidade em que vive atualmente²⁵ e nem à idade²⁶, mas apresenta associação à sua etnia: a proficiência é mais frequente nas etnias Warao e E'ñepa em relação às demais etnias

(que estão presentes em baixa frequência na amostra) e sobretudo em relação aos respondentes não-indígenas incorporados às famílias indígenas. Ainda, a variável escolaridade tem relação estatística de associação/dependência em relação à compreensão e fluência da língua original: há maior presença de pessoas que falam e compreendem bem a língua original entre aqueles que nunca estudaram e que têm escolaridade inicial em relação às demais faixas de escolaridade.

Proficiência em espanhol

Mais da metade (58,6%) das pessoas indígenas refugiadas e migrantes nas duas cidades do Norte têm proficiência de mediana a alta e/ou muito alta em espanhol. Não leem, não

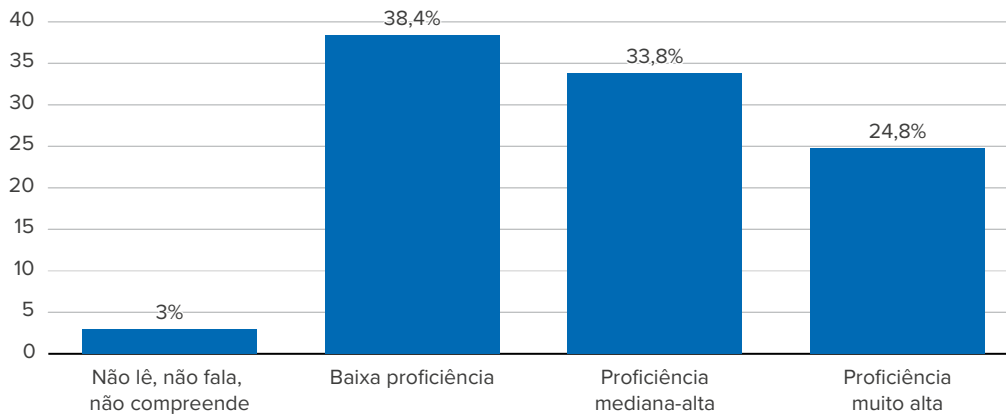
compreendem e não falam o espanhol 3%; estão na categoria de baixa proficiência – não leem (ou leem mal), compreendem e falam mal ou razoavelmente – 38,4%.

25 Entretanto, há maior presença de pessoas que falam e compreendem bem a língua original entre pessoas não abrigadas em Manaus em relação à média da amostra de respondentes.

26 À exceção da faixa etária de 16 a 24 anos, em que se verifica proporcionalmente maior presença de pessoas que não falam nem compreendem a língua original.

Figura 19

Proficiência em espanhol: leitura, expressão e compreensão



A proficiência em espanhol não apresenta associação significativa com as categorias de gênero nem com a cidade em que os respondentes estão vivendo – se Boa Vista ou Manaus. Mas há associação significativa entre proficiência em espanhol e escolaridade – a partir da formação do Ensino Médio há, crescentemente, maior presença de alta proficiência em espanhol; a proficiência de mediana a alta está mais presente entre pessoas

com formação da Educação Inicial ou Básica; e a baixa proficiência é mais frequente entre pessoas que nunca estudaram. A proficiência em espanhol tende a ser menor junto às pessoas de 60 anos ou mais. Entre pessoas que viviam no contexto rural seis meses antes de deslocar-se para o Brasil, registra-se maior presença de baixa proficiência em espanhol do que as pessoas que estavam no contexto urbano antes da jornada.

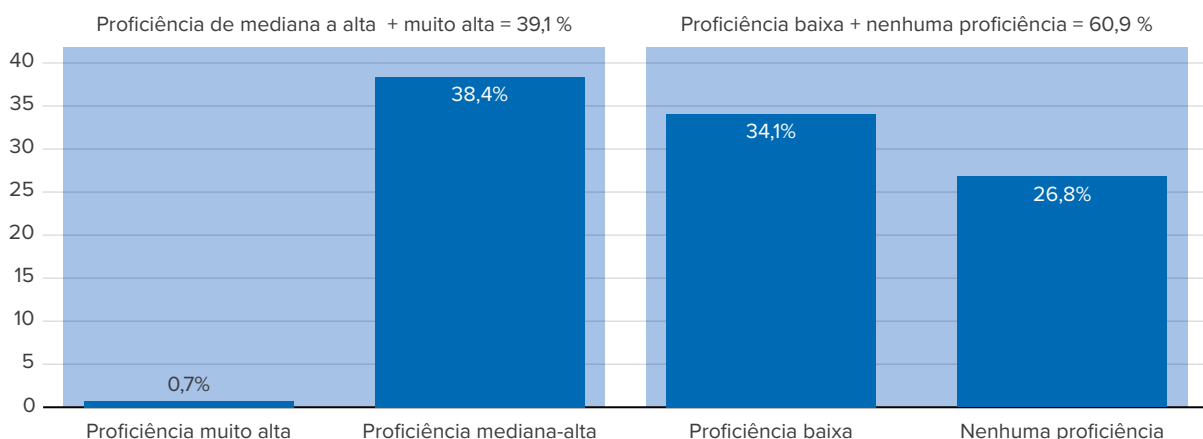
Proficiência em português

Considerando as habilidades de expressão, compreensão e leitura da língua portuguesa, há um profundo déficit de proficiência em português entre pessoas indígenas refugiadas e migrantes que vivem em Boa Vista e em Manaus: 60,9% (n=184) têm baixa proficiência (34,1%, n=103) ou

nenhuma proficiência (26,8%, n=81); 38,4% (n=116) apresentam proficiência predominantemente mediana – o que significa dizer nível de regular a boa em expressão, compreensão e leitura em português; 0,7% (n=2) têm proficiência muito alta.

Figura 20

Proficiência em português: expressão, compreensão e leitura



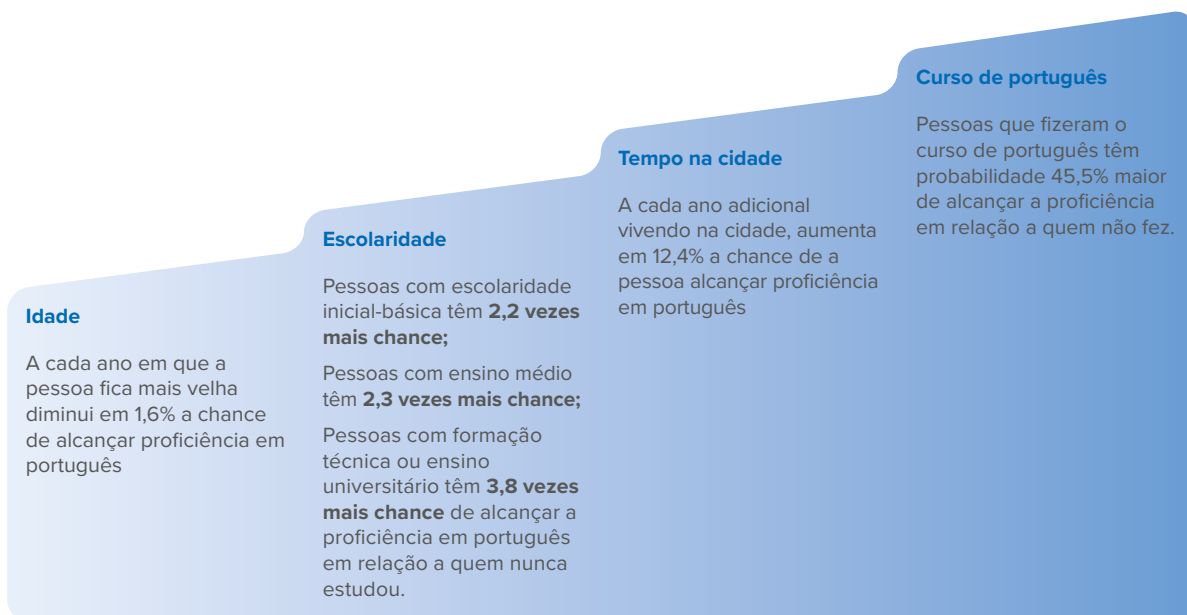
Fatores que incidem sobre as chances de se alcançar a proficiência em português

É também alto o impacto da escolaridade sobre as chances de uma pessoa alcançar a proficiência em português. Quando os níveis de escolaridade são comparados com a categoria de referência “nunca estudou”, modelo de regressão logística binomial²⁷ indica que pessoas indígenas venezuelanas com escolaridade inicial-básica têm **2,2 vezes mais chance**; com ensino médio têm **2,3 vezes mais chance**; com formação técnica ou ensino universitário têm **3,8**

vezes mais chance de alcançar a proficiência em português em relação a quem nunca estudou. Esses resultados foram alcançados mantendo-se no modelo de regressão, sob controle, as variáveis tempo de imersão na cidade e ter realizado curso de português, ambas também associadas positivamente às chances de uma pessoa alcançar proficiência em português mediana alta/muito alta. A idade tem efeito negativo sobre as chances de aprendizado.

Figura 21

Variáveis com maior impacto na probabilidade de uma pessoa alcançar proficiência em português



²⁷ Modelo de Regressão Logística Binomial é uma técnica estatística usada para entender como diferentes variáveis podem influenciar a probabilidade de ocorrência de um evento que envolve contagem (por exemplo, o número de sucessos em um conjunto específico de tentativas). Em outras palavras, ajuda a descobrir quais fatores podem afetar quantas vezes algo acontece em um número fixo de tentativas. Este método é amplamente utilizado em diversas áreas, como pesquisa social, econômica e em saúde, para analisar e prever situações em que contamos ou registramos eventos específicos.

Inserção laboral

Há disparidades entre as probabilidades de inserção laboral de pessoas **refugiadas e migrantes venezuelanas não indígenas** e pessoas **refugiadas e migrantes indígenas** nas capitais Boa Vista e Manaus. Ao mesmo tempo em que pessoas refugiadas **não indígenas** enfrentam desafios significativos para inserção no mercado laboral²⁸, pessoas indígenas refugiadas e migrantes encontram desafios adicionais para a inclusão no trabalho e geração de renda.

Para pessoas indígenas refugiadas e migrantes, seja em Boa Vista ou seja em Manaus, há uma história de vulnerabilidades que se transporta da Venezuela ao Brasil refletida na sua invisibilidade social: raramente são considerados para a contratação em atividades permanentes. Em entrevistas em profundidade realizadas com o setor produtivo das duas cidades em 2021²⁹, verificou-se percepção de que esta população muitas vezes não seria devidamente levada em conta para inclusão no mercado de trabalho.

Atividades econômicas e mercado de trabalho

Manaus se apresenta com um mercado de trabalho mais promissor em relação a Boa Vista. Representa quase 20% do PIB da Região Norte e tem uma economia mais diversificada, com 45,6% da participação do segmento da indústria (IBGE/2020) sobre o Valor Adicionado Bruto

(VAB) da capital, indicador impulsionado pelo Polo Industrial de Manaus (PIM). Os setores produtivos da indústria e dos serviços respondem, juntos, por 85,8% do VAB de Manaus. A Administração Pública, em contrapartida, responde por 14% da composição do VAB na capital manauara.

28 “Autonomia e integração local de refugiados(as) e migrantes venezuelanos(as) acolhidos(as) nos abrigos em Boa Vista (RR)”. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/07/relatorio-operacao_acolhida-Final.pdf e “Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Manaus: pesquisa de perfil socioeconômico e laboral” Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/06/OS843_Sumario_Executivo_de_Pesquisa_V9.pdf

29 Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Roraima e Manaus: setor produtivo e potencialidades”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/11/Diagnosticos-para-a-promoc%CC%A7ao-da-autonomia-e-integrac%CC%A7ao-local-de-pessoas-refugiadas-e-migrantes-venezuelanas-em-Roraima-e-Manaus.pdf>

Em Boa Vista, em contraposição, a economia é menos diversificada, estruturada em torno da burocracia estatal que se consolida a partir da Constituição de 1988, quando Roraima passa da condição de território ao status de estado. A importância do setor público para a economia local se expressa, em Boa Vista, no peso que esta assume (dispêndios na defesa, na educação, na

saúde e na seguridade social) sobre o VAB da capital de Roraima: respondeu por 41,2% em 2020; enquanto a atividade industrial teve participação de 13,8%. O setor de serviços e comércio respondeu por 43,9% do VAB, para o qual contribui a dinâmica de consumo do funcionalismo público, que justifica a alicunha de capital da “economia do contracheque”.

Tabela 21

Produto Interno Bruto (PIB) de Manaus e de Boa Vista (em R\$ × 1000, Valor Adicionado Bruto (VAB) e participação percentual dos setores econômicos das duas cidades sobre o VAB - Ano 2020/IBGE - Sistema de Contas Nacionais³⁰

Atividade econômica	Manaus	Participação % sobre o VAB	Boa Vista	Participação % sobre o VAB
Agropecuária	164.934	0,2%	121.500	1,1%
Indústria	33.272.165	45,6%	1.456.847	13,8%
Serviços	29.327.259	40,2%	4.640.743	43,9%
Administração pública	10.205.706	14%	4.348.930	41,2%
Valor Adicionado Bruto (VAB)	72.970.064	100%	10.568.020	100%
Impostos	18.798.608		1.258.185	
Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes	91.768.672		11.826.205	

As composições dos Valores Adicionados Brutos (VABs) de Boa Vista e de Manaus demonstram, portanto, maior pujança da atividade econômica em Manaus em relação a Boa Vista, o que também se expressa, quando comparadas as duas cidades, na maior participação da população refugiada e migrante indígena e não indígena na força de trabalho. As pessoas

refugiadas e migrantes venezuelanas – não indígenas e indígenas – - que partem de Pacaraima para Manaus – com ou sem paradas intermediárias em Boa Vista ou cidades como Belém – vão em busca de inserção laboral. Manaus tem maior participação, em relação a Boa Vista, de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas na força de trabalho³¹ – Enquanto

30 Fonte IBGE/2020. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/pesquisa/38/46996?tipo=grafico&indicador=46997> e <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/boa-vista/pesquisa/38/46996?tipo=grafico&indicador=46997> em 19.12.2022, às 8h.

31 Pessoas na força de trabalho: Maiores de 14 anos, que estão trabalhando em alguma atividade remunerada (pessoas ocupadas) ou estão desempregadas (procuraram emprego no mês anterior à data de referência da pesquisa). A taxa de ocupação se refere à população ocupada (numerador) em relação à força de trabalho (denominador). A taxa de desocupação se refere à população desempregada e procurando emprego (numerador) em relação à força de trabalho (denominador). Integram o grupo de pessoas fora da força de trabalho: 1) Aquelas pessoas desempregadas, que estão disponíveis para o trabalho, mas que por desalento ou por outros motivos, não procuraram emprego na data de referência da pesquisa são categorizadas como força de trabalho potencial. A taxa da força de trabalho potencial é calculada pelo número de pessoas disponíveis para o trabalho e que não estão trabalhando (numerador) em relação às pessoas fora da força de trabalho; 2) Aquelas pessoas fora da força de trabalho e não disponíveis para o trabalho (incapacitados, pessoas que cuidam de terceiros na família, estudantes) são consideradas força de trabalho não potencial. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

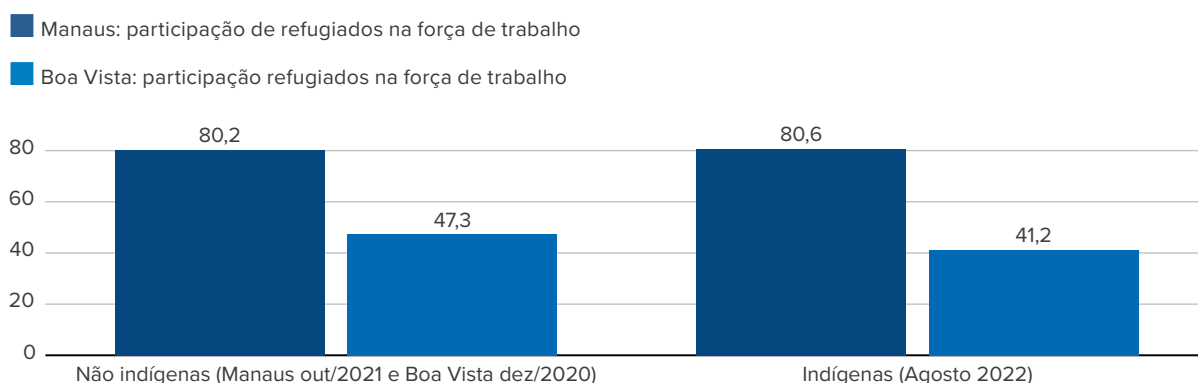
em Manaus 80,2% da população refugiada e migrante venezuelana **não indígena**³² estava na força de trabalho – empregada ou procurando emprego em outubro de 2021; em Boa Vista, 47,3% da população **não indígena** refugiada venezuelana em situação de abrigo se encontrava na força de trabalho em dezembro de 2020³³ exercendo alguma atividade remunerada ou tentando se inserir no mercado. Apesar de os *surveys* que geraram as estatísticas terem sido realizados em períodos diferentes do ano, o que tem reflexo nas taxas de participação na força de trabalho, guardadas tais ressalvas, Manaus apresentava, no mês de referência da pesquisa realizada em outubro de 2021, uma população refugiada venezuelana **não**

indígena na força de trabalho quase **70% maior** do que no mês de referência da pesquisa realizada em dezembro de 2020, em Boa Vista.

Entre pessoas indígenas refugiadas e migrantes em Boa Vista e em Manaus, o *survey* aplicado em agosto de 2022, na primeira fase deste projeto, aponta para uma população na força de trabalho 95,6% superior em Manaus em relação a Boa Vista: na capital manauara, 80,6% das pessoas indígenas venezuelanas estavam na força de trabalho (trabalhando ou procurando trabalho no mês de referência, julho de 2022); em Boa Vista, 41,2% das pessoas indígenas venezuelanas abrigadas estavam na força de trabalho.

Figura 22

População de refugiados e migrantes venezuelanos indígenas e não indígenas na força de trabalho (pessoas trabalhando ou procurando trabalho): Boa Vista e Manaus



A título de comparação com dados das duas capitais e Brasil, em Boa Vista, estão na força de trabalho 62,1% da população residente com 14 anos ou mais e, em Manaus, são 67,1%,

segundo a PNAD 2º T/2022³⁴. No Brasil, a mesma pesquisa indicou 62,6% da população de 14 anos ou mais na força de trabalho.

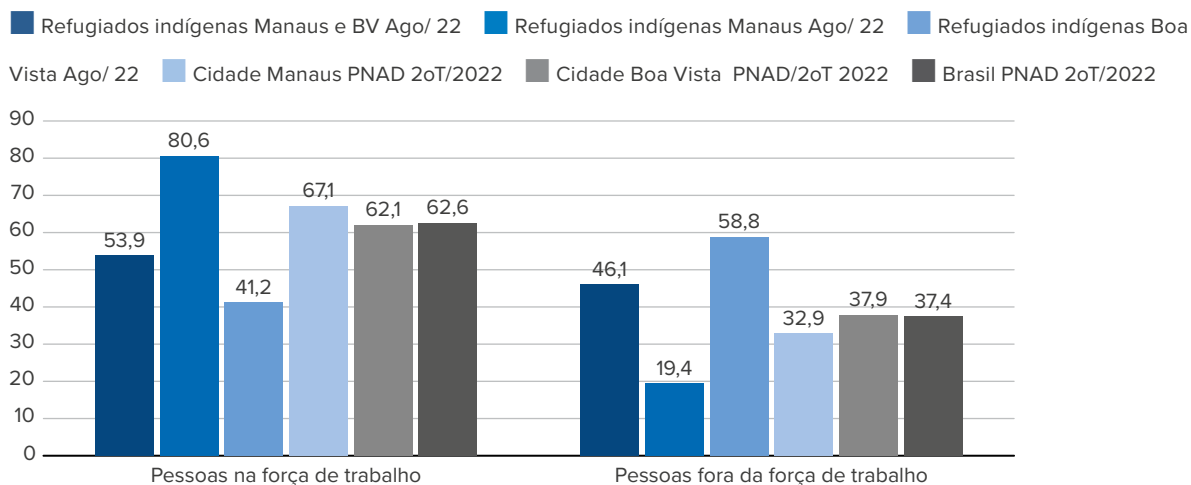
32 Na amostra da referida pesquisa, apenas 9,1% das pessoas estavam abrigadas.

33 As estatísticas foram extraídas de *surveys* realizados junto aos refugiados e migrantes não indígenas em Boa Vista (dezembro de 2020) e em Manaus (outubro de 2021), dentro de projetos de pesquisa do ACNUR e AVSI, publicados nos relatórios “[Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Roraima e Manaus: setor produtivo e potencialidades](#)”, “[Autonomia e integração local de refugiados\(as\) e migrantes venezuelanos\(as\) acolhidos\(as\) nos abrigos em Boa Vista \(RR\)](#)” e “[Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas em Manaus: pesquisa de perfil socioeconômico e laboral](#)”.

34 Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnad/c/>

Figura 23

Força de trabalho e refugiados indígenas em Boa Vista e em Manaus



Manaus, maior ocupação da força de trabalho de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas

A ocupação da força de trabalho de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas, indígenas e não indígenas, é sempre maior em Manaus em relação a Boa Vista, conforme indicam as estatísticas da força de trabalho ocupada em relação ao conjunto das populações pesquisadas de não indígenas em Boa Vista em 2020 (n=332), de não indígenas em Manaus em 2021 (n=419) e da população de indígenas, em Boa Vista (n=204) e em Manaus (n=98) neste *survey* de agosto de 2022, que gerou os dados para este diagnóstico. Inclusive, é interessante assinalar que em Manaus equiparam-se na **força de trabalho ocupada**³⁵ indígenas (66,3%) e não indígenas (59,9%), em que pese, para pessoas refugiadas e migrantes indígenas ocupadas em Manaus, o rendimento médio do trabalho seja de R\$ 704,00 em junho de 2022; enquanto pessoas refugiadas

e migrantes venezuelanas não indígenas ocupadas em Manaus tinham rendimento médio do trabalho de R\$ 891 em setembro de 2021 (pesquisa realizada em outubro 2021). Em termos nominais, pessoas indígenas ocupadas ganharam em julho de 2022, em média, 73% do que receberam pessoas não indígenas ocupadas em setembro de 2021.

Boa Vista, maior desalento e maior número de pessoas refugiadas e migrantes fora da força de trabalho

Ao mesmo tempo, em Boa Vista, há maior ocorrência de desalento³⁶ ou de pessoas que, embora disponíveis para o trabalho, no mês de referência da pesquisa, não procuraram se inserir no mercado laboral: classificados na força de trabalho potencial, em Boa Vista, este grupo de pessoas refugiadas e migrantes não indígenas era 16,9% da amostra em dezembro de 2020, o dobro do grupo de pessoas refugiadas e migrantes não indígenas

35 Importa observar que a pesquisa considera, entre força de trabalho ocupada, pessoas indígenas participantes do programa Passaporte para a Inclusão Social. Trata-se de um programa parte da política pública do município de Manaus, de assistência social, voltada para estimular a ambiência do trabalho junto à população em situação de vulnerabilidade. Dado o caráter de jornada dos bolsistas agraciados, que recebem R\$ 848,00 para uma jornada de 4 horas diárias por dias úteis da semana, dois casos de participantes foram agregados na pesquisa à força de trabalho ocupada (a bolsa tem um caráter de jornada e as pessoas exercem atividades definidas em diferentes unidades da Prefeitura).

36 Conceito utilizado em pesquisas estatísticas que se refere a uma situação em que indivíduos que desejam trabalhar ou encontrar emprego não estão mais ativamente procurando trabalho devido a diversas razões, como a falta de oportunidades, a descrença na possibilidade de conseguir um emprego adequado ou outras barreiras pessoais e estruturais. O desalento pode ser identificado em pesquisas estatísticas quando pessoas que se enquadram nessa categoria não são contadas como desempregadas, pois não estão mais consideradas na força de trabalho ativa.

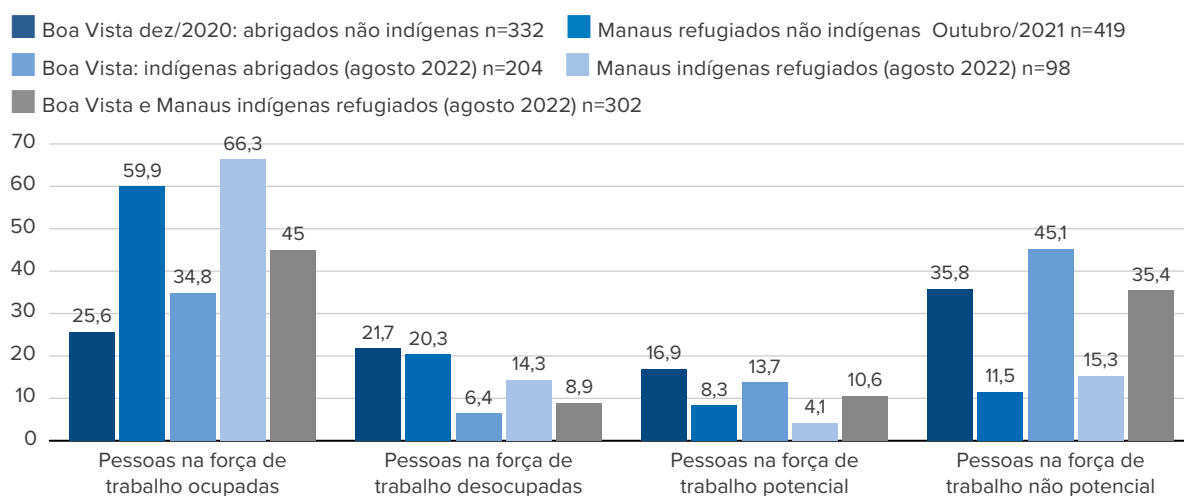
na força de trabalho potencial encontrado em Manaus (8,3%), no mês de referência em que foi feita a pesquisa de outubro de 2021.

A força de trabalho não potencial entre pessoas refugiadas e migrantes indígenas é, no mês de referência da pesquisa de agosto de 2022, 3,3 vezes maior em Boa Vista em relação a Manaus. Em consequência, o grupo de pessoas refugiadas e migrantes na força de trabalho não

potencial – pessoas que não estão disponíveis para o trabalho, seja porque estão ocupadas com o cuidado de dependentes na família, seja por problemas de saúde ou gravidez, além de estudantes – é sempre maior em Boa Vista do que em Manaus: sejam pessoas refugiadas e migrantes indígenas ou não indígenas; seja em comparação entre pessoas indígenas abrigadas em Boa Vista (45,1%) e pessoas abrigadas em Manaus (33,3%) ou em moradias autônomas em Manaus (4,8%).

Figura 24

Situação ocupacional entre pessoas indígenas e não indígenas



Nas cidades da pesquisa, enquanto entre homens há, em relação às mulheres, maior presença de pessoas procurando trabalho e de pessoas na força de trabalho potencial – disponíveis para o trabalho, mas sem ter

procurado emprego no mês de referência desta pesquisa –; entre mulheres, há maior frequência de pessoas fora da força de trabalho, ou seja, indisponíveis para o trabalho por estarem assumindo um conjunto de tarefas.

Tabela 22

Participação na força de trabalho Gênero

		Masculino	Feminino	Total
Força de trabalho ocupada	n	49	87	136
	%	50,0%	42,6%	45,0%
Força de trabalho desocupada (procura emprego)	n	16	11	27
	%	16,3%	5,4%	8,9%
Força de trabalho potencial (desocupada, não procura emprego, está disponível)	n	21	11	32
	%	21,4%	5,4%	10,6%
Fora da força de trabalho	n	12	95	107
	%	12,2%	46,6%	35,4%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 47,726, há relação de associação entre as variáveis, $p=0,000$, em $\alpha=0,05$

Na faixa etária de 45 a 59 anos há maior presença de pessoas na força de trabalho ocupada e pessoas na força de trabalho potencial em

relação à média da amostra; já entre 16 e 24 anos há maior frequência do que nas demais faixas etárias de pessoas fora da força de trabalho.

Tabela 23
Participação na força de trabalho por faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Força de trabalho ocupada	n	23	39	39	28	7	136
	%	31,5%	47,0%	47,0%	58,3%	46,7%	45,0%
Força de trabalho desocupada (procura emprego)	n	8	8	8	3	0	27
	%	11,0%	9,6%	9,6%	6,3%	0,0%	8,9%
Força de trabalho potencial (desocupada, não procura emprego, está disponível)	n	6	3	11	11	1	32
	%	8,2%	3,6%	13,3%	22,9%	6,7%	10,6%
Fora da força de trabalho	n	36	33	25	6	7	107
	%	49,3%	39,8%	30,1%	12,5%	46,7%	35,4%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 31,739, há relação de associação entre as variáveis, p=0,002 em α=0,05

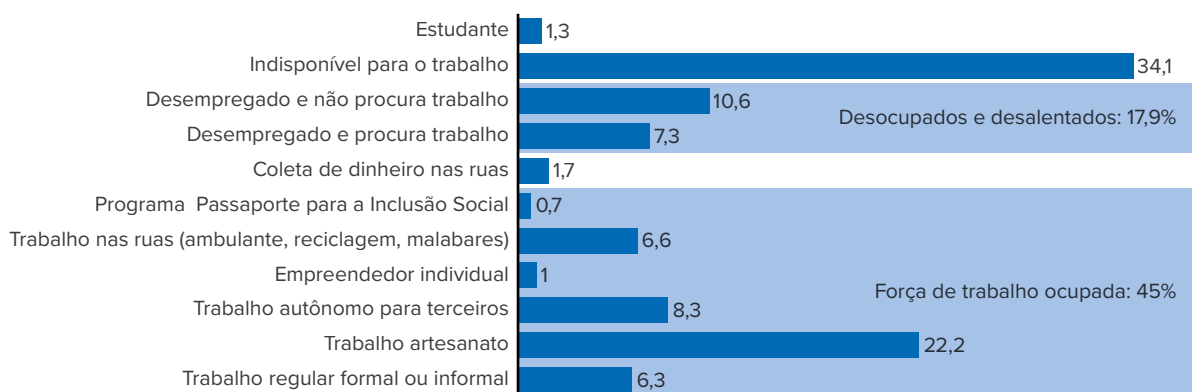
Escolaridade não tem relação de associação com a participação na força de trabalho, o que se explica pela precariedade da inserção laboral.

Situação ocupacional

Considerando as capitais Boa Vista e Manaus, estão na força de trabalho ocupada 45% das pessoas indígenas venezuelanas refugiadas e migrantes. Trata-se, sobretudo, de uma ocupação informal e extremamente precária. Apenas 6,3% têm emprego regular – 3,7% com

carteira assinada e 2,6% sem carteira assinada. Sem rendimento regular, 22,2% trabalham com artesanato; 8,3% prestam serviços autônomos para terceiros; 6,6% trabalham nas ruas como vendedores ambulantes, catadores de material para reciclagem ou fazendo apresentações de malabares; 1% se identificou como empreendedor individual; 0,7% integra o programa da Prefeitura Municipal de Manaus, denominado Passaporte para a Inclusão Social, programa social que contempla bolsa mensal para participantes.

Figura 25
Qual é a sua situação ocupacional no Brasil?



A categoria de pessoas que se identificam como “desempregadas” reuniu 17,9% dos respondentes: 10,6% eram pessoas que não procuraram emprego no mês de referência e, por isso, são classificadas pelo IBGE na força de trabalho potencial, e 7,3% pessoas desocupadas, que procuraram inserção laboral em julho de 2022, por isso classificadas como força de trabalho desocupada. Estava em situação de “coleta” (pedindo dinheiro nas ruas) 1,7%, grupo que havia procurado trabalho em julho de 2022, mês de referência para as informações laborais do levantamento de campo. Integram a categoria “indisponíveis para o trabalho” 34,1%: são pessoas que não trabalham e não procuraram emprego por indisponibilidade no mês de referência, seja por problemas de saúde, seja por

assumirem funções na família de cuidado com crianças e idosos, seja por gravidez. Entre os respondentes, 1,3% era estudante.

Há entre pessoas não abrigadas em Manaus maior presença, em relação à média da amostra, de trabalho com artesanato, de trabalho autônomo, de trabalho ambulante e de pessoas em situação de coleta (pedindo dinheiro na rua). Entre pessoas abrigadas em Manaus é maior a incidência, em relação à média da amostra, de pessoas desempregadas que estão procurando emprego. Nos abrigos de Boa Vista, há maior presença, em relação à média da amostra, de pessoas desempregadas que não procuram emprego e de pessoas que não exercem atividades remuneradas por não estarem disponíveis para o trabalho.

Tabela 24

Situação ocupacional por cidade e local da morada

		Abrigados Boa Vista	Abrigados Manaus	Não abrigados Manaus	Total
Trabalho regular com ou sem carteira assinada (empregado)	n	11	2	6	19
	%	5,4%	5,6%	9,7%	6,3%
Trabalha com artesanato	n	42	3	22	67
	%	20,6%	8,3%	35,5%	22,2%
Trabalha como autônomo para terceiros	n	9	4	12	25
	%	4,4%	11,1%	19,4%	8,3%
Empreendedor individual formal ou não	n	3	0	0	3
	%	1,5%	0,0%	0,0%	1,0%
Trabalho ambulante, reciclagem, malabares	n	6	5	9	20
	%	2,9%	13,9%	14,5%	6,6%
Desempregado procura trabalho	n	13	6	3	22
	%	6,4%	16,7%	4,8%	7,3%
Desempregado que não procura trabalho	n	28	3	1	32
	%	13,7%	8,3%	1,6%	10,6%
Não exerce atividade remunerada (indisponível)	n	88	12	3	103
	%	43,1%	33,3%	4,8%	34,1%
Estudando	n	4	0	0	4
	%	2,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Passaporte para a Inclusão Social (programa Manaus)	n	0	0	2	2
	%	0,0%	0,0%	3,2%	,7%
Coleta de dinheiro	n	0	1	4	5
	%	0,0%	2,8%	6,5%	1,7%
Total	n	204	36	62	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 91,513 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,000$, em $\alpha=0,05$

Entre mulheres, há maior frequência proporcional de trabalho com artesanato e de pessoas que não exercem atividades remuneradas porque não estão disponíveis para o trabalho. Entre homens, são mais

frequentes do que entre mulheres os grupos de pessoas que trabalham como autônomo para terceiros, de desempregados procurando emprego e de desempregados que não estão procurando emprego.

Tabela 25

Situação ocupacional por gênero

		Masculino	Feminino	Total
Trabalho regular com ou sem carteira assinada (empregado)	n	5	14	19
	%	5,1%	6,9%	6,3%
Trabalha com artesanato	n	14	53	67
	%	14,3%	26,0%	22,2%
Trabalha como autônomo para terceiros	n	20	5	25
	%	20,4%	2,5%	8,3%
Empreendedor individual formal ou não	n	1	2	3
	%	1,0%	1,0%	1,0%
Trabalho ambulante, reciclagem, malabares	n	8	12	20
	%	8,2%	5,9%	6,6%
Desempregado procura trabalho	n	12	10	22
	%	12,2%	4,9%	7,3%
Desempregado que não procura trabalho	n	21	11	32
	%	21,4%	5,4%	10,6%
Não exerce atividade remunerada (indisponível)	n	12	91	103
	%	12,2%	44,6%	34,1%
Estudando	n	0	4	4
	%	0,0%	2,0%	1,3%
Passaporte para a Inclusão Social (programa Manaus)	n	1	1	2
	%	1,0%	,5%	,7%
Coleta de dinheiro³⁷	n	4	1	5
	%	4,1%	,5%	1,7%
Total	n	98	204	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 79,370 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,000$, em $\alpha=0,05$

Entre jovens de 16 a 24 anos, há maior presença do que na média da amostra do grupo de pessoas que não exercem atividade remunerada porque não estão disponíveis (45,2% do total dessa faixa): há neste grupo maior presença de jovens mães que cuidam dos filhos em relação

às demais faixas etárias. Na faixa etária de 45 a 59 anos, há maior incidência em relação às demais faixas etárias de pessoas que têm emprego regular com ou sem carteira assinada (12,5%) e de pessoas que estão desempregadas, mas não estão procurando trabalho (22,9%).

37 Em situação de coleta nas ruas há duas famílias com filhos e três pessoas do gênero masculino que vivem só.

Tabela 26

Situação ocupacional por Faixas etárias

		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos ou mais	Total
Trabalho regular com ou sem carteira assinada (empregado)	n	4	5	4	6	0	19
	%	5,5%	6,0%	4,8%	12,5%	0,0%	6,3%
Trabalha com artesanato	n	12	18	21	10	6	67
	%	16,4%	21,7%	25,3%	20,8%	40,0%	22,2%
Trabalha como autônomo para terceiros	n	4	7	8	6	0	25
	%	5,5%	8,4%	9,6%	12,5%	0,0%	8,3%
Empreendedor individual formal ou não	n	1	0	1	1	0	3
	%	1,4%	0,0%	1,2%	2,1%	0,0%	1,0%
Trabalho ambulante, reciclagem, malabares	n	1	9	4	5	1	20
	%	1,4%	10,8%	4,8%	10,4%	6,7%	6,6%
Desempregado procura trabalho	n	7	5	7	3	0	22
	%	9,6%	6,0%	8,4%	6,3%	0,0%	7,3%
Desempregado que não procura trabalho	n	6	3	11	11	1	32
	%	8,2%	3,6%	13,3%	22,9%	6,7%	10,6%
Não exerce atividade remunerada (indisponível)	n	33	33	24	6	7	103
	%	45,2%	39,8%	28,9%	12,5%	46,7%	34,1%
Estudando	n	3	0	1	0	0	4
	%	4,1%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	1,3%
Passaporte para a Inclusão Social (programa Manaus)	n	1	0	1	0	0	2
	%	1,4%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	,7%
Coleta de dinheiro	n	1	3	1	0	0	5
	%	1,4%	3,6%	1,2%	0,0%	0,0%	1,7%
Total	n	73	83	83	48	15	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 55,895 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,049$, em $\alpha=0,05$

Entre aqueles que nunca estudaram, são mais presentes os grupos de pessoas que trabalham com artesanato e que estão em situação de trabalho ambulante em relação à média da amostra. Já aqueles com ensino técnico médio ou superior estão mais presentes no grupo que tem trabalho regular com ou sem carteira assinada em relação à média da amostra. O grupo de empreendedores individuais é formado por pessoas com ensino médio.

Tabela 27

Situação ocupacional por escolaridade

		Nunca estudou	Educação inicial e básica	Ensino Médio	Ensino Técnico Médio ou Superior	Ensino Superior	Total
Trabalho regular. com ou sem carteira assinada (empregado)	n	1	8	4	5	1	19
	%	1,2%	5,3%	7,7%	45,5%	25,0%	6,3%
Trabalha com artesanato	n	26	30	9	1	1	67
	%	31,3%	19,7%	17,3%	9,1%	25,0%	22,2%
Trabalha como autônomo para terceiros	n	5	17	2	0	1	25
	%	6,0%	11,2%	3,8%	0,0%	25,0%	8,3%
Empreendedor individual formal ou não	n	0	0	3	0	0	3
	%	0,0%	0,0%	5,8%	0,0%	0,0%	1,0%
Trabalho ambulante, reciclagem, malabares	n	10	6	2	2	0	20
	%	12,0%	3,9%	3,8%	18,2%	0,0%	6,6%
Desempregado procura trabalho	n	3	14	5	0	0	22
	%	3,6%	9,2%	9,6%	0,0%	0,0%	7,3%
Desempregado que não procura trabalho	n	9	16	5	1	1	32
	%	10,8%	10,5%	9,6%	9,1%	25,0%	10,6%
Não exerce atividade remunerada (indisponível)	n	26	55	20	2	0	103
	%	31,3%	36,2%	38,5%	18,2%	0,0%	34,1%
Estudando	n	0	2	2	0	0	4
	%	0,0%	1,3%	3,8%	0,0%	0,0%	1,3%
Programa Passaporte para a Inclusão Social	n	0	2	0	0	0	2
	%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	,7%
Coleta de dinheiro	n	3	2	0	0	0	5
	%	3,6%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,7%
	n	83	152	52	11	4	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 82,639 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,000$, em $\alpha=0,05$

Rendimento médio do trabalho

Aqueles 45% (n=136) de respondentes vivendo em Manaus e em Boa Vista que estão na força de trabalho ocupada – exerceram algum tipo de atividade remunerada no mês de referência – ganharam, em média, R\$ 595 em julho de 2022 (em Manaus a média é de R\$ 704; em Boa Vista R\$ 510). Não há diferença estatística significativa do rendimento do trabalho entre homens e mulheres, entre faixas etárias e

entre níveis de escolaridade. Mas ter trabalho regular, viver em Manaus e ter um nível de mediano a alto na proficiência em português tendem a apresentar efeitos positivos sobre os rendimentos médios do trabalho.

São atividades remuneradas realizadas no mês de referência, segundo informaram os respondentes: artesanato (54,4%,

n=74); ambulante (14,7%, n=20); agricultura familiar (11,8%, n=16); assistência social e/ou serviços de tradução (11,8%, n=16); serviços domésticos (10,3%, n=14); construção civil (7,4%, n=10); carpintaria (4,4%, n=10); serviços de limpeza e manutenção (2,2%, n=3). Em frequência igual ou inferior a 2, foram ainda citadas: área da saúde; serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado; carga e descarga; agricultura em fazendas agroindustriais; serviços em estabelecimentos de alimentação, restaurantes e hotéis; costura; padeiro; conserto de bicicletas; catação para reciclagem; sapateiro; pesca; e preparo de alimentos.

Em Boa Vista, são atividades com maior frequência proporcional de ocorrência em relação a Manaus: artesanato, serviços domésticos. Em Manaus, são atividades com maior frequência proporcional de ocorrência em relação a Boa Vista: ambulante

e construção civil. As demais atividades não apresentam associação estatística significativa entre a ocorrência da atividade e a cidade em que vive o respondente.

Artesanato é atividade com maior presença proporcional entre mulheres do que entre homens; agricultura familiar e a carpintaria têm proporcionalmente maior frequência de ocorrência entre homens do que entre mulheres. As demais atividades não apresentam associação estatística significativa com gênero.

Não há associação estatística significativa entre atividades remuneradas realizadas e as variáveis faixas de escolaridade e faixas etárias. A ocorrência da atividade de construção civil é a única exceção: há maior frequência de ocorrência na faixa de escolaridade de Ensino Técnico Médio ou Superior em relação às demais faixas de escolaridade.

Tabela 28

Frequência de ocorrência da atividade remunerada (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência em relação ao número de casos n=136)

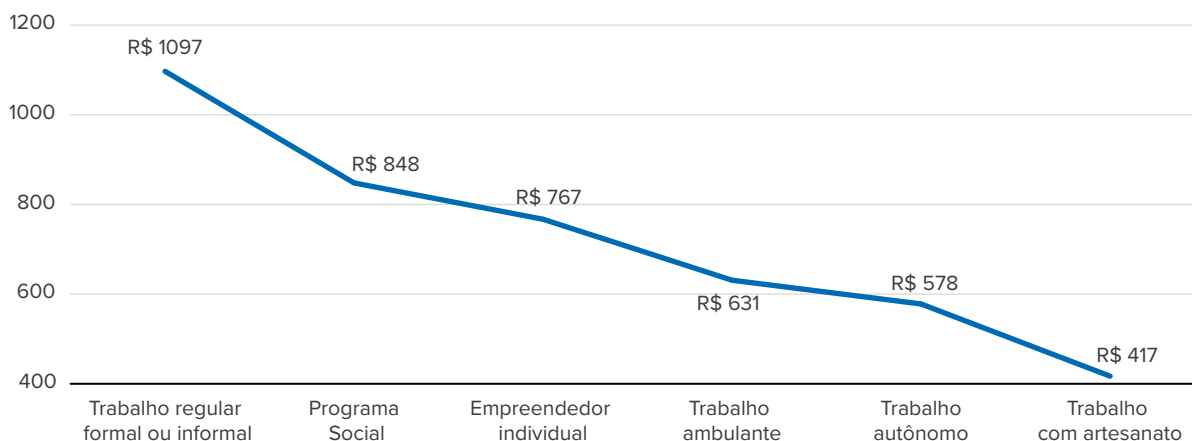
	Ocorrência da atividade	Σ Porcentagem em relação ao número de casos (n=136)
Artesanato (sim)	74	54,4%
Ambulante: venda de produtos, trabalho com reciclados e malabares (sim)	20	14,7%
Agricultura familiar/cultivo de terras, em atividades de agricultura familiar (sim)	16	11,8%
Assistência social e tradução (sim)	15	11%
Serviços domésticos prestados em casas (sim)	14	10,3%
Construção civil (sim)	10	7,4%
Carpintaria - (sim)	6	4,4%
Serviços de limpeza e manutenção prestados nas empresas - (sim)	3	2,2%
Saúde - (sim)	2	1,5%
Serviços prestados em estabelecimentos comerciais de venda no varejo ou atacado - (sim)	2	1,5%
Carga e descarga manual (sim)	2	1,5%

	Ocorrência da atividade	Σ Porcentagem em relação ao número de casos (n=136)
Agricultura nas fazendas agroindustriais	2	1,5%
Serviços em estabelecimentos de alimentação, restaurantes e hotéis- (sim)	1	0,7%
Educação - (sim)	1	0,7%
Outras: Costura, padeiro, conserto de bicicletas, reciclagem, sapateiro, pesca, preparo de alimentos - (sim)	7	6%
Total (ncasos) = 136	175	129,6%
Total (nrespostas) =175		

Pessoas com emprego regular (formal ou informal) ganham em média R\$ 1.097,0 (n=17), valor 2,6 vezes superior à média de R\$ 417,0 (n=55) de quem trabalha com artesanato, e quase duas vezes maior em relação à média dos rendimentos de R\$ 578 (n=24) daqueles que trabalham como autônomos para terceiros³⁸. O rendimento médio do ambulante, que trabalha

seja na venda de produtos, seja na catação de materiais para reciclagem ou na apresentação de malabares, é de R\$ 631,0 (n=18); do empreendedor individual (n=3) é de R\$ 767,0. As duas pessoas que integram a amostra e estão no Programa Passaporte para a Inclusão Social recebem uma bolsa de R\$ 848,0.

Figura 26
Rendimento médio do trabalho por tipo de atividade



38 Anova Direcional (ferramenta estatística utilizada para investigar diferenças significativas entre grupos em estudos comparativos), a diferença entre as médias do rendimento do trabalho quando se introduz o fator “tipo de atividade”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste post hoc de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos (que atua como um mecanismo de correção estatística para controlar o aumento das chances de erro quando várias comparações são realizadas), indica que o rendimento médio do trabalho de quem tem trabalho regular é maior do que rendimento médio das demais categorias por atividade. Diferenças dos rendimentos médios entre os outros grupos não são significativas.”

O rendimento médio do trabalho entre aqueles que estavam ocupados no mês de referência desta pesquisa foi de R\$ 704,0 em Manaus e de R\$ 511,0 em Boa Vista³⁹.

Pessoas com proficiência de mediana a alta em português têm rendimento médio 63,5%

maior do que pessoas que não falam nem compreendem a língua: enquanto a renda média do trabalho daqueles sem nenhuma proficiência em português é de R\$ 457,0 e com baixa proficiência é de R\$ 509,0; aqueles com proficiência mediana-alta tiveram rendimento médio de R\$ 747,0⁴⁰.

Figura 27

Rendimento médio do trabalho por cidade em que vive

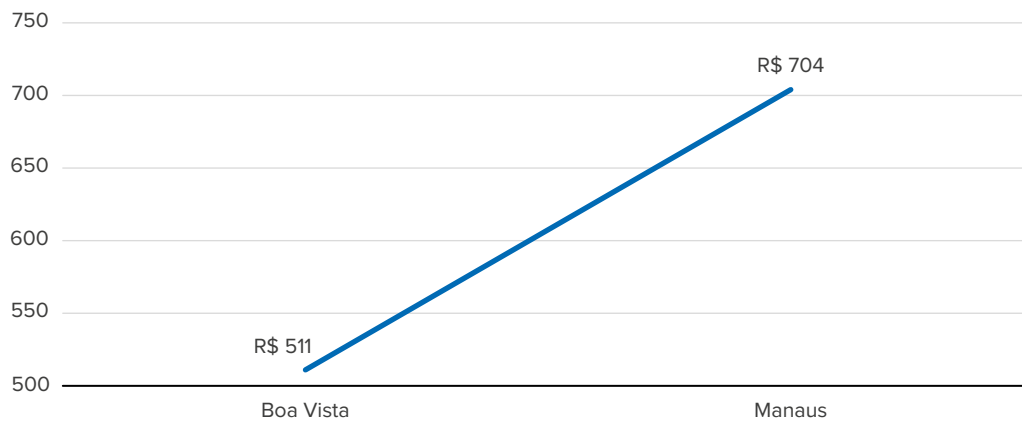
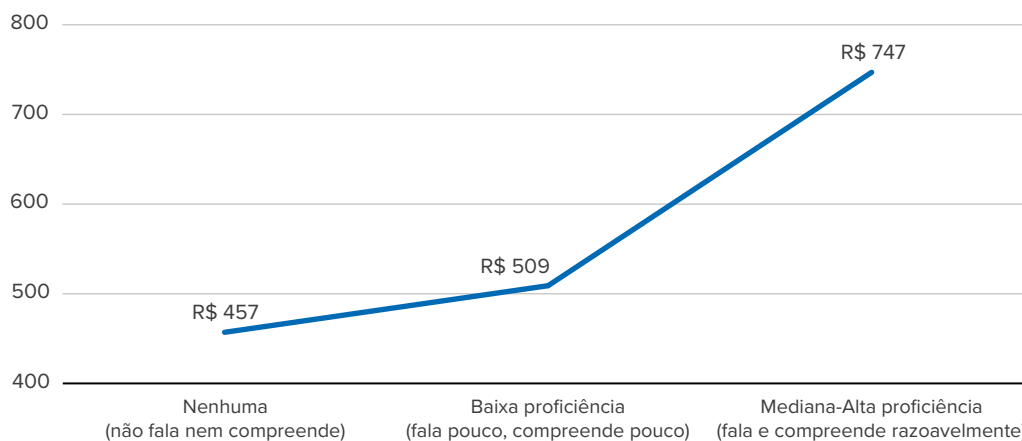


Figura 28

Rendimento médio do trabalho por Proficiência em português



Receberam “Auxílio Brasil”, denominação do programa social do governo federal no mês de referência da pesquisa (julho 2022), 45%

das famílias participantes desta pesquisa. O valor médio do benefício foi de R\$ 400,0.

39 Anova Direcional, a diferença entre as médias do rendimento do trabalho quando se introduz o fator “Cidade em que vive”, é significativa em $\alpha=0,05$.

40 Anova Direcional, a diferença entre as médias do rendimento do trabalho quando se introduz o fator “proficiência em português”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste *post hoc* de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos indica que o rendimento médio do trabalho de quem tem “mediana-alta proficiência” é maior do que o rendimento médio do trabalho de quem tem “baixa proficiência” e “nenhuma proficiência”. Não há diferença estatística significativa entre os rendimentos médios de quem tem “nenhuma proficiência” e “baixa proficiência”.

Horas trabalhadas - Trabalham até 10 horas por semana 44,9% (n=61) dos respondentes; 17,6% (n=24) trabalham em média entre 10 e 20 horas por semana; 13,2% (n=18) trabalham em média entre 20 e 30 horas; 11,8% (n=16) trabalham em média entre 30 e 44 horas; e 12,5% (n=17) trabalham mais de 44 horas por semana.

Enquanto em Boa Vista há maior presença de pessoas trabalhando entre 10 e 20 horas por semana em relação à Manaus; na capital manauara é maior a presença de pessoas trabalhando mais de 44 horas por semana em relação a Boa Vista.

Figura 29

Normalmente, quantas horas por semana está trabalhando, em média, no Brasil?

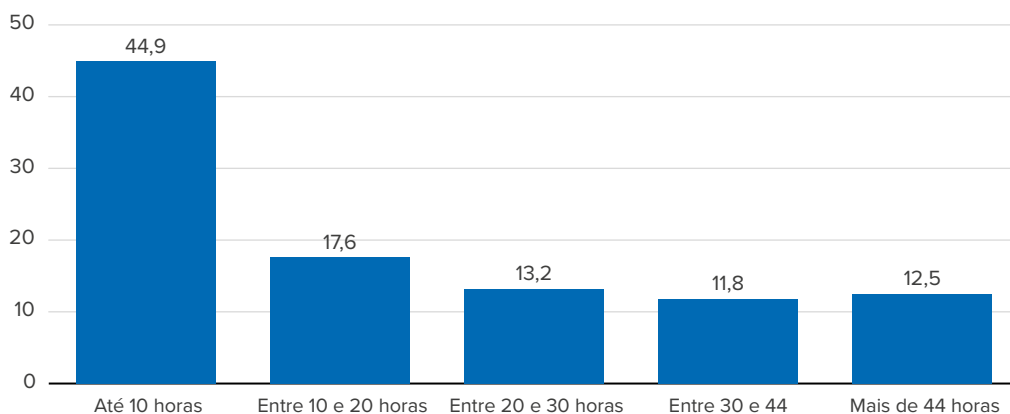


Tabela 29

Normalmente, quantas horas por semana, em média, você está trabalhando no Brasil? por Cidade

		Manaus	Boa Vista	Total
Até 10 horas	n	38	26	64
	%	45,2%	36,6%	41,3%
Entre 10 e 20 horas	n	5	19	24
	%	6,0%	26,8%	15,5%
Entre 20 e 30 horas	n	10	13	23
	%	11,9%	18,3%	14,8%
Entre 30 e 44 horas	n	7	11	18
	%	8,3%	15,5%	11,6%
Mais de 44 horas	n	14	2	16
	%	16,7%	2,8%	10,3%
Não respondeu	n	10	0	10
	%	11,9%	0,0%	6,5%
Total	n	84	71	155
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 29,816, há relação de associação entre as variáveis, p=0,000, em $\alpha=0,05$

Número de pessoas exercendo atividade remunerada na família

Em 37,1% (n=112) das famílias entrevistadas não havia nenhuma pessoa exercendo atividades remuneradas no mês de referência da pesquisa. Em 62,9% (n=190) das famílias havia pelo menos um dos seus membros trabalhando: em 51,3% (n=155) uma pessoa da família exercia atividade remunerada; em 11,3% (n=34) eram duas pessoas; e em uma família (0,3%, n=1), quatro pessoas.

Os arranjos familiares monoparentais estão mais presentes no grupo de famílias sem nenhuma pessoa trabalhando em relação aos outros perfis, sobretudo em relação ao arranjo biparental. Já as famílias biparentais têm maior presença do que a média da amostra no grupo em que duas pessoas tiveram atividade remunerada no mês de referência da pesquisa.

Há maior presença de arranjos sem pessoas trabalhando nos abrigos de Boa Vista em

relação aos não abrigados em Manaus; entre não abrigados de Manaus há maior presença de arranjos com uma e duas pessoas trabalhando.

Há uma relação de associação significativa entre o número de pessoas trabalhando no arranjo familiar e a proficiência em português do ponto focal (proxy para a presença da fluência e compreensão em português na família). Entre aqueles respondentes que não falam, não compreendem e não leem o português há maior presença de arranjos familiares em que não havia ninguém exercendo atividade remunerada no período de referência da pesquisa. Já entre respondentes com proficiência de mediana a alta em português há maior frequência de arranjos familiares com duas pessoas em atividade remunerada no mês de referência da pesquisa.

Tabela 30

Número de pessoas no arranjo familiar com atividade remunerada por Cidade e morada

		Abrigados Boa Vista	Abrigados Manaus	Não abrigados Manaus	Total
Ninguém	n	94	12	6	112
	%	46,1%	33,3%	9,7%	37,1%
Uma pessoa	n	90	22	43	155
	%	44,1%	61,1%	69,4%	51,3%
Duas pessoas	n	19	2	13	34
	%	9,3%	5,6%	21,0%	11,3%
Quatro pessoas	n	1	0	0	1
	%	,5%	0,0%	0,0%	,3%
Total	n	204	36	62	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 31,204 há relação de associação entre as variáveis, p=0,000, em $\alpha=0,05$

Tabela 31

Número de pessoas no arranjo familiar com atividade remunerada por Proficiência em português do ponto focal

		Não fala, nem compreende, nem lê	Baixa proficiência	Proficiência mediana-alta	Total
Ninguém	n	42	37	33	112
	%	51,9%	35,9%	28,0%	37,1%
Uma pessoa	n	35	54	66	155
	%	43,2%	52,4%	55,9%	51,3%
Duas pessoas	n	4	12	18	34
	%	4,9%	11,7%	15,3%	11,3%
Quatro pessoas	n	0	0	1	1
	%	0,0%	0,0%	,8%	,3%
Total	n	81	103	118	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 15,118 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,019$, em $\alpha=0,05$

O tempo em que a família está instalada na cidade está associado à inserção laboral. Famílias que chegaram em 2021 e em 2022 estão em frequência maior no grupo que reúne arranjos familiares sem nenhum de

seus membros trabalhando. Já famílias com 4 anos ou mais de permanência na cidade têm maior presença no grupo de arranjos com pelo menos uma pessoa trabalhando.

Tabela 32

Número de pessoas no arranjo familiar com atividade remunerada por Tempo de residência na cidade

		Até 1 ano (2022)	Mais de 1 a 2 anos (2021)	Mais de 2 a 3 anos (2020)	Mais de 3 a 4 anos (2019)	Mais de 4 anos (2012 a 2018)	Total
Ninguém	n	36	48	13	9	6	112
	%	53,7%	45,3%	30,2%	25,7%	11,8%	37,1%
Uma pessoa	n	27	51	21	20	36	155
	%	40,3%	48,1%	48,8%	57,1%	70,6%	51,3%
Duas pessoas	n	4	7	9	6	8	34
	%	6,0%	6,6%	20,9%	17,1%	15,7%	11,3%
Quatro pessoas	n	0	0	0	0	1	1
	%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,0%	,3%
Total	n	67	106	43	35	51	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 37,442 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,000$, em $\alpha=0,05$

Arranjos familiares que não têm ninguém trabalhando são mais presentes no grupo de respondentes que não projeta a sua permanência no Brasil nos próximos

5 anos; famílias com uma pessoa trabalhando são mais presentes no grupo que projeta a sua permanência no Brasil ao longo dos próximos cinco anos.

Tabela 33

Número de pessoas no arranjo familiar com atividade remunerada por Planos de permanecer no Brasil

		Não se vê no Brasil ou não sabe onde estará em 5 anos	Projeta-se no Brasil em 5 anos	Total
Ninguém	n	79	33	112
	%	44,1%	26,8%	37,1%
Uma pessoa	n	77	78	155
	%	43,0%	63,4%	51,3%
Duas pessoas	n	22	12	34
	%	12,3%	9,8%	11,3%
Quatro pessoas	n	1	0	1
	%	,6%	0,0%	,3%
	n	179	123	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 12,900 há relação de associação entre as variáveis, $p=0,005$, em $\alpha=0,05$

Rendimento do trabalho no arranjo familiar

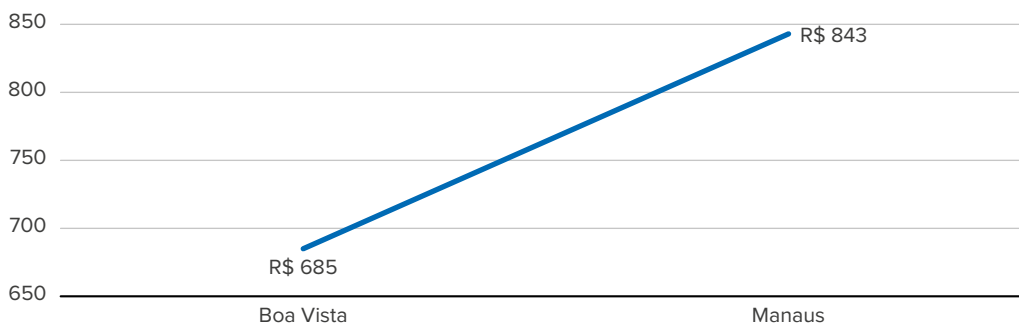
Entre aquelas 62,9% (n=190) das famílias com um ou mais de seus membros trabalhando no mês de referência desta pesquisa, 10,5% (n=20) não souberam informar qual havia sido o rendimento do trabalho do arranjo familiar naquele mês de referência. Considerando as respostas válidas (n=170), o rendimento médio do trabalho no arranjo familiar foi de R\$ 746,0; a mediana da distribuição, R\$ 700,0. Entre 25% das famílias com menor

rendimento do trabalho, os valores variaram de R\$ 50,0 (mínimo) a R\$ 300,0 (1º quartil). Entre 25% das famílias com maior rendimento do trabalho, os valores variaram de R\$ 1200,0 (3º quartil) a R\$ 2100,0 (valor máximo).

O rendimento médio do trabalho do arranjo familiar em Boa Vista, de R\$ 685,0, é 23% inferior em relação ao rendimento médio do trabalho do arranjo familiar em Manaus⁴¹, de R\$ 843,0.

Figura 30

Rendimento médio do trabalho no arranjo familiar por Cidade em que vive



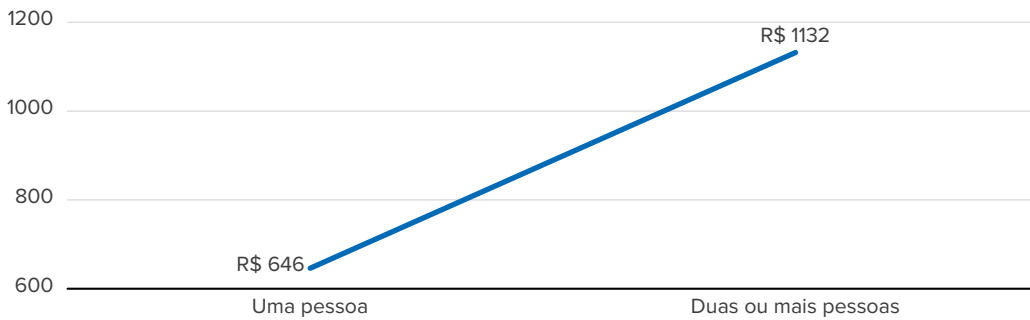
41 Anova Direcional, a diferença entre as médias do rendimento do trabalho do arranjo familiar quando se introduz o fator "Cidade em que vive", é significativa em $\alpha=0,05$.

O número de pessoas trabalhando no arranjo familiar tem efeito positivo sobre o rendimento médio do trabalho do arranjo familiar: em famílias com uma pessoa trabalhando, o rendimento

médio é de R\$ 646,0; em famílias com duas (ou mais) pessoas trabalhando, o rendimento médio do trabalho é 75% superior, de R\$ 1132,0⁴².

Figura 31

Rendimento médio do trabalho no arranjo familiar por Número de pessoas trabalhando

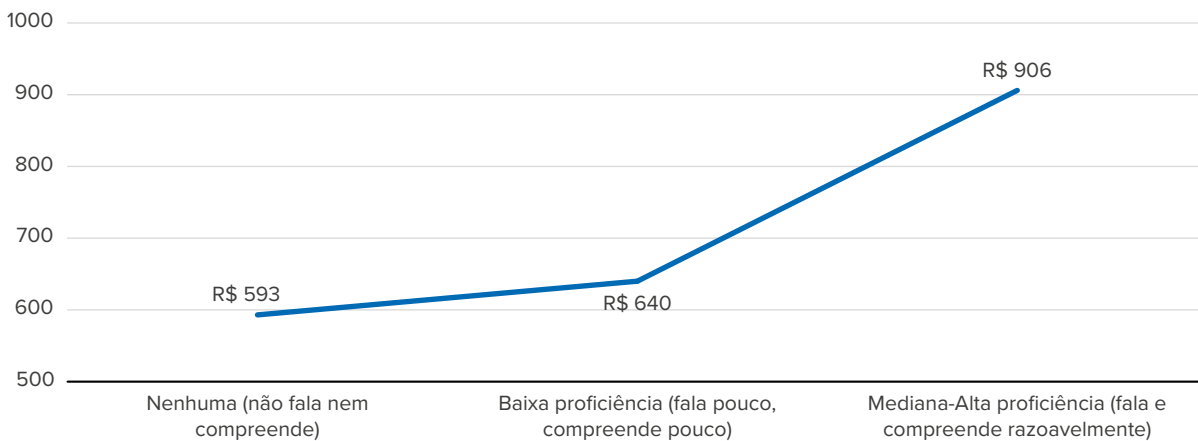


A proficiência de mediana a alta em português do respondente – o que significa dizer de pelo menos um dos membros do arranjo familiar – importa em rendimento médio

do trabalho maior do que aquelas médias de rendimento do trabalho nos grupos de baixa proficiência e nenhuma proficiência em português do respondente⁴³.

Figura 32

Rendimento médio do trabalho no arranjo familiar por proficiência em português



42 Anova Direcional, a diferença entre as médias do rendimento do trabalho do arranjo familiar quando se introduz o fator “Número de pessoas trabalhando no arranjo familiar”, é significativa em $\alpha=0,05$. No grupo “duas pessoas ou mais trabalhando”, há uma única família que informou ter 4 pessoas trabalhando, todos os demais casos têm duas pessoas trabalhando.

43 Anova Direcional (ferramenta estatística utilizada para investigar diferenças significativas entre grupos em estudos comparativos), a diferença entre as médias do rendimento do trabalho no arranjo familiar quando se introduz o fator “proficiência em português”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste *post hoc* de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos (que atua como um mecanismo de correção estatística para controlar o aumento das chances de erro quando várias comparações são realizadas) indica que rendimentos médios do trabalho no arranjo de quem tem “mediana-alta proficiência” é maior do que rendimento médio do trabalho de quem tem “baixa proficiência” e “nenhuma proficiência”. Não há diferença estatística significativa entre os rendimentos médios de quem tem “nenhuma proficiência” e “baixa proficiência”.

Renda familiar média e renda média per capita

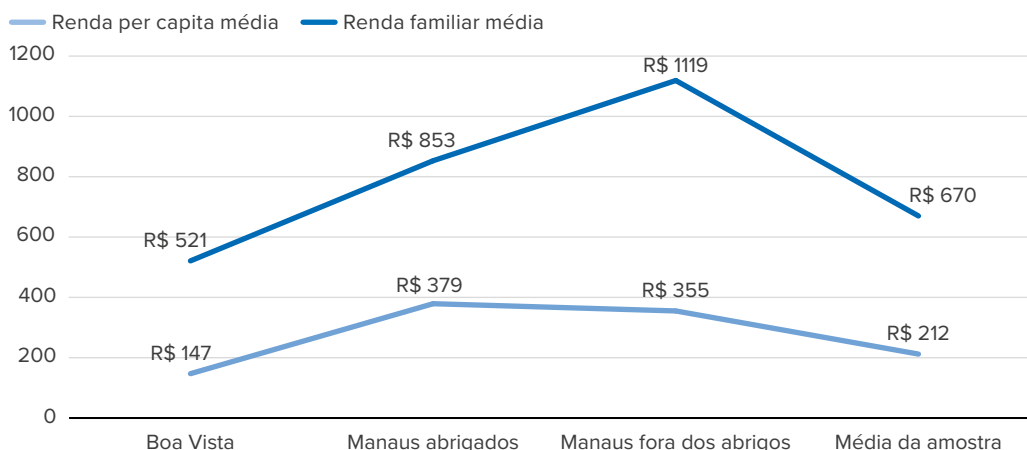
Há maior presença de famílias que não tiveram renda no mês de referência desta pesquisa em Boa Vista (35,8%) em relação a Manaus (7,1%). Ao mesmo tempo, em Manaus é maior a incidência de respondentes que não souberam informar a renda da família em relação a Boa Vista.

Pessoas refugiadas e migrantes indígenas venezuelanas em Manaus e em Boa Vista vivem em situação de extrema pobreza: entre as 94,7% das famílias que informaram os seus rendimentos – e entre estas se incluem 26,5% que não tiveram rendimentos –, o rendimento médio foi de R\$ 670,0 – R\$ 521,0 entre famílias abrigadas

em Boa Vista; R\$ 853,0 entre famílias abrigadas Manaus; e R\$ 1.119,0 entre famílias não abrigadas em Manaus. Com densidade familiar média de 4,3 pessoas, a renda per capita média das pessoas refugiadas e migrantes indígenas nas duas cidades é de R\$ 212,0 ao mês, o equivalente a R\$ 7,07 reais por dia, US\$ 1.3 ao dia⁴⁴. A renda per capita média daqueles que vivem nos abrigos em Boa Vista é de R\$ 147,0, representa 38,8% da renda per capita média dessa população abrigada em Manaus, que é de R\$ 379,0. Não há diferença estatística significativa entre a renda média per capita dos abrigados em Manaus e daqueles que vivem fora dos abrigos em Manaus⁴⁵.

Figura 33

Renda familiar média e renda per capita média por situação da morada



Com renda média per capita de R\$ 355,0 fora dos abrigos – o equivalente a R\$ 11,8 ao dia, US\$ 2.19 dólar por dia – para famílias indígenas venezuelanas não abrigadas em Manaus, a sobrevivência torna-se dramática: o ônus de pagar despesas básicas – principalmente aluguel e comida – tende a consumir muita energia do grupo familiar. Dada a precária inserção laboral, os rendimentos do trabalho, somados a

eventuais auxílios sociais, não cobrem o básico. No cálculo da sobrevivência, por vezes avaliam como mais interessante migrar em direção à cidade em que algum parente ou familiar noticia a oferta de abrigo para os indígenas do que insistir na permanência onde estão. Nesse sentido, aquelas famílias não abrigadas migram rapidamente de uma cidade a outra.

44 Ao câmbio de R\$ 5,41 em 26.11.2022.

45 Os rendimentos familiares médios, quando distribuídos entre as categorias de gênero do respondente, de faixas etárias, segundo níveis de escolaridade e segundo o perfil das famílias, não apresentam diferenças de relevância estatística. Entretanto, há diferenças entre os rendimentos familiares médios quando comparados entre as famílias que vivem em Boa Vista e as famílias que vivem em Manaus; entre as categorias de tempo, em que a família está na cidade; entre os grupos que receberam e não receberam o Auxílio Brasil; entre grupos segundo número de pessoas trabalhando no arranjo familiar; e entre as categorias de proficiência em português do respondente.

Do momento em que as famílias chegam até o primeiro ano em que estão na cidade, a renda familiar média é menor em relação às demais famílias que estão vivendo há mais de dois anos na cidade: as famílias que chegaram em 2022 têm renda familiar média de R\$ 357,0; famílias com tempo de estadia de 1 a 2 anos têm renda familiar média de R\$ 640,0⁴⁶. A partir do segundo ano em que estão na cidade, as rendas familiares médias não apresentam diferenças estatísticas significantes em relação às demais famílias que estão há mais de 2 a 3 anos, há mais de 3 a 4 anos e há mais de 4 anos na cidade.

Famílias que receberam o Auxílio Brasil no mês de referência desta pesquisa (julho de 2022) têm rendimento familiar médio de R\$ 963,0, 105% superior à renda média das famílias que não receberam o Auxílio Brasil⁴⁷.

Famílias que não têm um de seus membros trabalhando tiveram rendimento médio de R\$ 114,0 no mês de referência desta pesquisa; já arranjos familiares com uma pessoa trabalhando tiveram rendimento médio de R\$ 897,0. Famílias com duas ou mais pessoas trabalhando – há na amostra um único caso de uma família com quatro pessoas trabalhando que foi agregada nesta categoria – o rendimento médio foi de R\$ 1.545,0⁴⁸, 72% superior ao grupo com uma pessoa trabalhando na família.

A renda familiar média daqueles pontos focais sem proficiência em português é de R\$ 474,0;

entre aqueles respondentes com proficiência baixa em português, a renda familiar é de R\$ 606,0; a renda familiar alcança R\$ 864,0 entre respondentes com proficiência em português de mediana a alta. Há diferença estatística significativa entre a renda familiar do respondente com mediana-alta proficiência em português e as outras duas categorias – nenhuma proficiência e baixa proficiência em português⁴⁹.

Determinantes da Renda Familiar

A fim de verificar os determinantes da renda das pessoas refugiadas e migrantes indígenas venezuelanas estabelecidos nas cidades de Manaus e Boa Vista, foi desenvolvido o modelo de regressão linear múltipla, correlacionando a renda familiar declarada pelos entrevistados com diversas variáveis capazes de explicar a sua variação. São de particular interesse para o modelo as variáveis relativas à experiência dos entrevistados em sua estadia no Brasil. Dessa forma, foram incluídas as variáveis independentes que informam se a família tem no domicílio pessoas exercendo atividades remuneradas; a cidade na qual vive (Boa Vista ou Manaus); se realizou no Brasil cursos de português e/ou capacitação; se está com a documentação atualizada no país; e se alcançou ou não a proficiência em português. A essas somam-se no modelo variáveis de controle, que sabidamente possuem influência sobre a renda dos indivíduos: gênero, escolaridade e acesso ao benefício social denominado, em julho de 2022, “Auxílio Brasil”.

46 Anova Direcional, a diferença entre as médias da renda familiar quando se introduz o fator “Tempo em que está vivendo na cidade”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste *post hoc* de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos indica que rendimentos médios das famílias que estão há um ano é diferente em relação às demais categorias. Não há diferença estatística significativa entre os rendimentos familiares médios entre os grupos “de mais de 1 a 2 anos”, “de mais de 2 anos a 3 anos”, “de mais de 3 a 4 anos” e “mais de 4 anos”.

47 Anova Direcional, a diferença entre as médias da renda familiar quando se introduz o fator “Recebe ou não o Auxílio Brasil”, é significativa em $\alpha=0,05$.

48 Anova Direcional, a diferença entre as médias da renda familiar quando se introduz o fator “Número de pessoas trabalhando na família”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste *post hoc* de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dos grupos, indica diferenças significativas entre os rendimentos médios das famílias que não tinham “nenhuma pessoa trabalhando”, que tinham “uma pessoa trabalhando” e que tinham “duas ou mais pessoas trabalhando”.

49 Anova Direcional, a diferença entre as médias da renda familiar quando se introduz o fator “Proficiência em português do respondente”, é significativa em $\alpha=0,05$. Teste *post hoc* de Bonferroni, de comparações múltiplas entre as médias dos grupos, indica diferenças significativas entre os rendimentos médios das famílias do respondente com proficiência mediana-alta em relação às famílias dos respondentes que não tinham “nenhuma proficiência” e tinham “baixa proficiência”. Não há diferença significativa entre os rendimentos familiares médios do respondente com baixa proficiência e sem nenhuma proficiência.

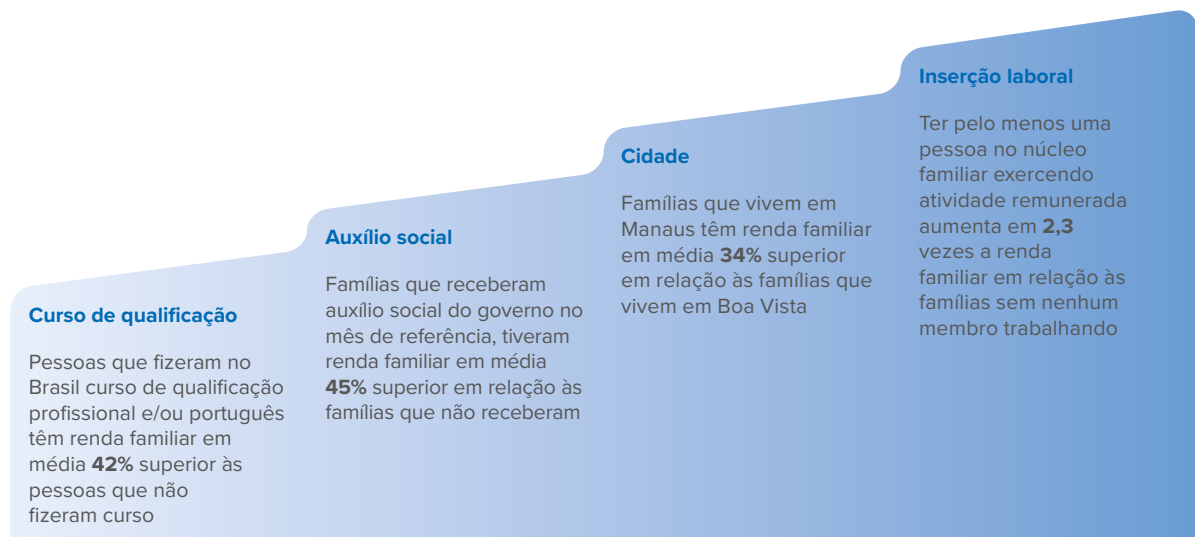
O indicador de renda foi operacionalizado como uma variável contínua que contém a resposta dos entrevistados à pergunta “Qual foi a renda familiar mensal de sua família principal no último mês, considerando toda a renda de todos os trabalhos e os benefícios sociais do governo?”⁵⁰.

Ter recebido o auxílio social eleva a renda familiar mensal dos entrevistados, em média, 45,2% em relação àqueles que declararam não ter recebido o benefício. Possuir pessoas na família nuclear que exerceram alguma atividade remunerada no mês de referência também apresentou efeito significativo: aquelas famílias com pelo menos um de seus membros trabalhando tiveram renda 2,3 vezes maior em relação às famílias sem nenhum de seus membros trabalhando. Ter feito curso de qualificação e/ou de português aumentou em 42% a renda familiar em relação àqueles respondentes que não fizeram cursos. Aqueles que vivem em Manaus têm sua renda familiar aumentada em 34% quando comparados aos que vivem em Boa Vista.

Neste modelo, as variáveis relativas ao gênero dos entrevistados e ao seu grau de escolaridade registraram impacto muito baixo sobre a variação da sua renda. Destaque-se que todas elas tiveram coeficientes negativos em relação às suas categorias de referência. Isto é, ser mulher diminui a renda em relação a ser homem; ter concluído os níveis educacionais básico, médio, ou técnico e universitário tem efeito negativo na renda em relação àqueles que nunca estudaram. Embora os coeficientes negativos da escolaridade sejam contraintuitivos, são consistentes com as análises deste relatório que apontam para a precariedade da inserção laboral: diferentemente do que se verifica no mercado de trabalho brasileiro, em geral, anos de estudo não impactam os rendimentos do trabalho que compõem a renda familiar de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas indígenas. Isoladamente, ter alcançado a proficiência em língua portuguesa não apresentou efeito significativo sobre a renda familiar, possivelmente por ter tido o seu efeito “absorvido” pela variável “fez curso de qualificação profissional e/ou português”.

Figura 34

Variáveis que produzem maior efeito sobre a renda familiar



50 Como esta variável não tem originalmente uma distribuição normal, que é um requisito para variáveis dependentes no método de mínimos quadrados ordinários (MQO) adotado, operou-se uma transformação logarítmica para possibilitar a análise. Os escores apresentados expressam, dessa forma, relações logarítmicas entre a variável dependente e as explicativas. Para obter o efeito percentual da variável, calcula-se o exponencial do coeficiente reportado na tabela, subtrai-se 1 deste valor e multiplica-se por 100.

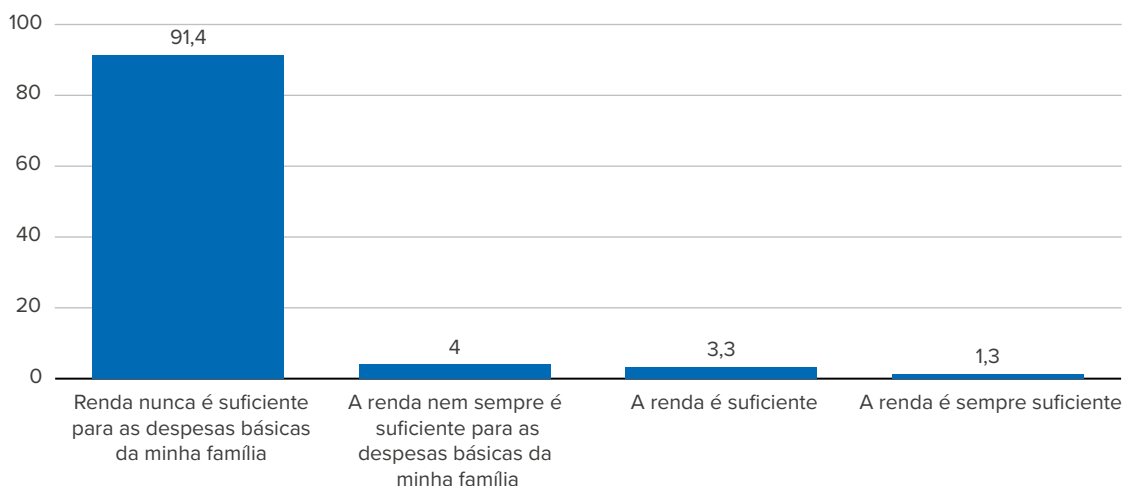
Percepção em relação aos rendimentos da família e as despesas básicas

A renda familiar nunca é suficiente para as despesas básicas da família na avaliação de 91,4% (n=276) das pessoas participantes desta pesquisa; 4% (n=12) consideram que a renda familiar nem sempre é suficiente. Apenas 3,3% (n=10) afirmam ser a renda familiar suficiente; e 1,3% (n=4) consideram-na “sempre suficiente”.

Em Boa Vista, há maior presença de famílias que consideram a própria renda familiar nunca suficiente para as despesas básicas em relação a Manaus. Mas essa avaliação não apresenta diferenças estatísticas significantes entre gêneros, entre faixas etárias, entre níveis de escolaridade e entre etnias.

Figura 35

Com base na sua experiência de vida no Brasil, você considera que a renda de sua família principal é sempre suficiente, é suficiente, nem sempre suficiente, ou nunca é suficiente para despesas básicas para a sobrevivência de sua família?



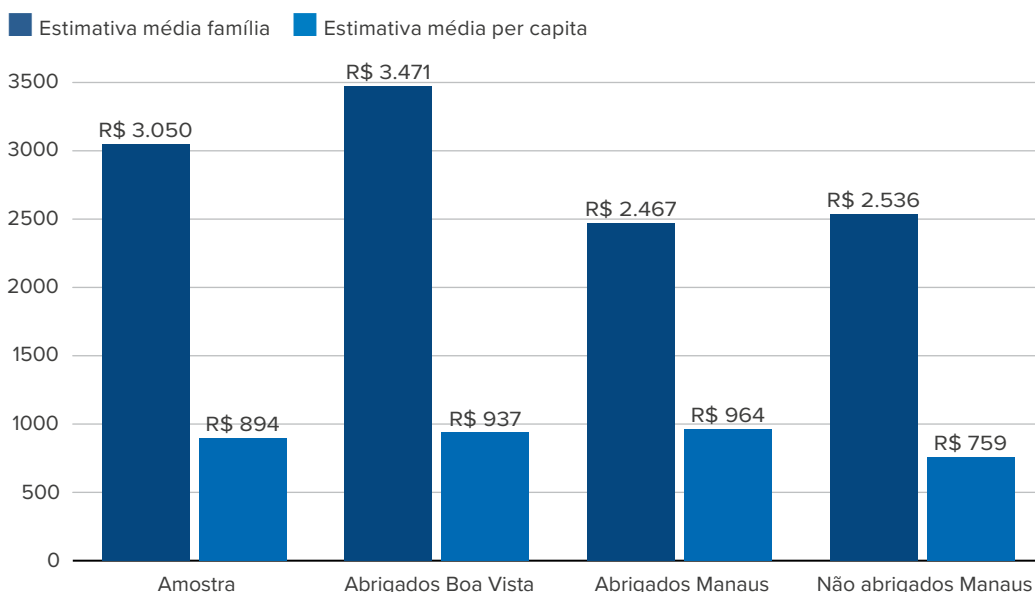
Projeção dos rendimentos da família necessários para a vida autônoma

Entre aquelas 34,8% (n=105) pessoas que fizeram, em algum momento, o cálculo de quanto a família necessita para as despesas básicas de sobrevivência em um espaço autônomo, o valor médio estimado foi de R\$ 3050,0. Em Boa Vista, a média necessária estimada para as despesas básicas das famílias é de R\$ 3471,0,

o equivalente ao per capita de R\$ 937,0; nos abrigos de Manaus, a média estimada é de R\$ 2467,0, per capita de R\$ 964,0; e entre as pessoas não abrigadas que vivem em Manaus, a média estimada necessária para as despesas básicas é de R\$ 2536,0, per capita de R\$ 759,0.

Figura 36

Médias dos valores estimados para a sobrevivência da família segundo a Cidade e a morada

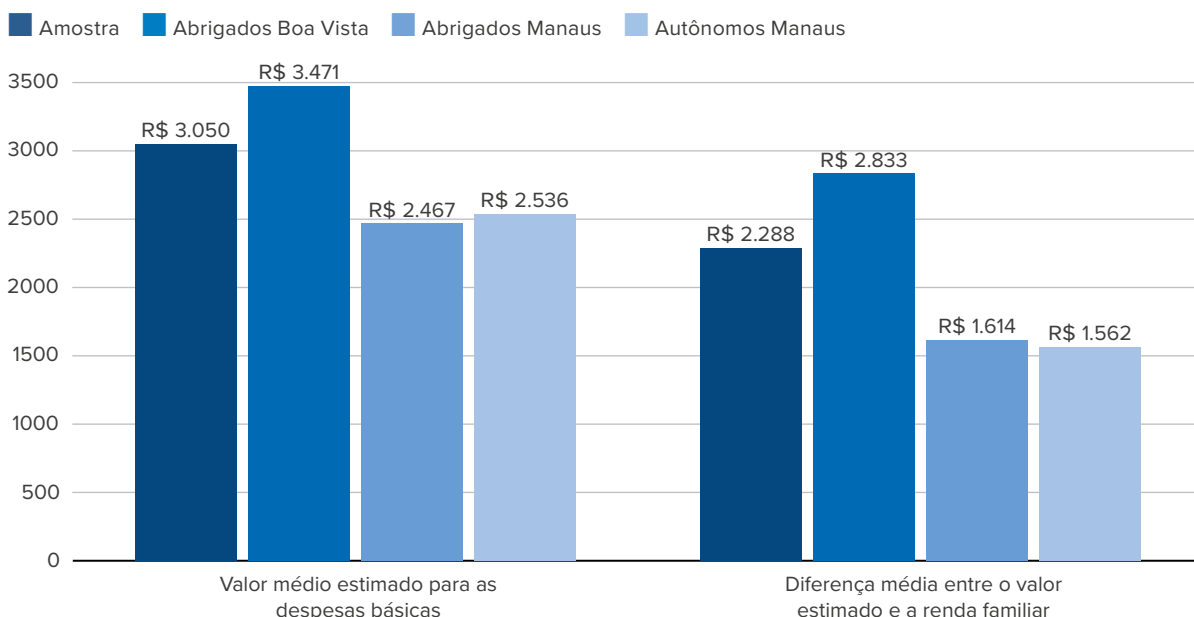


A distância média entre a renda familiar média informada e o valor estimado médio para as despesas mínimas da família em espaço autônomo é de R\$ 2.288,0. Isso significa dizer que o orçamento das famílias pesquisadas está distante, em média, R\$ 2.288,0 da renda média informada.

Em Boa Vista, a diferença média entre a renda familiar real e as necessidades estimadas é de R\$ 2.833,0; essa diferença que cai para R\$ 1.614,0 entre famílias abrigadas em Manaus e R\$ 1.562,0 entre famílias vivendo em espaço autônomo em Manaus.

Figura 37

Valor médio estimado para as despesas básicas e diferença média entre a renda familiar e o valor necessário estimado das despesas básicas





Conectividade e capital social

© ACNUR / Felipe Irmalido

Acesso à internet

Acesso à internet por pacote de dados está sempre disponível (22,5%, n=68) ou quase sempre (19,2%, n=58) a 41,7% (n=126) das famílias da amostra; para 58,3% (n=176)⁵¹ das famílias o acesso à internet por pacote de dados raramente está disponível (24,8%, n=75) ou nunca está disponível (33,4%, n=101).

Enquanto nos abrigos de Manaus há maior frequência do que a média da amostra de famílias que “sempre” têm acesso à internet por pacote de dados; nos abrigos de Boa Vista há maior presença do que a média de famílias que quase sempre acessam a internet por pacotes de dados; também nos abrigos de Boa Vista há maior presença do que a média da amostra de pessoas que nunca têm acesso

à internet por pacote de dados. Já a maioria das famílias vivendo autonomamente em Manaus (61,3%, n=38) raramente tem acesso à internet por pacote de dados e esse grupo é, proporcionalmente, duas vezes e meia maior do que a média da amostra. O acesso à internet via wi-fi é pouco frequente (16,2%, n=49) ou nunca ocorre (69,5%, n=210) para 85,7% (n=259) das famílias da amostra; 14,3% (n=43) acessam a internet via wi-fi muito frequentemente (7%, n=21) ou frequentemente (7,3%, n=22).

Não há relação de associação entre etnias e o acesso à internet por pacote de dados.

Em 37,4% (n=113) das famílias há pelo menos uma pessoa que acessa as redes sociais; em

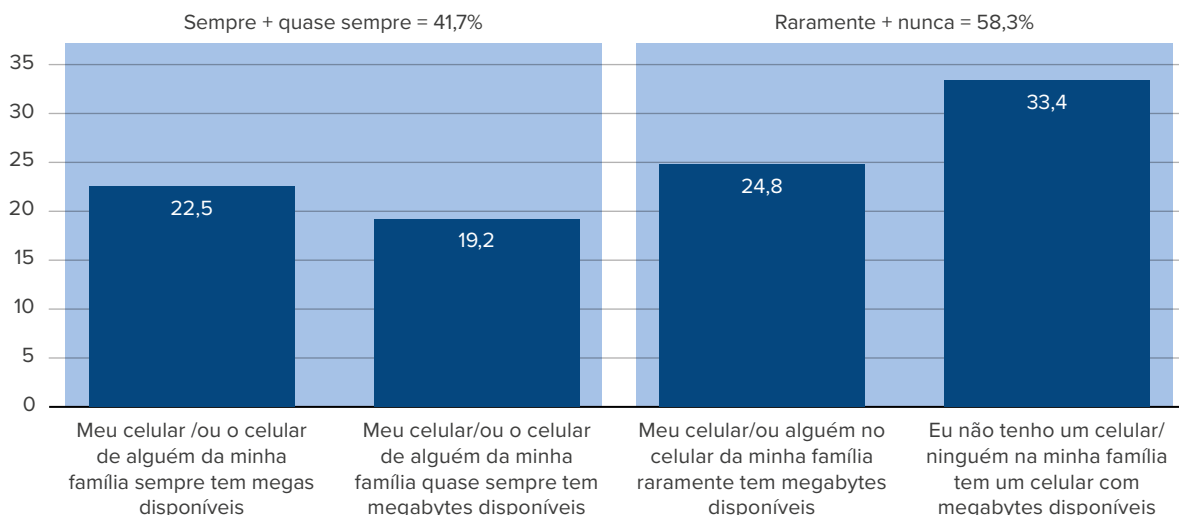
51 Em decorrência de arredondamento, ao serem agregadas, as duas categorias “raramente acessa a pacote de dados na família” e “nunca acessa a pacotes de dados na família” apresentam diferença de 0,1% em relação às estatísticas das categorias individuais.

62,6% (n=189) os respondentes informaram não haver ninguém na família que acessa com alguma frequência as redes sociais. Entre as 37,4% (n=113) famílias que informaram acessar as mídias digitais, Facebook (92%, n=104),

WhatsApp (n=64) e TikTok (48,7%, n=55) são as mais populares. Menos populares, são também acessadas as mídias: Instagram (26,5%, n=30), Youtube (18,6%, n=21), Telegram (3,5%, n=1) e Twitter (3,5%, n=1).

Figura 38

Você ou alguém da sua família que mora com você nesta mesma casa tem um celular com megabytes disponíveis/ com pacote de dados?



Entre pessoas não indígenas e pessoas de etnia Pemon-Tuarepang há maior presença de respondentes que acessam as redes sociais em relação à média da amostra. Entre Warao, há maior frequência de pessoas que não acessam

as redes sociais em relação à média da amostra. Nos abrigos de Boa Vista, há maior frequência de pessoas que acessam as redes sociais do que nos abrigos de Manaus e entre pessoas que vivem autonomamente em Manaus.

Sociabilidade

Mais da metade dos respondentes da amostra (54,6%, n=165) afirmam que não fizeram amigos brasileiros desde que vieram para o Brasil. Enquanto 26,5% (n=80) apresentam nível maior de sociabilidade, informando ter feito quatro ou mais amigos brasileiros; 10,6% (n=32) dizem ter feito de dois a três amigos; e 8,3% (n=25) afirmaram ter feito um amigo brasileiro. Apresentaram maior probabilidade de ter feito

pelo menos um amigo: homens em relação a mulheres; pessoas com escolaridade de Ensino Médio em relação às pessoas que nunca estudaram; pessoas que vivem em Manaus fora dos abrigos em relação à população abrigada em Boa Vista e em Manaus. Pessoas com maior proficiência em português apresentam maior probabilidade de estabelecer novos laços sociais em relação àqueles que não têm proficiência.



© ACNUR/ Gabo Morales

Perspectivas de futuro

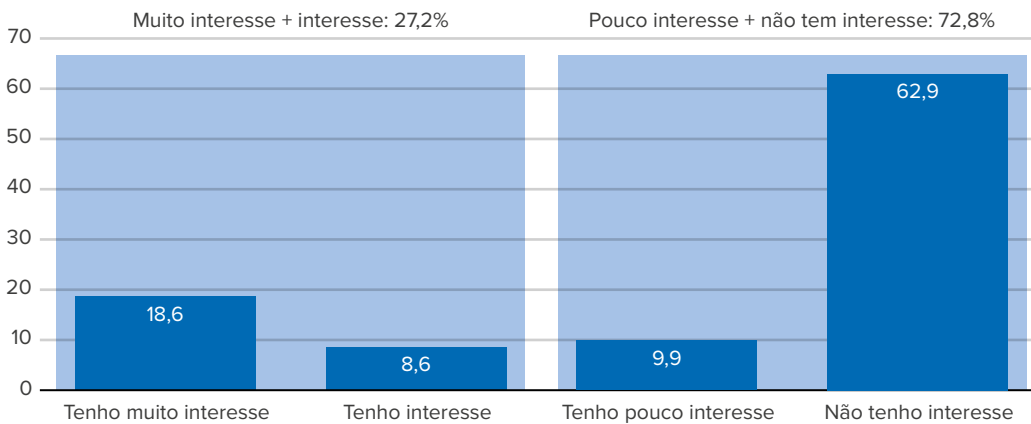
Interesse em mudança de cidade

Demonstram interesse em se mudar da cidade em que estão vivendo 27,2% (n=82) dos respondentes: 18,6% (n=56) afirmam

ter muito interesse e 8,6% (n=26) dizem ter interesse. Estão pouco interessados ou desinteressados em se mudar 72,8% (n=220) dos respondentes: 9,9% (n=30) têm pouco interesse e 62,9% (n=190) não têm interesse.

Figura 39

Tem interesse em se mudar para outras cidades do Brasil?



Os principais motivos informados por 72,8% (n=220) dos respondentes da amostra,

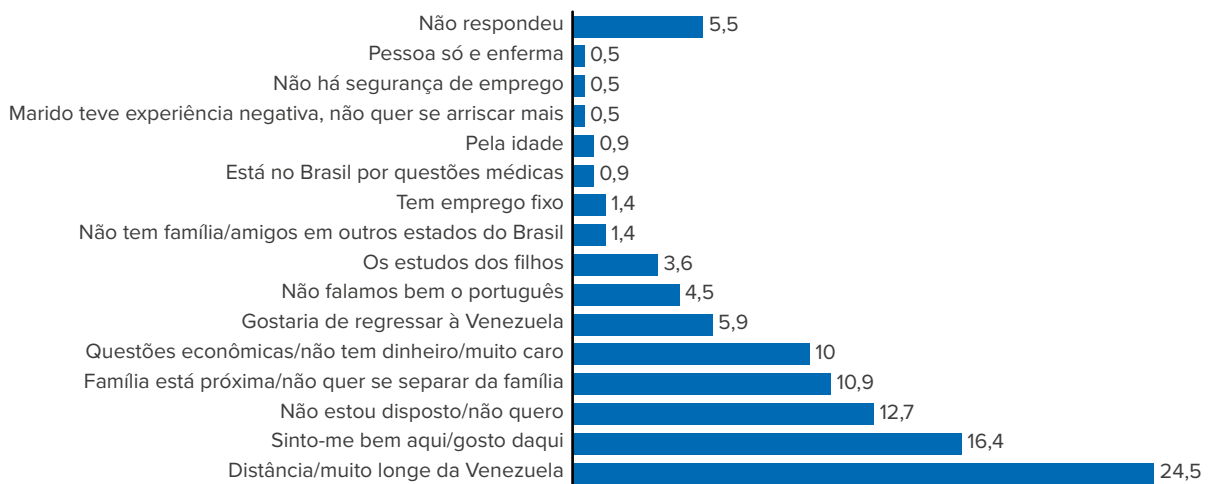
desinteressados ou pouco interessados em se mudar da cidade em que vivem, foram: não

desejar se afastar da Venezuela (24,5%, n=54); sinto-me bem aqui/gosto daqui (16,4%, n= 36); não estou disposto a enfrentar uma nova jornada/não quero (12,7%, n=28); família está próxima aqui/não quero me afastar da família (10,9%, n=24); por questões econômicas/não tem dinheiro para a viagem (10%, n=22); gostaria de regressar à Venezuela (5,9%, n=13); 4,5% (n=10); os estudos

dos filhos (3,6%, n=8); não tem família nem amigos em outros estados brasileiros (1,4%, n=3); tem emprego fixo (1,4%, n=3); está no Brasil por questões médicas (0,9%, n=2); pela idade (0,9%, n=2); marido teve experiência negativa, não quer se arriscar mais (0,5%, n=1); não há segurança de emprego (0,5%, n=1); é uma pessoa só e enferma (0,5%, n=1). Não responderam 5,5%, (n=12).

Figura 40

Por que você não está interessado (ou está pouco interessado) em se mudar desta cidade?



Pessoas que estão em Manaus são menos interessadas em se mudar do que as pessoas que vivem em Boa Vista.

À medida em que passa o tempo, as pessoas ficam menos propensas a se mudar das cidades. Há associação significativa entre estar na força de trabalho ocupada e maior desinteresse em se mudar da cidade em que estão vivendo; ao

mesmo tempo, pessoas que estão na força de trabalho potencial (disponíveis para o trabalho, mas não procuraram emprego por desalento ou outros motivos) estão mais presentes no grupo interessado em se mudar em relação à média da amostra. O interesse em mudar-se não tem relação de associação com o gênero, faixa etária e escolaridade do respondente.

Tabela 34

Interesse em se mudar por Cidade em que vive

		Boa Vista	Manaus	Total
Não tem interesse em se mudar para outras cidades	n	137	83	220
	%	67,2%	84,7%	72,8%
Tem interesse em se mudar para outras cidades	n	67	15	82
	%	32,8%	15,3%	27,2%
Total	n	204	98	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Teste Exato de Fisher= há relação de associação entre as variáveis p (dois lados) =0,001, em α=0,05

Tabela 35

Interesse em se mudar por Tempo em que vive na cidade

		Até 1 ano (2022)	Mais de 1 a 2 anos (2021)	Mais de 2 a 3 anos (2020)	Mais de 3 a 4 anos (2019)	Mais de 4 anos (2012 a 2018)	Total
Não tem interesse em se mudar para outras cidades	n	37	81	33	27	42	220
	%	55,2%	76,4%	76,7%	77,1%	82,4%	72,8%
Tem interesse em se mudar para outras cidades	n	30	25	10	8	9	82
	%	44,8%	23,6%	23,3%	22,9%	17,6%	27,2%
Total	n	67	106	43	35	51	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 14,189, há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,007$ em $\alpha = 0,05$

Tabela 36

Interesse em se mudar por Força de trabalho

		Força de trabalho ocupada	Força de trabalho desocupada	Força de trabalho potencial	Fora da força de trabalho	Total
Não tem interesse em se mudar para outras cidades	n	114	16	16	74	220
	%	83,8%	59,3%	50,0%	69,2%	72,8%
Tem interesse em se mudar para outras cidades	n	22	11	16	33	82
	%	16,2%	40,7%	50,0%	30,8%	27,2%
Total	n	136	27	32	107	302
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado = 19,985, há relação de associação/dependência entre variáveis, $p = 0,000$ em $\alpha = 0,05$

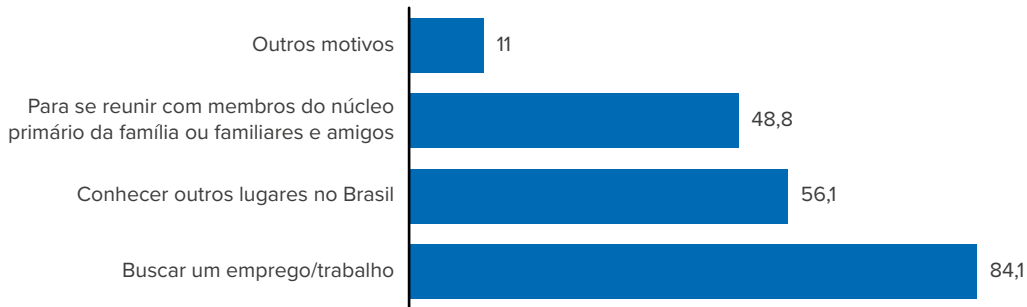
Justificativas para o desejo da mudança

Entre os 27,2% (n=82) respondentes interessados em se mudar da cidade em que vivem, a motivação que mais se repete é a busca por um emprego e/ou trabalho (84,1%, n=69); 56,1% (n=46) também fazem considerações associadas à oportunidade para se conhecer outros lugares

no Brasil; e 48,8% (n=40) mencionam a reunião familiar seja com familiares do núcleo primário, seja familiares não tão próximos ou amigos. Mencionaram outros motivos 11% (n=9), foram eles: buscar tratamento médico (n=2); construir casa e trabalhar com plantio/agricultura (n=2); vender artesanatos (n=2); ter qualidade de vida melhor (n=2); e ter um terreno próprio (n=1).

Figura 41

Por que você quer se mudar desta cidade? (Múltiplas respostas, frequência de ocorrência das justificativas em relação ao número de casos)



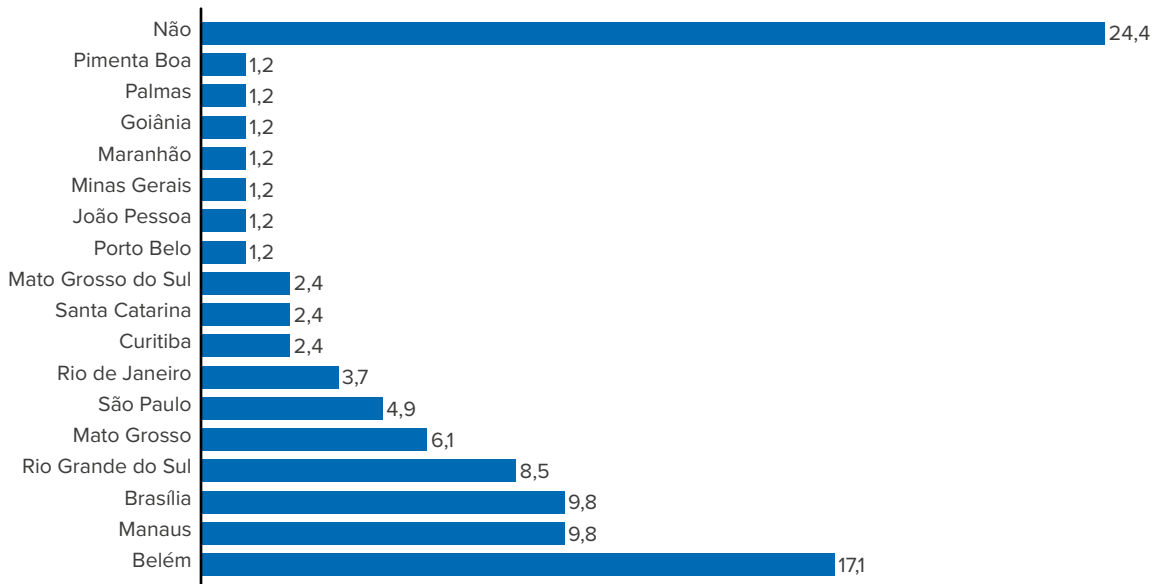
Cidades que despertam interesse

Belém (17,1%, n=14), Manaus (9,8%, n=8), Brasília (9,8%, n=8) são as cidades mais citadas pelos respondentes interessados em se mudar de onde vivem hoje e que avaliam as localidades para as quais gostariam de ir. Em menor frequência (n ≤ 2), foram mencionadas Curitiba (PR); Porto Belo (SC), João Pessoa (PB), Goiânia

(GO), Palmas (TO) e Pimenta Boa (RO). Foram ainda citados os estados do Rio Grande do Sul (8,5%, n=7), Mato Grosso (6,1%, n=5), São Paulo (4,9%, n=4), Rio de Janeiro (3,7%, n=3), Santa Catarina (2,4%, n= 2), Mato Grosso do Sul (2,4%, n= 2), Minas Gerais (1,2%, n=1) e Maranhão (1,2%, n=1). Não souberam dizer para qual cidade gostariam de se mudar 24,4% (n=20).

Figura 42

Existe uma cidade brasileira em particular para a qual você gostaria de se mudar?



Se, por um lado, o *survey* realizado apontou para o projeto de 40,7% dos respondentes de estar no Brasil nos próximos cinco anos; por outro lado, para um grupo de pessoas refugiadas e migrantes, sobretudo aquelas que não tinham pelo menos um membro de suas

famílias na força de trabalho de uma forma que lhes sinalize a perspectiva de autossuficiência, a jornada para o Brasil tende a se revestir de uma iniciativa transitória. No *survey*, 31,1% e 0,7%, se projetavam, nessa ordem, retornando para a Venezuela e migrando para um terceiro

país. Entre estas estão pessoas, em maior presença do que na média da amostra, fora da força de trabalho, ou seja, que não procuraram emprego na data de referência pois não estavam disponíveis, seja por se ocuparem de menores e doentes na família ou por problemas pessoais de saúde. Outros 27,5% dos respondentes, ainda mirando para um cenário laboral de incertezas, não conseguiram se projetar no futuro próximo de cinco anos.

Em pesquisa quantitativa do tipo *survey* realizada, como parte deste projeto de pesquisa, constatou-se que o fato de 31,8% dos arranjos familiares, residentes nas duas capitais do Norte, terem tido crianças nascidas no Brasil, não os torna mais particularmente propensos a se projetar no Brasil em cinco anos.

A perspectiva de permanência no Brasil vincula-se essencialmente à construção da autonomia e da inserção no mercado laboral de pelo menos um dos membros da família, conforme demonstrou-se no modelo de regressão logística binária apresentado no relatório quantitativo deste projeto de pesquisa⁵². Ou seja, a inserção laboral de pelo menos um dos membros da família evidencia a perspectiva da estabilidade financeira (o que infelizmente, como se viu nesta pesquisa, nem sempre ocorre em consequência da precariedade da inserção laboral).

Além de ter pelo menos um dos membros do núcleo familiar primário exercendo algum trabalho remunerado, apresentaram um peso significativo no modelo, demonstrando serem variáveis determinantes e que aumentam a probabilidade de que as pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas se projetem, em cinco anos, no Brasil: a cidade em que estão vivendo, visto que Manaus, em relação a Boa Vista, apresenta mais oportunidades de inserção laboral; manter em perspectiva o interesse de mudança para outras cidades (interiorização), indicativo

da disponibilidade para a mobilidade com foco na inserção laboral; e anos de estudo, associadas estatisticamente nesta pesquisa a certa clareza e propósito de permanência.

Para analisar as condicionantes e o efeito individual de um conjunto de variáveis sobre a probabilidade de uma pessoa refugiada e migrante venezuelana indígena ter planos para a permanência no Brasil, construiu-se um modelo de regressão logística binomial. Foi utilizada como variável dependente o indicador que indagou aos entrevistados como projetam o seu futuro em cinco anos, se veem-se morando no Brasil ou não. Trata-se, assim, de uma variável dependente binária (projetar-se no Brasil = 1; não se projetar no Brasil = 0).

As variáveis independentes arroladas para a análise no modelo cobrem diversas dimensões da vida do entrevistado no Brasil: 1) as variáveis sociodemográficas *gênero* e *escolaridade*; 2) a cidade em que vive (Boa Vista ou Manaus); 3) a inserção laboral: ter procurado emprego; ter pelo menos um dos membros da família exercendo atividade remunerada; ter feito algum curso de qualificação profissional e/ou português no Brasil; 4) o capital social: a proficiência em português; ter feito amigos no Brasil; 5) aspectos relacionados ao deslocamento: tempo no Brasil; estar com a documentação atualizada; e estar interessado em se mudar para outras cidades - 72,8% tem pouco ou nenhum interesse em se mudar (pelo menos para outras cidades do Brasil), é maioria em ambas cidades e mais ainda para aqueles trabalhando; 6) e por fim, a origem dos respondentes: ter residido em área urbana ou rural na Venezuela, seis meses antes da jornada ao Brasil. O modelo estima o impacto que cada variável explicativa tem sobre as chances de um respondente se ver ou não no país nos próximos 5 anos, mantendo todas as demais sob controle.

Apresentaram um peso significativo no modelo: a cidade em que estão vivendo;

52 Neste modelo, manteve-se sob controle um conjunto de variáveis e estimou-se o efeito individual de cada variável sobre a probabilidade de uma pessoa refugiada e migrante venezuelana indígena ter planos para a permanência no Brasil.

ter pelo menos um dos membros do núcleo familiar primário exercendo algum trabalho remunerado; manter em perspectiva o interesse de mudança para outras cidades (interiorização); sentir-se feliz; e anos de estudo. Todas são variáveis determinantes que aumentam a probabilidade de que as pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas se projetem, em cinco anos, no Brasil.

A cidade na qual os entrevistados moram importa bastante para definir as chances de que estes planejem uma permanência maior no país. Residir em Manaus aumenta em 4,6 vezes a probabilidade de um respondente se projetar no país em 5 anos em relação àqueles que moram em Boa Vista. Esse efeito possui alta significância estatística ($p < 0,01$) e é consoante com análises ao longo deste relatório, que apontam Manaus como uma cidade que oferece melhores perspectivas de inserção laboral às pessoas indígenas refugiadas e migrantes.

Ter pelo menos um dos familiares exercendo alguma atividade remunerada também possui um impacto importante sobre o projeto de permanecer ou não no país: aqueles respondentes que têm pelo menos um de seus familiares do núcleo primário realizando atividade remunerada apresentam probabilidade 2,8 vezes maior de se projetar no Brasil do que aqueles respondentes sem nenhum de seus membros trabalhando.

A escolaridade influencia as perspectivas de permanência das pessoas indígenas entrevistadas de maneira consistente e importante. Dentre as categorias de escolaridade, pessoas com ensino inicial/básico têm 2,4 vezes mais chances do que pessoas que nunca estudaram de se projetar no Brasil em cinco anos; já pessoas com formação até o ensino médio têm 7 vezes mais chances do que pessoas que nunca estudaram de fazer planos para estar no Brasil em cinco anos. Para as pessoas que integram a categoria de ensino superior ou técnico, o coeficiente positivo sugere maior probabilidade de que tenham maior probabilidade do que as pessoas que nunca

estudaram de traçar planos para permanecer em cinco anos. Mas para essa categoria, o coeficiente não apresentou significância.

São hipóteses para explicar a contribuição da escolaridade sobre a maior probabilidade de a pessoa fazer planos para permanecer no Brasil: 1) indivíduos com maior grau de escolaridade talvez consigam dimensionar melhor as condições de seu status no país e de diagnosticar o cenário político na Venezuela, estimando que em cinco anos as condições para o retorno possam não se alterar muito; 2) alternativamente, é possível também que indivíduos com maior escolaridade percebam no Brasil mais oportunidades de emprego e/ou estudo e estejam mais inclinados a permanecer. São hipóteses para explicar essa forte associação entre as variáveis.

Alguns aspectos subjetivos e psicossociais da vida dos Warao, por outro lado, mostraram-se relevantes para a projeção de uma estadia mais longa no Brasil. Ter manifestado interesse em mudar-se para outras cidades aumenta em 278% as chances de um respondente fazer planos para permanecer por 5 ou mais anos ou mais no Brasil em relação àqueles que não pretendem sair de Boa Vista e Manaus, cidades mais próximas da fronteira com a Venezuela. Também a variável em que os entrevistados manifestam o quanto se sentem felizes tem um peso importante para explicar a projeção de uma permanência duradoura no país: aqueles que declararam muito felizes ou felizes apresentam 82 vezes mais chance do que aqueles que se sentem infelizes/muito infelizes de ter planos para ficar no Brasil; já aqueles que se declaram “nem felizes, nem infelizes” têm 17 vezes mais chances de se projetar no Brasil em cinco anos do que aqueles que se sentem infelizes/muito infelizes.

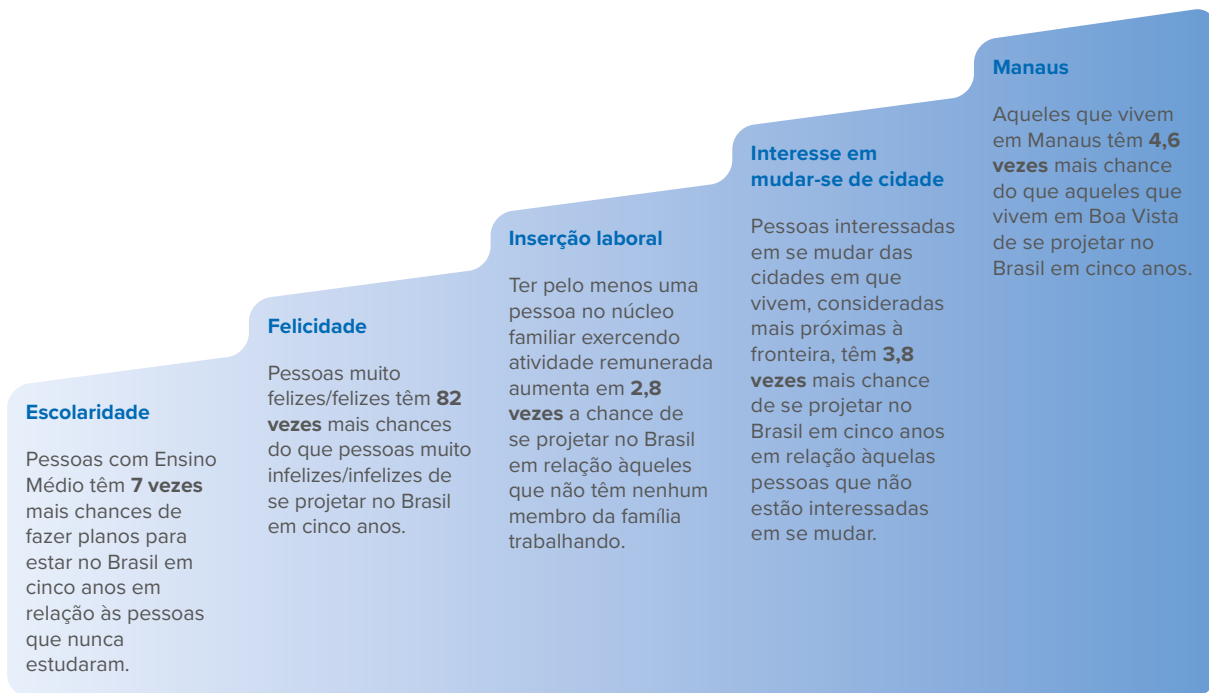
O gênero do entrevistado não afeta significativamente suas perspectivas de permanência no país. Igualmente não registraram efeito significativo as variáveis relativas à experiência das pessoas indígenas venezuelanas no país quanto

a estar documentado, ter realizado curso profissionalizante, ter proficiência em português, ter procurado emprego e estar residindo há mais tempo no país. Da mesma forma, isoladamente, ter vivido no contexto urbano ou rural no país de origem não produz efeito significativo sobre a variável dependente.

Em termos gerais, a análise revela, assim, que as chances de projetar uma estadia mais longa no Brasil por parte dos entrevistados envolve elementos estruturais da vida familiar deles no Brasil, – como a cidade em que vivem e o acesso

a atividades que gerem renda por membros da família –, e elementos relativos à sua experiência subjetiva – como o grau de felicidade e a intenção de se interiorizar ou mudar para outro município brasileiro. A escolaridade se mostrou um fator condicionante importante no dimensionamento das perspectivas de permanência, já que amplia a confiança para que as pessoas façam diagnósticos da situação da Venezuela, assim como dos elementos de sua experiência objetiva de inserção laboral ou os membros da família no Brasil.

Figura 43



Considerações e Sugestões

Eixos estruturais de atuação para campanhas de informação

Junto às comunidades, há quatro eixos estruturais de atuação propostos, a serem reforçados com campanhas informacionais, extraídas do rico conjunto de dados quantitativos e qualitativos levantados nesta pesquisa. São temáticas que apresentamos antes das sugestões com foco nas estratégias para os meios de vida.

São campanhas de informação a serem elaboradas em formato específico, que enfatizem recursos audiovisuais – pequenos vídeos com personagens indígenas, que humanizam a mensagem necessária e promovem empatia – em linguagem original – em algumas circunstâncias legendados

em espanhol. Para a difusão, sugere-se que o material audiovisual produzido seja compartilhado em convergência nas redes de comunicação específicas que as famílias mantêm, por meio de pelo menos um de seus representantes com as comunidades espalhadas no Brasil⁵³. Ao incentivar que aquele que acessa o material da campanha também o mostre à sua família e amigos que não têm “celular com megas”, o engajamento tem potencial para levar o conteúdo a toda a comunidade, numa ação que envolve todos os membros.

Elencamos os eixos estruturais de atuação que condicionam o aproveitamento das propostas de meios de vida:

53 Segundo dados do *survey*, 41,7 % das famílias têm pelo menos um de seus membros com “pacote de megas” nos celulares sempre e/ou quase sempre; em 37,4% das famílias há pelo menos uma pessoa que acessa as redes sociais; entre as pessoas que acessam as redes sociais, Facebook e WhatsApp são os mais populares.

1 A escolarização de crianças – Tem-se, na determinação de não permitir que crianças em idade escolar deixem de frequentar os espaços de aprendizado, o propósito de impedir que se perpetue o ciclo de exclusão social entre gerações. Como se demonstrou nos modelos de regressão logística binária construídos no *survey*, a escolaridade tem um papel fundamental em todas as dimensões cognitivas da vida adulta, com peso importante desde o aprendizado de uma segunda língua ao interesse e à participação em cursos de qualificação profissional. Ainda que, no caso de pessoas refugiadas não indígenas e indígenas, dada a precariedade da inserção laboral, a escolaridade não impacte, no primeiro momento, os rendimentos do trabalho, ela segue sendo um atributo estrutural na vida do indivíduo, que lhe ajuda a construir estratégias e se planejar buscando sua autonomia e autossuficiência no Brasil.

Um terço (31,8%) das famílias refugiadas e migrantes indígenas venezuelanas têm crianças nascidas no Brasil, conforme indica os dados do *survey*. E há, entre as 220 famílias com crianças e adolescentes em idade escolar – de 4 a 18 anos –, 154 (70%) com pelo menos uma criança e ou adolescente fora da escola. É preciso buscar soluções para a oferta de formação escolar para crianças, assumindo como referência a modalidade de educação escolar indígena (EEI) e as propostas existentes hoje no Brasil, e em particular na região Norte, caracterizada por uma abordagem “intercultural, bilíngue, específica, diferenciada e comunitária”. Tal oferta poderia se configurar com uma sala descentralizada de alguma escola indígena em funcionamento na região, ou, se essa opção não for possível, uma sala descentralizada ligada a uma escola não-indígena que se dispusesse a desenvolver as atividades de EEI.

Com caráter de oferta ainda mais avançada, a depender da configuração do grupo, poderiam ser ofertadas atividades na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) como oferta de primeira formação. Em seguida, seria possível ofertar também formação profissional associada à EJA (como as propostas de PROEJA-Indígena). Nos dois casos, propõe-se que sejam atividades em turmas descentralizadas ligadas a alguma escola de ensino médio e ensino técnico profissionalizante. Essas ofertas seriam configuradas na medida em que um grupo significativo de pessoas refugiadas e migrantes indígenas no Brasil justificasse sua organização. Ou, poderiam ser alternadas com a inserção acompanhada de pessoas nas estruturas escolares locais.

2 Adesão de adultos aos cursos de expressão e compreensão em língua portuguesa, associados à alfabetização em português – Para a adesão de adultos à oferta de cursos de expressão, compreensão e alfabetização em língua portuguesa, destinados a todos, sobretudo àqueles que nunca estudaram no país de origem⁵⁴ – propomos estratégias inclusive atreladas ao período de permanência nos centros de acolhimento: a possibilidade de seguir por período estendido nos abrigos condicionada à adesão aos cursos. Em princípio, destacamos que cursos com duração média de um ano, estruturados para associar o aprendizado do português à alfabetização em português, são essenciais para a promoção da autonomia e eventual aproveitamento de cursos profissionalizantes com foco em meios de vida.

Alfabetização em português. Porque nós tivemos... eu trabalhei no acolhimento, aulas de português para migrantes. Muito legal. Eu tive acesso a alguns materiais. Mas agora estou falando de um público que não é alfabetizado já no seu próprio território. Quando você vai introduzir

54 Somam 77,8% os indígenas refugiados venezuelanos em Boa Vista e em Manaus que nunca estudaram (27,5%) ou cursaram no máximo até a educação primária - inicial e básica, que se estende dos 7 aos 12 anos – (50,3%).

*o português, não compreendem você. Então, uma coisa que dois Warao me trouxeram do acolhimento: poderia ser um professor bilíngue (...) Levando, também, em consideração que a alfabetização Warao é muito diferente do não Warao, do não indígena venezuelano. Os Warao não utilizam todas as consoantes. Todas as palavras são em letra maiúscula. Eles não conhecem o alfabeto completo (...) Então precisa ter alguém bilíngue que conheça também o Warao e promova um português mais coloquial, para que, depois, eles possam ter a imersão em português facilitada (...) Ensino do português associado à alfabetização. É isso mesmo. É associado a uma alfabetização. Está se preocupando muito na fala, né? Só. **(Assistente social, desde 2016 trabalhando em apoio às pessoas refugiadas e migrantes no Brasil, Manaus, EP em 10.11.22)***

Se, em se tratando dos cursos de qualificação profissional, a escolha deve partir da consulta livre às pessoas indígenas, nela procurando conhecer as suas vocações, experiências e sonhos, a alfabetização em português se reveste de condição imperativa para a integração e autonomia na sociedade brasileira. *Nesse sentido, a oferta nos abrigos pode ser acompanhada de um forte incentivo, que para pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas tem caráter de sobrevivência: a permanência estendida nos abrigos.*

Como evidenciam os dados quantitativos e qualitativos desta pesquisa, o rendimento médio do trabalho auferido pelas famílias é tão baixo e insuficiente à sobrevivência, que, com alguma frequência, os relatos qualitativos indicam que estes optam por

migrar internamente quando têm notícia de cidades em que há oferta de abrigos. Não que desejem estar abrigados. Mas, o fato é que no cálculo do custo-benefício de um rendimento do trabalho insuficiente para a comida e o aluguel, que se soma à precariedade e exploração do trabalho, partir em busca de abrigos se torna elemento de cálculo para a sobrevivência.

Nesse sentido, o estímulo à permanência estendida no abrigo tem chance de se tornar forte indutor ao engajamento ao curso de compreensão e expressão em português associado à alfabetização, indispensável para melhor aproveitamento de cursos de qualificação profissional e oportunidades para meios de vida, como sugere a assistente social que participa desta pesquisa.

*Mas lembra que eu falei o que é o estímulo? O acolhimento. Isso poderia ser dado dentro dos acolhimentos. Não é só trabalhar na estratégia de sair, como faz o programa Passaporte para a Inclusão Social⁵⁵. Mas vamos trabalhar nesses quesitos: pode estender a estadia no abrigo, mas têm de fazer o curso de alfabetização em português. Assim, após a formação, terão as condições de aos poucos conquistarem melhor inserção laboral. **(Assistente social, desde 2016 trabalhando em apoio às pessoas refugiadas e migrantes no Brasil, Manaus, EP em 10.11.22)***

3 O estímulo à autonomia da mulher, dentro de uma proposta de se trabalhar todo o arranjo familiar – Além das dificuldades estruturais que decorrem da falta de alfabetização e do não domínio do português, as mulheres indígenas refugiadas

55 O programa Passaporte para a Inclusão Social é promovido pela Prefeitura Municipal de Manaus e existe há cerca de 15 anos, tendo por público prioritário a população de rua. Foram inseridas nesse programa, que destina-se a promover a ambiência no trabalho, 19 famílias da etnia Warao. São condicionantes do programa, com duração de um ano e seis meses, ter um dos membros da família trabalhando (formal ou informalmente), estar cadastrado no CadÚnico para acessar o programa social federal "Auxílio Brasil". Os participantes recebem uma bolsa de R\$ 848,00 e trabalham 4 horas diárias, de segunda a sábado, em unidades da Prefeitura Municipal, em geral os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializada da Assistência, além do Centro de Manutenção da Secretaria da Mulher, Assistência Social e Cidadania (Semasc).

e migrantes venezuelanas tendem, como se evidencia nos relatos qualitativos desta pesquisa, a enfrentar dificuldades adicionais à sua inserção laboral: além da ocorrência de maridos que as proíbem de trabalhar fora e de participar em cursos diversos; as mulheres cuidam de filhos que, frequentemente, as acompanham nas aulas, como o de artesanato. Elas têm dificuldades adicionais para se concentrar

no conteúdo das aulas pela presença dos filhos. Trabalhar essas questões requer, na avaliação de participantes da pesquisa qualitativa, o envolvimento de todo o arranjo familiar. Demonstrar à família que para o futuro dos filhos é importante a educação formal; demonstrar à família que, se dois conseguem exercer atividades remuneradas, têm maior probabilidade de conquistar os proventos para a autonomia do grupo.

Estratégias para desenvolvimento de meios de vida

As estratégias propostas que possam contribuir com a perspectiva da conquista de autonomia, por princípio, devem apontar para saídas de ação coletiva e de organização comunitária autogerida para a construção de meios de vida que remetam a elementos da cultura e modos de vida dessas etnias. As escolhas devem, preferencialmente, partir sempre da comunidade, em amarração de comprometimento e não “tutela” imposta.

De maioria Warao, a população indígena venezuelana refugiada e migrante em Boa Vista e em Manaus tem sobretudo origem rural: 84,4% nasceram em comunidades étnicas, principalmente localizadas às margens de rios ou igarapés denominados *caños*, em distintas regiões do delta do Orinoco. No processo de degradação das condições de vida que se aprofundou com a crise econômica e social na Venezuela, entre o nascimento dos respondentes e o semestre que antecedeu a jornada deles para o Brasil, aqueles que moravam em área urbana cresceram de 15,6% lá nascidos para 33%. Havia, portanto, na origem, um processo de migração para as cidades em busca da sobrevivência, que antecedeu o deslocamento para o Brasil.

Na origem, atividades que geravam renda para as famílias – conforme demonstrado no *survey*: eram a **agricultura** – plantio e comercialização (53,3%); o artesanato (28,7%); e a pesca (37,1%). Na agricultura, 86,1% das famílias refugiadas e migrantes indígenas em Boa Vista e em Manaus tiveram, em algum momento de sua trajetória, pelo

menos um de seus membros trabalhando. Em respostas múltiplas, foram descritos plantios dos seguintes produtos: banana (96,5%) – uma variedade de tipos chamados *plátano*, *topocho*, *cambur* –; *ocumo chino* (91,9%); milho (86,9%); *ayuyama e/o ocumo blanco* (84,2%); batata doce (77,3%); aru (63,8%) – amido extraído da palma de buriti –; melancia (58,8%); e melão (55,4%).

No campo dos serviços, foram mais mencionadas as atividades: cozinheira(o) e/ou auxiliar de cozinha (12,6%); funcionários(as) públicos(as) (9,6%); emprego doméstico (7,9%); trabalho manual e/ou carga/descarga (7,3%); construção civil (7%); serviços gerais – sem especificação – (6,6%); ambulante (5,6%); entre outros com menor frequência de citação como venda produtos em casa/comércio; emprego no comércio; costura (4,3%); agente comunitário (3%); assistente social e tradutor (2%); emprego na área da saúde – enfermagem, auxiliar de enfermagem. Também foram atividade apontadas em baixa frequência de citação: serviços de limpeza; pecuária/ordenha; fabricação de queijos; serralheiro; fazendeiro; indústria petrolífera; garimpo, mineração; avicultura; camareira; motorista; madeireira/corte madeira; confeitaria; sapataria; pastelaria; fabricação/venda de pães.

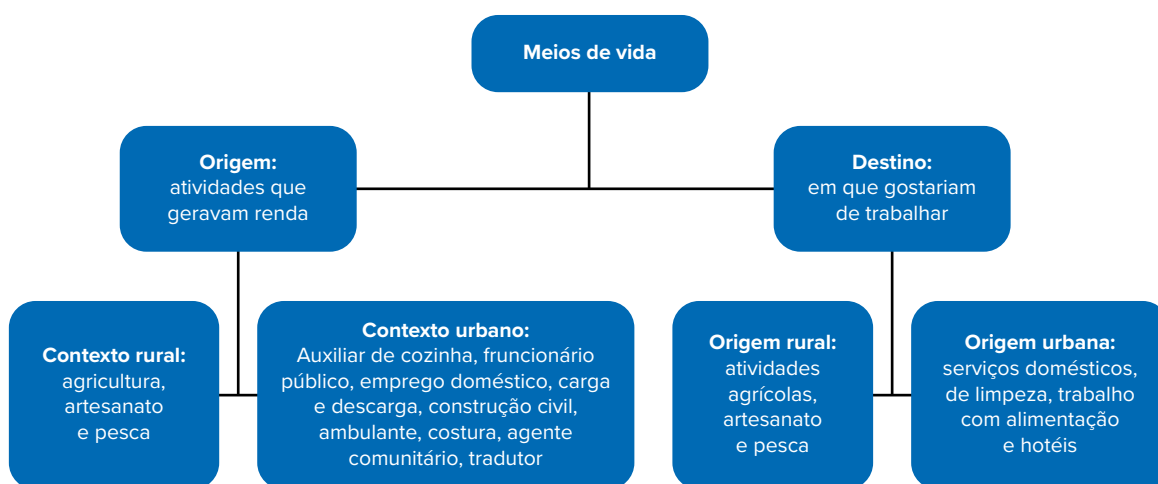
No destino, o que gostariam de fazer – A preferência por atividades agrícolas está mais presente entre pessoas que viviam na área rural antes de se mudar para o Brasil; serviços domésticos, serviços de limpeza e

manutenção em estabelecimentos, serviços em estabelecimentos de alimentação e hotéis são mais frequentes entre pessoas que viviam na área urbana. Em respostas múltiplas, o trabalho na agricultura familiar é a atividade apontada como a preferida com a maior frequência de ocorrência (45%) entre

as famílias, o que se explica pela origem rural da maior parte dos respondentes da amostra. Artesanato (40,4%) é a segunda atividade mais informada, seguida por serviços domésticos (24,8%) e serviços gerais de limpeza e manutenção (24,8%).

Figura 44

Meios de vida na origem e atividades que gostariam de desenvolver no destino



Agricultura, artesanato e pesca são atividades exercidas na origem principalmente pela maioria que vivia no contexto rural e, são atividades nas quais já têm experiência e gostariam de continuar a exercer no Brasil. Esse grupo de fazeres pode ser potencializado por meio de cursos de qualificação – como já ocorre com iniciativas para o artesanato – mas, sobretudo, com a organização da produção em formas de cooperativa.

Importante assinalar, como emerge da pesquisa qualitativa, a observação de que, antes da oferta de iniciativas para a qualificação, seja aberta a consulta para que as próprias pessoas indígenas se manifestem livremente quanto ao desejo de integrar ou não os cursos. Obviamente e, por consequência que se demonstra nos modelos de regressão apresentados na análise dos dados de *survey*, a alfabetização e o domínio da língua portuguesa são variáveis que impactam e explicam a participação em cursos. Independentemente do conteúdo do que venha a ser ministrado, a adesão e o

aproveitamento de quem participa requerem a solução dessas questões estruturais.

Como recondução a uma organização da vida cotidiana minimamente equacionada e apoio no desenvolvimento de meios de vida para as pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas, sugere-se, em decorrência das características na origem e expectativas para meios de vida no destino, que os atuais centros de acolhimento sejam animados por atividades agroecológicas e agroflorestais contínuas, em parcerias com grupos de agricultores locais e/ou cooperativas de agricultores. A produção de canteiros coletivos nos centros de acolhimento geraria alimentos para os próprios abrigos, recursos para os indígenas envolvidos na produção, assim como permitiria a troca de gêneros alimentícios com outros agricultores locais. Além disso, essa atividade de produção operaria como uma iniciação e ambientação para a produção e comercialização agrícola autônoma – uma espécie de estágio preparatório para que as pessoas indígenas,

a partir dela, pudessem começar a planejar e estruturar as suas próprias cooperativas.

Assim como se sugere para a promoção dos cursos de alfabetização, expressão e comunicação em língua portuguesa, elementos estruturantes para a integração e autonomia, aqueles que participam das atividades produtivas nos canteiros coletivos, teriam o benefício de extensão da sua permanência nos abrigos por tempo a ser determinado. Nesse período, simultaneamente, os demais membros das famílias também estariam inseridos no processo de alfabetização e aprendizado da língua portuguesa, o que permitiria à família um período de preparação para buscar a sua inserção laboral de forma mais autônoma.

Uma vez ambientados com a produção e comercialização de produtos agrícolas, as pessoas indígenas venezuelanas seriam estimuladas a organizar as suas cooperativas autogeridas, com alguma orientação no âmbito da gestão, assumindo o protagonismo de seu destino. Tal estratégia tem potencial para reunir grupos de famílias interessados nesse conjunto de atividades para meios de vida presente na origem e desejado no destino: agricultura, artesanato e pesca, cada qual com parcerias específicas. Inclusive, a pesquisa qualitativa traz informações de que em Manaus houveram migrações de famílias para Belém, a partir das informações que receberam daquela cidade, interessadas em trabalhar nas atividades de pesca e de agricultura.

Falta de engajamento em cursos de qualificação

No âmbito da formação individual, ser iletrado e não ter proficiência em português acarretam consequências também para a aprendizagem, inclusive dificultando a participação em cursos de qualificação profissional. Por hipótese que aqui se formula, essas variáveis em interação explicam falta de engajamento em cursos de qualificação profissional: sem conseguir

Como eles fazem tudo em comunidade aqui, o gerenciamento comunitário, vamos colocar a gestão própria. Em princípio, não o microempreendedor. Mas algo que seja como uma cooperativa. Que seja uma representatividade deles. Que a gente consiga vê-los, além daquela mulher que sabe só fazer artesanato... nós temos cozinheiras, nós temos costureiras, nós temos babás, nós temos professoras da própria cultura e pode ser pensado numa política junto que abranja também a criança e o adolescente. Nesse sentido de criar espaços próprios com a própria comunidade; desenvolvendo deles para eles. E não chamando eles para participar de uma reunião como ouvinte. Por que o que eu mais vejo? Estou chamando a comunidade para fazer parte de uma atividade, de uma plataforma, de alguma capacitação, mas a gente vê, na verdade, eles encolhidos, calados. . (Assistente social, desde 2016 trabalhando em apoio às pessoas refugiadas e migrantes no Brasil, Manaus, EP em 10.11.22)

Tais iniciativas têm potencial para a promoção de uma cotidianidade menos ameaçadora, com objetivo de promover um grau mínimo de estabilização, reduzindo a oscilação e a instabilidade que caracteriza a permanência dos núcleos familiares refugiados e migrantes indígenas nos locais de chegada, iniciais ou secundários, em seus deslocamentos.

ler e anotar os conteúdos ministrados; com dificuldade para compreender as explicações orais e sem ter passado pelos bancos escolares que, em alguma medida, são um treinamento para o aprendizado, alcançar novos conteúdos no país de destino torna-se uma corrida de muitos obstáculos.

Mulheres, o difícil percurso para a autonomia

As mulheres tendem a enfrentar dificuldades adicionais: filhos que frequentemente as acompanham nas aulas de cursos de qualificação tendem a competir pela

atenção delas com o conteúdo ministrado. Além disso, os maridos e/ou companheiros podem se opor a que se empreguem em atividades regulares fora de casa.

Inserção laboral precária e rendimentos insuficientes para o sustento

A inserção profissional das pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas em Boa Vista e em Manaus, quando se dá, é informal, em atividades de baixa qualificação e remuneração insuficiente para a sobrevivência das famílias.

Geralmente, é auxiliar de limpeza, para trabalhar em questões de limpeza, estoquista... É mais esse trabalho braçal. Organizar espaços de estoque de materiais, tipo materiais de construção, nós temos, também, alguns inseridos em trabalhos como caseiros aqui, que aí são espaços que o pessoal tem sítio, algum espaço assim que eles costumam tomar conta, cuidar(...) Mas, com o indígena, eu posso responder que sim, existe essa dificuldade maior para a inserção laboral. E aí bem específico mesmo essas duas questões: a qualificação profissional, que a do indígena é bem menor do que a do venezuelano não indígena, e a barreira linguística, a dificuldade maior que eles têm de se comunicar, porque entre eu contratar um indígena para trabalhar... – Aí eu vou ser bem prática, né? – para trabalhar lá no restaurante, entre um indígena e um não indígena, o empresário vai dar sempre preferência ao não indígena que vai falar o espanhol, ele vai conseguir se comunicar com o cliente de forma mais rápida, ou melhor do que o indígena.

(Representante da Prefeitura Municipal de Manaus, que atua em programas de assistência social às populações vulneráveis)

Auxiliar de construção civil. Auxiliar de pedreiro, né? Ajudante de construção civil. É o que mais nós vemos. Eu não vejo o indígena Warao, por exemplo, ajudando a carregar e descarregar carretas, como aqui costumam fazer grandes indústrias. Não. Porque até para você deixar currículo no supermercado, você tem que ter

nível médio. E muitos não têm. (Assistente social, desde 2016 trabalhando em apoio às pessoas refugiadas e migrantes no Brasil)

Aqueles que conseguem se inserir precariamente no mercado laboral enfrentam, com alguma frequência, a exploração do trabalho e a discriminação, com salários menores em relação aos trabalhadores brasileiros.

Apesar da inserção informal, rendimentos insuficientes para a manutenção das famílias em espaços autônomos e frequentes situações de exploração no trabalho, – com pagamentos menores feitos a trabalhadores indígenas venezuelanos em relação aos trabalhadores brasileiros, apesar do maior volume de tarefas exigidas –, essa população se esforça para seguir com as atividades remuneradas e resistir às difíceis condições de sobrevivência. Em geral, enquanto os maridos e/ou companheiros saem para lutar pelas diárias; as mulheres saem para fazer a coleta nas ruas, acompanhadas dos filhos. Homens também fazem coleta, mas em menor frequência.

Com o passar do tempo, contudo, o diagnóstico de que dificilmente conseguirão melhorar as condições de vida se impõe para muitas das pessoas indígenas venezuelanas refugiadas emigrantes. Nesse sentido, novas migrações se apresentam particularmente atraentes, a esperança viva de uma existência melhor. Apesar de nem sempre demonstrarem autonomia para procurar emprego, acessar serviços de saúde e serviços da educação pública para os filhos – iniciativas sempre mais difíceis a quem não domina o idioma – há grande disposição para novo deslocamento, para correr atrás de um sonho que se anuncia por um parente, conhecido ou familiar.

Deslocamento no Brasil

Pessoas indígenas refugiadas e migrantes venezuelanas no Brasil deslocam-se com muita facilidade, de acordo com constatação de cinco participantes desta pesquisa qualitativa que trabalham no acolhimento e em projetos diversos com essa população. Como hipótese para a explicação de partir está a dificuldade para a sobrevivência, que não se resolve quando a inserção laboral ocorre, pois é extremamente precária, resultando em rendimentos do trabalho insuficientes para as despesas da família com comida e aluguel em espaços autônomos. Adicionalmente, registra-se a percepção de exploração do próprio trabalho, com mais cobrança de tarefas e menos ganhos, na perspectiva comparada com trabalhadores brasileiros.

Esses fatores convergem para certa rapidez em partir, trazida pela novidade do familiar, do amigo ou do conhecido que estaria obtendo algum benefício adicional em outro canto do país, que pode ser – num cálculo de custo-benefício – mais compensador do que se submeter a condições precárias de trabalho, que rendem aquém do necessário para pagar casa e comida.

A notícia de que em alguma cidade do Brasil está sendo ofertado abrigo e comida, ainda

que imprecisa, tem rápida aderência pelo desejo e expectativa de um novo recomeço. É o suficiente para inflar a esperança – em geral primeiro nas mulheres da família – de que as coisas estejam melhores adiante, para a busca legítima de uma vida melhor, conforme relata a assistente social entrevistada para esta pesquisa, há oito anos trabalhando com pessoas refugiadas e migrantes em Manaus.

Tal comportamento se reverte em um problema adicional para a empregabilidade, sobretudo porque em geral, esses processos de deslocamento de pessoas indígenas venezuelanas ocorrem coletivamente, deixando essa população associada à imagem de que não permanecerá por muito tempo naquele trabalho.

Diferentemente daqueles que partiram em busca de abrigo em outras cidades, há também deslocamentos motivados pela possibilidade de trabalho, sobretudo na pesca e na agricultura, como se justificam deslocamentos para o estado do Pará. É o que revela a representação de organização da sociedade civil que trabalha com pessoas refugiadas e migrantes. Essa é uma busca que segue a direção de experiências e modos de vida muito presentes na origem e desejados também no Brasil, país de destino.

